

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

PRISCILLA LOPES BRUNO

**Dentro da canoa de voga: uma relação socioambiental entre os caiçara-
pescador e o turismo de sol e praia, na praia do Perequê Açú, Ubatuba**

São Paulo
2020

PRISCILLA LOPES BRUNO

Dentro da canoa de voga: uma relação socioambiental entre os caiçara-pescador e o turismo de sol e praia, na praia do Perequê Açú, Ubatuba

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 01 de dezembro de 2020. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Desenvolvimento do Turismo

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Raimundo

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Bruno, Priscilla Lopes

Dentro da canoa de voga: uma relação socioambiental entre os caiçara-pescador e o turismo de sol e praia, na praia do Perequê Açú, Ubatuba / Priscilla Lopes Bruno ; orientador, Sidnei Raimundo – 2020.

175 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo

Versão corrigida

1. Turismo - Ubatuba (SP) - Impactos socioambientais. 2. Turismo de lazer - Ubatuba (SP). 3. Turismo litorâneo - São Paulo. 4. Caiçaras - Ubatuba (SP). 5. Pescadores - Ubatuba (SP). I. Raimundo, Sidnei, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 910.98161

Nome: BRUNO, Priscilla Lopes

TÍTULO: Dentro da canoa de voga: uma relação socioambiental entre os caiçara-pescador e o turismo de sol e praia, na praia do Perequê Açú, Ubatuba

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Área de Concentração:
Desenvolvimento do Turismo

Aprovada em: 01 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles

Instituição: Universidade São Paulo (USP – EACH)

Profa. Dra. Madalena Pedroso Aulicino

Instituição: Universidade São Paulo (USP- EACH)

Prof. Dr. Dennis Minoru Fujita

Instituição: Universidade Santo Amaro (UNISA)

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu irmão Paulo Heitor Lopes Bruno (08/01/1969-24/08/2017), que durante sua vida sempre me incentivou aos estudos. Sua paixão por Ubatuba foi o grande ensejo de querer estar sempre perto desta cidade. O mar azul, as águas cristalinas, o surf, os amigos, são lembranças que tenho de você nesta cidade maravilhosa. Obrigada por todo ensinamento, tanto material como espiritual. Obrigada por ser meu irmão nesta vida. Te amo!!!

E também dedico esta obra ao Sr. Pedro Paulo Teixeira Pinto, Presidente Diretor da Fundart (Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba), por ter me recebido em sua casa, com muito carinho, explicando sobre sua trajetória como Prefeito e suas benfeitorias turísticas ao Bairro do Perequê Açú. Ao sair de sua casa as 16h00 da tarde do dia 26 de julho de 2019, em plena satisfação por sua entrevista, onde concedeu várias gentilezas, ao acordar no dia seguinte, recebi uma mensagem da COMTUR de Ubatuba, notificando seu falecimento, sendo assim essa foi a última entrevista e contribuição história que ocorreu em sua vida e só tenho a agradecer a Deus por essa oportunidade e por ter conhecido este Grande Homem - Paulo Teixeira Pinto (19/10/1939 a 26/07/2019).

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho, em especial a orientação do Prof. Dr. Sidnei Raimundo que me apoiou e sempre me incentivou a buscar novos rumos a minha pesquisa.

Ao meu Pai e Família pelo apoio incondicional.

Ao Sr. Celso Teixeira Leite e sua esposa Ivete Fernandes Teixeira Leite, por me receberem em suas casas e dar o “norte” dessa pesquisa, pois foram as primeiras pessoas quem entrevistei em Ubatuba.

Para todos os caiçaras pescadores que dedicaram seu tempo e mostraram um pouco da sua rotina nas várias visitas que foram feitas ao Rancho dos Pescadores, são eles: Sr. Leopoldo de Souza, José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), Manoel do Santos (Neco); Manoel Nunes (Deco) e Wlademir Silva, sem as suas contribuições esta dissertação não seria possível.

Ao Sr. Eduardo de Souza César e ao Sr. Euclides Luiz Vigneron (Zizinho), por contribuírem de forma histórica e técnica a esta dissertação.

A todos os proprietários de quiosques do Perequê Açu, em especial ao Sr. Gerson Omezo (Recanto do Japa) pelas horas dedicadas a este trabalho. E a Sra. Marcela Castilho - Secretária da Associação dos Quiosques das praias de Ubatuba.

Á todos que contribuíram revivendo suas histórias, especialmente a Sra. Cecília Bergamini por todo carinho e gentileza em me recebeu em sua casa, contando a história e trajetória de sua mãe, proprietária do Hotel Jangadeiro. Ao Sr. Edson Silva e ao Sr. Odaury por mostrar e cederem seu acervo fotográfico, enriquecendo este trabalho com fotografias históricas e memoráveis de Ubatuba.

Ao Sr. Marcio José dos Santos, Gestor da APA Marinha e a Sra. Valéria Cress Gelli, Secretária de Agricultura e Pesca do Município de Ubatuba.

Quero agradecer de coração ao Sr. Maurici Romeu, presidente da Colônia Z10, que concedeu uma entrevista antes de seu falecimento e que foi de grande valia e ajuda.

A todos os funcionários da Biblioteca Municipal de Ubatuba pela dedicação e paciência em me orientar nas pesquisas bibliográficas.

E em especial ao meu amigo de infância Newton Sérgio de Oliveira, por me acompanhar nas visitas de campo e realizar algumas fotografias com seu *drone*.

Poema do Caiçara - Pescador

De dentro da canoa de voga eu
pescava com o meu pai,
De dentro da canoa de voga eu trago o
sustendo do meu lar,
De dentro da canoa de voga eu vejo os
meus filhos se criar,
De dentro da canoa de voga eu vejo a
minha terra se transformar,
De dentro da canoa de voga eu vejo o
turista chegar,
De dentro da canoa de voga eu vejo a
minha herança se afogar,
De dentro da canoa de voga eu vejo a
injustiça no meu mar.
De dentro da canoa de voga...

O turismo chegou para me ajudar, mas
também transformou o meu lugar.
Já não vivo onde vivia.
Já não moro onde morava.
Já não pesco onde pescava.
Sou filho dessa terra e desse mar,
minha sabedoria é milenar,
Mas hoje... Não tenho terra e nem mar,
Estão tirando de mim o sustento do
meu lar.

Olhe para mim,
Olhe para minha cultura,
Olhe para os meus costumes,
Sou pescador tradicional e necessito
desse mar.
Me ajude, me socorra,
Sou caiçara - pescador desse grande
mar.

(Priscilla Lopes Bruno, 07 de julho de 2019)

RESUMO

BRUNO, Priscilla Lopes. **Dentro da canoa de voga:** uma relação socioambiental entre os caiçara-pescador e o turismo de sol e praia, na praia do Perequê Açú, Ubatuba. 2020. 175p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Versão original.

O presente estudo analisou a produção do espaço e territorialidades na praia do Perequê Açú, no município de Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo, tendo como objetivo discutir as transformações socioespaciais e econômicas sofridas pelo grupo tradicional caiçara-pescador. Optou-se por um método de abordagem etnográfica, de pesquisa qualitativa e exploratória, com aplicação de entrevista dirigida com as principais lideranças do passado e do presente envolvidas na transformação da localidade de Pereque-Açú (5 de 10 caiçaras moradores do local), bem como turistas (90 entrevistados) nos meses de janeiro e julho de 2019 e janeiro de 2020. Os resultados indicaram que a região possui atratividade turística bem como o fenômeno de especulação imobiliária, incluindo-se o fenômeno de segunda residência não ocorreu de forma negativa para o grupo caiçara, mas não de forma tão intensa como em outras localidades com alta verticalização das construções. As entrevistas com o grupo caiçara revelaram que no contexto de manutenção de sua cultura, houve impactos como o deslocamento do Rancho de Pesca para uma zona periférica da praia, porém, compreendem a importância do Turismo e do Turista para a manutenção e preservação do seu modo de vida, sendo necessária maior atuação do poder público para este fim, conforme coletado nas entrevistas. Torna-se necessário que ocorra um Planejamento de Turismo de Base Comunitária que envolva o poder público local para que ocorra a manutenção e preservação da cultura caiçara como patrimônio imaterial bem como para a sobrevivência da identidade local.

Palavras-chave: Produção do Espaço. Turismo de Veraneio. Residência Secundária. Caiçara-Pescador. Perequê-Açú. Ubatuba.

ABSTRACT

BRUNO, Priscilla Lopes. **Inside the trendy canoe:** a socio-environmental relationship between caiçara-fisherman and sun and beach tourism, at Perequê Açú beach, Ubatuba. 2020. 175p. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2020. Original version.

This study analyzed the production of space and territorialities at Perequê Açú beach, in the municipality of Ubatuba, on the northern coast of the state of São Paulo, with the objective of discussing the socio-spatial and economic transformations suffered by the traditional caiçara-fisherman group. We opted for a method of ethnographic approach, of qualitative and exploratory research, with the application of an interview directed with the main leaders of the past and present involved in the transformation of the locality of Perequê-Açú (5 of 10 caiçaras residents of the place), as well as tourists (90 respondents) in the months of January and July 2019 and January 2020. The results indicated that the region has tourist attractiveness as well as the phenomenon of real estate speculation, including the phenomenon of second residence did not occur in a negative way for the caiçara group, but not as intensely as in other locations with high verticalization of buildings. The interviews with the caiçara group revealed that in the context of maintaining their culture, there were impacts such as the displacement of the Fishermen's Ranch to a peripheral area of the beach, however, they understand the importance of Tourism and the Tourist for the maintenance and preservation of their way of life, requiring greater action by the government for this purpose, as collected in the interviews. It is necessary that there is a Community Based Tourism Planning that involves the local public authorities so that the maintenance and preservation of the caiçara culture as an intangible heritage occurs as well as for the survival of the local identity.

Keywords: Space Production. Summer Tourism. Second Home Tourism. Caiçara-Fisherman. Perequê-Açú. Ubatuba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Placas do Rancho dos Pescadores	31
Figura 2 – Rancho de Pesca do Perequê Açú	34
Figura 3 – Inauguração do Rancho de Pesca do Perequê Açú, 2007.....	35
Figura 4 – Caiçara- pescadores trabalhando no Rancho de Pesca do Perquê Açú.	42
Figura 5 - Município dos Limites de Ubatuba	70
Figura 6 - Estrada Oswaldo Cruz (Alto da Serra), 1946/47	74
Figura 7 - Estrada Oswaldo Cruz pavimentada pelos presidiários, 1959	75
Figura 8 - Perequê Açú e suas divisas territoriais	79
Figura 9 – Visão aérea da Praia do Perequê Açú, 2019	80
Figura 10 – Visão aérea da Praia do Perequê Açú, 1952	81
Figura 11 – Praia do Perequê Açú, canto direito (sul), entre a década de 1950 e 1960	82
Figura 12 - Parcelamento do Solo, Bairro do Perequê Açú	83
Figura 13 – Primeiros Loteamentos da Praia do Perequê Açú, 1952	86
Figura 14 – Rancho do Galo na praia do Perequê Açú, década de 1960	86
Figura 15 – Casas de Veraneio no Bairro do Perequê Açú	88
Figura 16 – Vista das Pontes antigas de Madeira do Perequê Açú, s/d	90
Figura 17 – Ponte nova de Concreto, acesso ao Bairro do Perequê Açú	91
Figura 18 – Vestígio da Ponte do século 19.....	92
Figura 19 – Ocupação Territorial da Praia do Perequê Açú, 2019	93
Figura 20 – Parquinho ecológico na Praia do Perequê Açú, 2019.....	94
Figura 21 – Hotel Jangadeiro de frente a Praia do Perequê Açú, anos 1960.....	97
Figura 22 – Hotel Jangadeiro no ano de 1983	98
Figura 23 – Condomínio Residencial no Hotel Jangadeiro, 2019	99
Figura 24 – Inauguração do Terminal Municipal Turístico, 1987	102
Figura 25 – Placa de Inauguração do Terminal Municipal Turístico, 1987	103
Figura 26 – Terminal Municipal Turístico, 1990	104
Figura 27 – Quiosques da praia do Perequê Açú, verão 2019/2020	107
Figura 28 - O caiçara-pescador observando as condições do mar para pescar e seu elo com a natureza	110
Figura 29 - Caiçara-pescador vendendo o pescado com tecnologia, no Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú	115

Figura 30 - Caiçara-pescador voltando da pesca	117
Figura 31 - Canoa de Voga carregando as mercadorias, primeira metade do século XX, Ubatuba	118
Figura 32 - Canoa de Voga com 8 passageiros, início do século XX, Ubatuba	118
Figura 33 - Canoa de Voga navegando, vista geral da colônia correcional, Ilha dos Porcos, atual Ilha Anchieta, centro de Ubatuba	119
Figura 34 - Canoa Caiçara na hora do <i>Rush</i> , Praia do Itaguá, Ubatuba	120
Figura 35 - Feitio da Canoa Caiçara, <i>de um pau só</i> , em Ubatuba	122
Figura 36 - Canoa Caiçara no Rancho dos Pescadores, na praia do Perequê Açú	124
Figura 37 - Mulher Caiçara trabalhando no Rancho dos Pescadores, Perequê Açú	127
Figura 38 - Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte, incluindo a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) de São Sebastião	135
Figura 39 - Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte, Setor Cunhambebe	136
Figura 40 - Protestos dos Pescadores contra APAMLN, no Saco da Ribeira em Ubatuba	137
Figura 41 – Antigo Rancho de Pesca, s/d	149

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Relação Setorial do Perequê Açú – Desmembramento do Bairro.....	84
Quadro 2 - Relação Setorial do Perequê Açú – por data de fundação	85
Quadro 3 – Calendário de Defeso do Estado de São Paulo.....	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de entrevistados e ocupação	48
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 O ESPAÇO DO CAIÇARA-PESCADOR	21
2.1 O Entendimento do Espaço Bairro Perequê Açú.....	21
2.1 Território do Caiçara-Pescador	27
2.2 O Rancho de Pesca	32
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	37
3.1 Observação Não Participante	39
3.2 Pesquisa Bibliográfica e Documental	43
3.3 Entrevista Dirigida	45
3.4 Amostragem por Saturação	49
3.5 Sistematização dos Resultados da Pesquisa	50
3.6 Limitações da Pesquisa	51
4 A INVENÇÃO DA PRAIA E O TURISMO DE SOL E PRAIA	53
4.1 O despertar da Praia como recurso Turístico	53
4.2 Turismos de Massa (Sol e Praia)	60
4.3 Turismo de Veraneio	65
5 BALNEÁRIO DE UBATUBA E A PRAIA DO PEREQUÊ AÇÚ	70
5.1 Ubatuba um destino de vilegiatura	70
5.2 A praia do Perequê Açú	79
5.2.1 O desenvolvimento do Bairro Perequê Açú	80
5.2.2 Hotel Jangadeiro	96
5.2.3 O Terminal Turístico Municipal	101
5.2.4 Os Quiosques da praia do Perequê Açú	106
6 CONHECENDO O CAIÇARA-PESCADOR	109
6.1 O Caiçara e sua origem	109
6.2 O Caiçara – Pescador e a sua Canoa	114
6.3 A Pesca Artesanal do Caiçara-Pescador	125

6.4	Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte (APAMLN)	134
6.5	Colônia dos Pescadores Z10, Ubatuba	139
6.6	O Caiçara, o Turismo e seus Conflitos	145
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	154
	APÊNDICE A - Modelo do Roteiro da Entrevista: Pescador/Caiçara (Rancho)	164
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	167
	APÊNDICE C - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz	169
	APÊNDICE D - Entrevista – Colônia dos Pescadores	170
	APÊNDICE E - Entrevista com o Turista (Veranista) da Praia do Perequê Açú	171
	APÊNDICE F - Entrevista com os Quiosques da Praia do Perequê Açú	172
	ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP (Plataforma Brasil)	173

1 INTRODUÇÃO

A praia é um lugar de fascínio para uma parcela significativa da sociedade, que busca “um lugar ao sol” para relaxar, contemplar a natureza, “repor as energias” e até outras práticas sociais nos períodos de veraneio.

Este espaço se torna cada vez mais convidativo à medida que a permanência à beira mar aumenta pelas inúmeras possibilidades de práticas esportivas e recreativas, como bares e quiosques de praia dentro dela. O aumento do fluxo de turistas às praias consolida esta atividade como uma forma de lazer moderno, onde as pessoas buscam desde o turismo contemplativo ao processo de resiliência para o retorno ao seu equilíbrio físico e psíquico.

O “turismo de sol e praia”, que se categoriza como um tipo de turismo de massa vem se expandindo de forma rápida nos destinos turísticos que se localizam na faixa litorânea sendo bem requisitado, principalmente no verão, fenômeno este denominado de “veranismo”.

O município de Ubatuba, localizado no litoral norte do Estado de São Paulo, é uma cidade característica do “turismo de sol e praia”, e recebe milhares de turistas tanto no verão quanto em outros períodos do ano. Nesta localidade há comunidades caiçaras que estão estabelecidas ao longo de todo o seu litoral.

A história do município se inicia para a atividade turística no final de 1969, com a pavimentação da Rodovia Oswaldo Cruz, estrada que liga Taubaté a Ubatuba, tendo maior incremento por volta de 1975 com a conclusão do trecho de Ubatuba da rodovia BR-101, gerando o processo de turismo de segunda residência que molda as características atuais do município, ou seja, a melhoria do acesso valorizou e refuncionalizou o espaço.

A ressignificação do espaço com a atividade turística e inerente especulação imobiliária ganha maior intensidade com a ampliação e asfaltamento da BR-101, rodovia Rio-Santos, que interliga o planalto com as várias rodovias como a Tamoios, Oswaldo Cruz, Mogi-Bertioga, Imigrantes e Anchieta, facilitando a mobilidade de mais viajantes para o município de Ubatuba.

A praia do Perequê Açu, foco de estudo dessa pesquisa, localiza-se na região central de Ubatuba, 1,5 km do centro da cidade, tendo seu acesso pelo centro da cidade ao se cruzar a ponte do Rio Grande ou pela Rodovia Rio-Santos, sentido

Ubatuba-Paraty. Neste bairro há um grupo caiçara que trabalha com a pesca artesanal, estabelecidos em um Rancho de Pesca, vinculado a Colônia dos Pescadores Zona Z10 de Ubatuba.

O território do caiçara-pescador foi introduzido e demarcado na praia do Perequê Açú pelo advento da construção do Rancho dos Pescadores, este espaço é um marco histórico para essa população local, sendo conquistado através de uma luta árdua por anos. O Rancho representa um espaço onde podem exercer suas práticas tradicionais e com segurança (local para guardar seus apetrechos de pesca), sendo um potencial atrativo turístico, onde as pessoas poderiam conhecer a cultura da pesca artesanal bem como da forma de vida caiçara.

Neste sentido, temos como **hipótese** principal que estas transformações do espaço podem ter gerado impactos positivos e negativos junto a esta comunidade local, sendo necessário entender como a atividade turística pode contribuir para a manutenção e sustentabilidade desta localidade.

A **justificativa** de estudar o bairro do Perequê Açú e da comunidade tradicional local (o caiçara) se deu, em primeiro lugar, pelo levantamento de estudos científicos, constatando-se que há pesquisas com foco na atividade pesqueira, no saneamento básico da praia do Perequê Açú, entre outras áreas de estudo, porém, uma grande carência de trabalhos acadêmicos na área do turismo sobre o bairro em si bem como da relação do fenômeno/atividade e o grupo caiçara-pescador local. Outro potencial se relaciona ao fato de podermos desenvolver alicerces para o desenvolvimento de um Turismo de Base Comunitária, pois mesmo sendo um bairro litorâneo mais próximo ao centro da cidade de Ubatuba, ocorreu um desenvolvimento tardio em termos de infraestrutura em razão da presença dos pescadores caiçaras devido a certo desinteresse do poder público local. De maneira que esta pesquisa aprofundou-se de forma objetiva em como o grupo foi beneficiado e como contribuiu para o fluxo turístico no bairro e na própria praia. O trabalho se torna importante, quando se verifica a inexistência de maiores pesquisas sobre o tema “turismo” nos limites do bairro do Perequê Açú.

Outro fato importante está na questão de poder analisar a importância de um Rancho dos Pescadores para a manutenção de uma comunidade pescadora, sendo um forte elo entre os turistas da praia, o espaço e o agente ativo – os caiçaras. Ao entender o relacionamento entre o caiçara-pescador, as suas tradições e a forma como está inserido no contexto turístico econômico local, esta pesquisa pode

contribuir para que as futuras gerações tenham registro de uma parte de sua identidade, bem como podem melhorar a sua qualidade de vida e possibilidades de fixação no local por meio da atividade turística com o aprimoramento das relações econômica, social e espacial.

Neste sentido, para se compreender as tradições do caiçara-pescador da praia do Perequê Açú e sua relação com o turismo de “sol e praia”, esta pesquisa teve como **objetivo geral** discutir as transformações socioespaciais do território e os impactos socioeconômicos causados pela atividade turística no grupo tradicional local.

Os **objetivos específicos** dessa pesquisa se constituíram em:

- Identificar qual o papel do Rancho dos Pescadores da praia do Perequê Açú dentro da cultura caiçara;
- Entender o processo de transformação territorial e as influências da atividade turística nas práticas socioculturais da população caiçara;
- Caracterizar as atividades caiçaras ligadas a suas representações materiais e simbólicas.

A escolha do objetivo desta pesquisa se deve pela percepção da transformação do bairro e seus impactos ao longo dos anos e, também pela presença dos caiçara-pescadores que fazem parte da paisagem e possuem um relacionamento constante com o turismo de veraneio.

Os Caiçaras Pescadores, como destaques da análise, foram entrevistados entre janeiro de 2019 a de janeiro de 2020 (5 de 10 pescadores) e retratados com o máximo de fidelidade sobre suas informações, onde se inclui seus descontentamentos e críticas, além de suas explicações das técnicas de pesca artesanal utilizadas, tudo visando às consequências de seu comportamento ao participar das atividades turísticas.

Os registros históricos obtidos junto aos antigos moradores e empresários, citados no corpo do trabalho, trazem informações sobre a época do início do desenvolvimento e ocupação do bairro do Perequê Açú, quando mencionamos as construções de casas de veraneio e dos equipamentos de hospedagem e de lazer.

Com relação à percepção e qualidade da atividade turística na praia de Perequê-Açú foram aplicadas 90 entrevistas a turistas nos períodos de janeiro e julho de 2019 e janeiro de 2020, sendo o TCLE aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da EACH-USP.

Para construir esta pesquisa foi pensada uma estruturação nas seguintes sessões, além da introdução (**Sessão 1**) e das considerações finais: na **Sessão 2** temos a discussão estruturada no contexto da análise espacial, que segundo Milton Santos, divide-se em forma, função, estrutura e processo. Num segundo momento apresentou-se as questões de Território diante da lógica do caiçara-pescador, a representatividade de seu Rancho de Pesca e como o caiçara e o Rancho estão inseridos no advento do turismo de veraneio; e, a influência do fenômeno de segundas residências e a correlata especulação imobiliária na localidade.

A **Sessão 3** abordou à metodologia aplicada nesta pesquisa, ou seja, os instrumentos utilizados para a elaboração da dissertação, detalhando cada técnica empregada para contemplar os objetivos propostos.

Na **Sessão 4** apresentou-se as bases teóricas do turismo, conceituando-se o espaço da praia e suas significações, o entendimento diverso sobre o turismo de “sol e praia”; e, finalmente, analisando o fenômeno de turismo de segunda residência (veraneio).

A **Sessão 5** aborda os dados do local, apresentando o território Municipal de Ubatuba e uma análise do espaço (o bairro/praias) do Perequê Açú, ponderando os objetos geográficos e iconográficos do espaço como o Hotel Jaraguá, o Terminal turístico, os Quiosques, entre outros, fazendo uma analogia do ontem (passado) e do hoje (atualmente), para melhor compreender a transformação espacial do bairro com o advento do turismo.

Na **Sessão 6** identifica-se as origens do caiçara, assim como a sua vida junto à pesca, enfocando-se também na preocupação atual da comunidade com relação à criação da APA Marinha do Litoral Norte e potenciais impactos para a Colônia de Pesca Z10 de Ubatuba. Conclui-se este item com a análise e percepção da comunidade caiçara em relação à atividade turística. As discussões desta pesquisa realizaram-se no decorrer do texto.

Este trabalho se encerra com a percepção de que a atividade turística deve ser cada vez mais incentivada dentro de um modelo de Turismo de Base Comunitária que possibilite a continuidade de tradições e sustentabilidade de populações em vulnerabilidade onde a atividade turística possa melhorar principalmente a qualidade de vida da população local. Os caiçaras de Perequê-Açú compreendem a importância do Turismo e como ele foi importante para a manutenção do seu estilo de vida, sendo necessário o aprimoramento do modelo

atual para que se proteja este patrimônio imaterial e o bem mais precioso ao caiçara-pescador que é seu espaço.

2 O ESPAÇO DO CAIÇARA-PESCADOR

O território é fonte de recursos e, ao mesmo tempo, é apropriação na produção da identidade étnica nos orientando o comportamento dos atores sociais e oferecendo sentido na estrutura e mobilização do bairro. Nesse capítulo será necessário discutir a simbologia do espaço e do território e do turismo para compreender o atual papel do caiçara-pescador nesse meio.

2.1 O Entendimento do Espaço Bairro Perequê Açú

O espaço comporta muitas definições, na área da geografia, como:

[...] o espaço como reunião dialética de fixos e de fluxos; o espaço como conjunto contraditório, formado por uma configuração territorial e por relação de produção, relações sociais; e finalmente, o que vai presidir á reflexão de hoje, o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixos, fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos (SANTOS, 2008, p.105).

Segundo o autor a configuração territorial no começo da história do homem é formada por conjunto dos complexos naturais, mas à medida que a história vai se desenrolando a configuração territorial é dada pelas obras dos homens, sejam elas pelas construções das estradas, das casas, das fabricas, das cidades, entre outras.

Para Santos (2008) a configuração territorial é o resultado da produção histórica humana, as construções nega a natureza natural existente no local.

O espaço para Santos (2008) é um sistema repleto de objetos que se auto interagem, acabam encontrando sua dinâmica e, por isso, se transformam. Se no começo da história a natureza exercia condicionantes ao processo produtivo dos homens, ao longo dela esses objetos foram sendo substituídas por fabricas, fazendas, estradas de ferro, casas, estradas de rodagem, portos, etc. Esse espaço é marcado por todos esses acréscimos técnicos (SANTOS, 2008).

Então, na visão de Santos (1985, 2008 e 2009) toda a sociedade tem seu espaço compreendido pelos sistemas técnicos, esse sistema pode ter a mesma composição em todos os lugares (cidades, estados e países) e servem aos atores

hegemônicos da economia, da cultura e da política a tendência de universalidade e unificação, trazendo conforto em qualquer sociedade que ele viver ou visitar.

É possível observar os sistemas técnicos e históricos na transformação do bairro do Perequê Açú. Antes a presença da natureza pouco transformada prevalecia, depois surgiu fazenda de criação de búfalo, e plantação de arroz, porque ali havia um mangue e conseqüentemente haviam terras alagadas, ideal para este plantio. Depois, na década de 1950 começa o loteamento no bairro, a vinda dos excursionistas da fábrica de tecelagem CTI - Companhia Taubaté Industrial, localizada em Taubaté, impulsiona a construção de casas de segunda residência, simples e modestas para atender esse público e na mesma década surge à hotelaria (Hotel Jangadeiro) em frente ao mar, era um pioneirismo da época, depois vieram os bares e restaurantes para atender a demanda de turistas, crescente dessa praia, o turismo de sol e praia começa a despontar.

A percepção do espaço, pela sociedade ou pelo indivíduo, depende da forma de sua historicização (Santos, 2008) e está fortemente baseado na percepção da mudança nos meios de vencer tanto a distância pelos objetos (transporte), como pelas ideias (comunicação).

Para compreender melhor o território e o espaço foi necessário tomar como base as categorias que Milton Santos estabeleceu para a análise geográfica do espaço, elas são constituídas pela *forma, função, estrutura, processo e totalidade*. Adyr Rodrigues (1999) também analisou essas categorias e as aplicou ao turismo. Será então, através desses dois autores que tomaremos como referência para compor a reflexão espacial do Bairro do Perequê Açú e sua transformação.

Nota-se que o espaço e a paisagem se transformam para se adaptar as novas necessidades da sociedade. “A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos” (SANTOS, 2009, p.54), ou seja, a paisagem sofre modificações humanas ou da natureza continuamente, cada vez que isso acontece se torna uma nova paisagem, isso é um fruto de modificações para poder acompanhar as transformações da sociedade, “é uma *forma* espacial presente, testemunho de formas passadas que podem ou não persistir” (RODRIGUES, 1999, p.72), onde se resulta de uma acumulação desigual dos tempos expressada pelas *formas* (categoria 1) que é o aspecto visível de um conjunto de objetos (forma espacial – casas, rede urbana e etc.), referindo-se ainda ao arranjo deles e que passam a construir uma forma espacial, nele se reportam ainda aos extratos sociais de um

local, conforme enfoca Santos (2009).

A paisagem é um notável recurso turístico, desvelando alguns objetos e camuflando outros, por meio da posição do observador, quando pretende encantar e seduzir. A paisagem corresponde à representação artístico-pictórica do mundo visível da cultura, desde o século XV (RODRIGUES, 1999, p.72).

Todos os objetos inseridos na paisagem podem ser analisados se “congelados” na paisagem, mas não são estáticos, são dotados de ações. A paisagem da praia do Perequê Açú é constituída pela vegetação nativa o “jundu”, mais evidente e preservado no final da praia em direção ao norte do município; entretanto há também árvores que estão plantadas na areia, as castanheiras, essas foram introduzidas pelos quiosques que estão espalhados ao longo da orla; sem falar do mar, com água calma de tonalidade verde. Com relação às construções podemos observar que as casas de veraneio, assim como condomínios, pousadas, bares e lojas, datadas de épocas de construções diferentes (década de 1950, 60, 70, 80, 90 [...] e contemporâneas), revelam para Santos (2009) um “dinamismo diacrônico”, resultante do processo espacial, “as formas geográficas se alteram e mudam de valor; e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade” (SANTOS, 2009, p.55).

Quanto a categoria de análise espacial a *função* (categoria 2) é a atividade, ou tarefa a ser desempenhada pelo objeto que foi criado, onde se “aborda o papel de cada elemento separadamente (RODRIGUES, 1999, p.73).

Uma *forma* é criada para desempenhar uma *função* e não existe *função* sem uma *forma* correspondente, elas andam juntas. As *formas* e *funções* podem mudar, conforme os eventos históricos em consonância com cada sociedade, entretanto se alterar a *forma* se altera a *função* do presente, na visão de Santos (2009) se a *função* é ação, a interação traz uma interdependência funcional entre os vários elementos que compõe a paisagem, sua natureza é tautócrona, ou seja, a *função* expressa uma tarefa ou atividade que compõe cada elemento num determinado tempo no processo espacial.

Para Santos (2009) compreender o espaço é entender as relações sociais que ocorrem entre o passado e o presente, ou seja, toda a estrutura representa uma relação que se manifesta através de *processos* e *funções* nas construções. A noção do tempo para Santos (2009) se faz necessário e fundamental, pois apesar da

sociedade ser atual, a paisagem traz em suas formas a composição da atualidade de hoje, mas também do passado. Para o autor as *formas* e *funções* são estruturas múltiplas que estão inseridas no espaço.

O espaço para Santos (1988) faz parte do cotidiano dos indivíduos, como exemplo a casa, o lugar de trabalho, os lugares de diversão, os pontos de encontro, esses são elementos passivos que mantem as atividades dos homens e que rege a prática social. E a organização social que é feita dentro do espaço, segundo Santos (1988), se dá de acordo com os interesses e necessidades de cada grupo ou de cada sociedade.

No caso do turismo, do ponto de vista técnico, segundo Rodrigues (1999) a *função* abordará os elementos da oferta e da demanda, ou seja, dos recursos disponíveis e também os que se pretendem implementar, tendo como parâmetro a demanda não somente a atual, mas também a futura e a potencial, além da sazonalidade.

A *função* turística de um bairro leva ao avanço econômico local (RODRIGUES, 1999), à medida que uma praia está sendo mais requisitada pela demanda turística, o valor do imóvel (casas de veraneio), das prestações de serviço (jardineiro, pedreiro, diaristas, garçons, cozinheiro, entre outras), dos produtos vendidos nos quiosques e no comércio local passam a ter uma valorização econômica. Ainda não é notada essa *função* no bairro do Perequê Açú, a especulação imobiliária que atingiu a Praia Grande, com a construção de condomínios clubes, para uma elite regional, hoje está avançando no centro da cidade de Ubatuba, sem muita demora poderá ser a vez da praia do Perequê. Desta forma, nasce aqui:

[...] um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, principalmente humana e social. [...] nada mais é que o crescimento [...] transformado para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras (OLIVEIRA, 2002, p.40).

É necessário adequar a oferta à demanda turística, “elementos constitutivos do espaço do turismo, sem olvidar a população residente” (RODRIGUES, 1999, p.73).

A *estrutura* (categoria 3) é a integração entre a natureza social e econômica de uma sociedade e que se define historicamente, ou seja, estrutura é como os

objetos estão organizados num espaço e a maneira como estão “inter-relacionados das diversas partes que compõem o todo social” (TRINDADE JR., 2001, p.134).

É através da *estrutura* que as formas e as funções assumem características peculiares de diferentes grupos sociais, conforme a variação do tempo.

Ao separar estrutura e função chega-se ou a um estruturalismo a-histórico e formal ou a um funcionalismo prisioneiro do carácter conservador de toda instituição, com o que se abandona o problema da transformação. Se se considera apenas a forma, cai-se no empirismo (SANTOS, 2009, p.55).

Quando se pensa na *estrutura* do bairro do Perequê Açú, pode se observar que o espaço não foi criado de forma espontânea para atender seus potenciais visitantes, houve um planejamento nos loteamentos para atender a uma demanda e a necessidade da expansão territorial do município em torno de suas adjacências, já que o bairro se encontra muito próximo do centro, culminado com a procura de um local para ficar na praia mais badalada da década de 1950 em Ubatuba. Nesse sentido,

[...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma *estrutura* representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1979, p. 122).

Por esse motivo, Santos (1979) aborda que a paisagem não deve ser dissociada dos elementos imateriais do espaço, porque são organizadas e construídas em um dado momento histórico e teve uma razão para ser construído naquele local. Todas as construções que vemos atualmente no bairro do Perequê Açú desde as construções de casas mais populares, (funcionários da indústria CTI) até as construções de classes mais abastadas que vemos hoje, da paisagem da praia, do rio e da montanha, são elementos que contam a história e evolução do bairro.

Já o *processo* (categoria 4) é a ação realizada de forma continua visando um resultado que implica em mudança e tempo, “não o tempo linear, mas o tempo social” (RODRIGUES, 1999, p.74) “para os diversos agentes sociais, as temporalidades variam, mas se dão de modo simultâneo” (SANTOS, 2008, p.156).

Independente da visão que possuímos do espaço, “observamos o uso não homogêneo e do tempo” (SANTOS, 2008, p.154). Ao analisar o bairro do Perequê é possível notar que de um lado, existe a variedade temporal da ação que inclui diversos vetores e, de outro, a sincronia entre eles, quando analisada as temporalidades diversas que se entrosam em uma ação conjunta. Se cada ação se dá em seu tempo, então as diversas ações se dão conjuntamente, “a ordem espacial é a ordem do tempo histórico – um tempo geral -, que coordena e regula as ordens exclusivas de cada tempo particular, concreto” (SANTOS, 2008, p.155).

Os testemunhos históricos do tempo correspondem os recursos turísticos de notável importância (RODRIGUES, 1999, p.75), como o hotel Jangadeiro, o Terminal Rodoviário Turístico, os quiosques na orla da praia, a ciclovia, as formas arquitetônicas de algumas casas, são recursos culturais que no decorrer da história, transformaram em recursos históricos do bairro do Perequê Açú¹.

E por último a *totalidade* (categoria 5) engloba o carácter tecnológico e global do espaço, ou seja, é a organização do espaço. Portanto:

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1979, p.10).

A *totalidade* existe, mas somente é percebida quando se há uma construção. “Quando estudamos uma cidade, um bairro, estamos atingindo um pedaço do todo, uma fração do todo, onde igualmente as temporalidades não são idênticas” (SANTOS, 2008, pg.154). O “espaço da conta da totalidade, impedindo que seja vista apenas de modo abstrato” (SANTOS, 2008, p.157).

Para Santos (2008) a totalidade nunca é completa, finalizada, ela é sempre, e ao mesmo tempo, imanente e inconclusa, porque a totalidade “é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo para voltar a se fazer” (SANTOS, 1996, p.94).

¹ Todos esses objetos geográficos (Hotel Jangadeiro; Terminal Turístico; Quiosques e a Ciclovia), estarão minuciosamente descritos no Capítulo 5, quando se aborda o Objeto de Estudo - Bairro do Perequê Açú.

É importante que a totalidade do espaço precise de constante reorganização, pois se trata da morada do homem e do lugar em que ele vive. E esse espaço tem uma relação dialética com o homem na construção do seu mundo e do seu espaço, mas é necessário haver uma harmonização e conscientização desse espaço, quando pensado na utilização para o turista e para o residente local, sem desmerecer os dois lados; “o valor do indivíduo depende do lugar onde ele está e que, desse modo, a igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade semelhante aos bens e serviços” (SANTOS,1992, p.113). O espaço é para todos e esse todo tem uma realidade fugaz que deve evoluir do presente para o futuro, sem atrapalhar a vida de qualquer cidadão que circule ou more nele.

2.2 Território do Caiçara-Pescador

Para entender a relação entre o caiçara-pescador e os seu espaço é necessário o entendimento do território que segundo o dicionário online Michaelis, 2019 “território é uma porção da superfície terrestre pertencente a um país, estado, município, distrito, entre outros”. Refere-se a uma área delimitada apropriada por um indivíduo ou um grupo de pessoas, mas também pode ser apropriada por uma organização ou instituição e pode estar sob jurisdição de uma autoridade. Para além dos significados concisos dos dicionários não técnicos, que não conseguem dar conta da diversidade de abordagens sobre essa categoria, é preciso um aprofundamento temático maior.

O primeiro autor que estudou e discutiu sobre o território, segundo Santiago (2014) o ambiente pode interferir diretamente no desenvolvimento de uma sociedade e o homem é produto do meio e escravo do seu próprio “espaço”.

A população Caiçara traz em sua raiz essas características, é um povo que mantém fortes relações com o meio ambiente, principalmente com a terra e o mar para atender a sua necessidade de sobrevivência. O caiçara trabalhava a terra e saía ao mar pescar para se alimentar e para alimentar o grupo doméstico que era composto por sua família nuclear e por outros que se agregam ao seu domicílio, segundo Marcílio (2006).

Moraes (2005) explica que todo território deve ser passível de ocupação humana:

este representaria uma proporção de equilíbrio, entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo assim suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais (MORAES, 2005, p. 19).

O caiçara considera os ciclos da natureza, já que extrai dali sua sobrevivência e tenta preservá-la para o usufruto de suas gerações futuras. A roça caiçara conforme Mussolini (1980), não era primitiva, havia uma tecnologia apropriada que se desenvolveu frente às condições tropicais, era uma forma de cultivo autossustentável.

Então, segundo Santiago (2014) e Moraes (2005) o território representa as condições de trabalho e a existência de uma comunidade, com a sua perda, poderá ser acarretada uma decadência social.

a sociedade é um organismo que mantém relações duráveis com o solo, manifestas, por exemplo, nas necessidades de moradia e alimentação [...] O progresso significaria um maior uso dos recursos do meio, logo, uma relação mais íntima com a natureza. Quanto maior o vínculo com o solo, tanto maior seria para a sociedade a necessidade de manter sua posse (MORAES, 2005, p.19).

Santos (1979) também discutiu sobre a categoria território, onde há elementos fixos, resultantes da ação do homem e do seu trabalho, assim como as diversas relações sociais e as diferentes formas de ocupação, além da produção que acontece nesse espaço.

Para Santiago (2014) o território pode expandir-se ou retrair-se conforme a luta pela sobrevivência de uma determinada sociedade, no caso do grupo caiçara do Perequê Açu houve muito mais retração, não por problemas de esgotamento do meio natural, mas sim por questões capitalistas, pelo uso do capital rentista e especulativo na produção do espaço, por meio de uma especulação imobiliária.

O espaço e o território são distintos na visão de Raffestin (1980), para este autor o território é formado a partir das relações no espaço.

O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela as relações marcadas pelo poder. [...] todo projeto é sustentado por um conhecimento e uma prática, isto é, por ações e/ou comportamento que, é claro, supõem a posse de códigos, de sistemas sêmicos. É por esses sistemas sêmicos que se realizam as

objetivações do espaço, que são os processos sociais (RAFFESTIN, 1980, p. 144-145).

O território para esse autor possui distintas funcionalidades, esse espaço interage com o conjunto econômico, político, social e cultural originados do indivíduo e/ou de grupos sociais. Entretanto, os comandos hierárquicos são gerados pela relação do sistema de poder, onde neles se vê explicitamente que este sistema possui uma limitação e também é constituído pelos seguintes elementos: sociedade - espaço - tempo e influenciados por atores que buscam a modificação das relações da natureza e também sociais.

É possível notar que o bairro do Perequê Açú nasceu já com o intuito do turismo de veraneio, com loteamentos voltados para casas de residência secundária, a princípio para atender aos turistas de Taubaté e das outras cidades do Vale do Paraíba, hoje já se nota pessoas da capital de São Paulo, do interior do Estado de São Paulo, de Minas Gerais e de outras regiões do Estado de São Paulo e do Brasil. Havia pouco comércio no bairro, somente o básico para atender as necessidades dos turistas, como padaria, mini mercado e farmácia. Entretanto com o passar do tempo, os residentes de Ubatuba começaram a ir morar no bairro, isso se deve pela proximidade do centro (1,5 quilômetro) e pelo valor das terras, com preço mais baixo que em outros lugares. Com isso, a necessidade do sistema (sociedade-espaço-tempo) trouxe ao bairro nova funcionalidade, trouxe novos comércios, como posto de gasolina, lojas de roupa e de móveis, igrejas, fábrica de gelo, fábrica de sorvete, entre outros.

Vemos que a apropriação da dimensão espacial pode estar ancorada nas vertentes políticas, cultural, econômica e naturalista, como enfoca Haesbaert (2007):

[...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (HAESBAERT, 2007, p.79).

A nova concepção do bairro do Perequê possui um viés multidimensional. A única questão é que o turismo que nasceu ali, como em todos os lugares, trouxe a especulação imobiliária e com ela os interesses de setores da sociedade, que roubou, enganou e ludibriou alguns caiçaras para poder adquirir suas terras de frente ao mar, como é o caso do Caiçara Sr. Leopoldo de Souza de 84 anos:

Um moço chegou aqui e me ofertou uma boa quantia em dinheiro para eu deixar minha terra, assinei um papel em branco com a promessa que iria receber o dinheiro depois, esse dinheiro nunca veio e tive que sair da minha terra em frente ao mar no Perequê Açú, com a minha família, mulher e filhos, apenas com uma muda de roupa, fomos morar no Taquaral (bairro), em casa popular e fiquei lá por 9 anos, até conseguir voltar ao bairro (Leopoldo de Souza, 2019²).

O caiçara deixou a muito tempo de ter uma economia camponesa, quando plantavam seus alimentos na roça, ele cedeu seu espaço para a especulação imobiliária vinda do turismo “expulsaram o velho caiçara de suas terras e, em seu lugar, implantaram a destruição ecológica, a avidez fundiária e o vazio humano das casas de fim de semana” (MARCÍLIO, 2006, p.62). O seu trabalho foi afetado e o seu território já não lhe pertence mais.

Para Haesbaert (2007) a destruição do território também implica na destruição da identidade cultural de um grupo. E o grupo de caiçaras existentes nesse bairro (Perequê Açú) tem sofrido com algumas perdas territoriais, mas não sofreram perdas de identidade cultural, como relata o caiçara-pescador José Tadeu (2019)³ “perdi minha casa, minha terra de frente ao mar, mas não perdi minha identidade”.

O seu território cheio de dimensões simbólicas é estabelecida juntamente pela relação com a natureza, hoje, para alguns impedidos pelo interesse do setor turístico. O território é fonte de recursos e, ao mesmo tempo, é apropriação na produção da identidade para alguns, conforme explica Haesbert (2007):

A identidade (no caso étnico-territorial), não é simples manipulação simbólica ou ideológica. A identidade étnica tem um valor performativo, no sentido de que ela acaba efetivamente por orientar o comportamento dos atores sociais e por lhes oferecer sentido e uma possibilidade de mobilização (HAESBERT, 2007, p.228).

A leitura que se faz da praia do Perequê Açú com relação ao turismo é que o processo de urbanização e o fenômeno turístico vêm transformando o espaço desde a década de 1950 quando o bairro começou a ser loteado, imputando diferentes

² Caiçara-pescador Leopoldo de Souza (Pai do Zé Tadeu), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

³ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

significâncias ao território no que diz respeito à *desterritorialização* do caiçara e *reterritorialização* do turismo de veraneio (especulação imobiliária).

A reivindicação dos direitos de uso e apropriação do seu espaço no meio natural, que é um elemento necessário à sua reprodução socioeconômica e cultural, veio da regulamentação do seu Rancho dos Pescadores que está localizado em uma área pública federal e possui um termo de autorização de uso GRPU-SP nº 001/2007 que é destinado a preservação da cultura caiçara, conforme mostram as placas instaladas no local e demonstradas na figura 1 abaixo.

Figura 1: Placas do Rancho dos Pescadores



Fonte: Fotografias de Newton Sergio, 2019.

Neste ato estatal pode-se ver a dimensão simbólica do território caiçara sendo valorizado. Para Santos (2009, p.39) há dois lados essenciais num espaço: de um lado a paisagem, funcionalização da estrutura técnico-produtiva e lugar de *fetichização*; do outro, a sociedade total, a formação social que anima o espaço. A partir do momento que o Rancho de Pesca foi construído, este espaço começa a ser refuncionalizado e valorizado pelos caiçaras e comunidade em geral. Antes era apenas um pedaço do bairro inóspito e pouco atraente, com a construção do Rancho começou atrair mais pessoas, casas foram construídas próximas, o bairro começa a se desenvolver para este lado da praia e sua pesca começa a ficar mais conhecida e

sua profissão prosperar junto ao turismo, conforme relata o caiçara-pescador:

Porque aqui ficou conhecido agora, “vamos lá no Rancho do Pescador, porque tem peixe fresquinho”, é isso que é importante hoje o Rancho, antes não, não tinha e era difícil de vender peixe hoje virou rotina de quem conhece o Rancho, vai e volta (JOSÉ TADEU, 2019)⁴.

Para Santos (2009, pg.35) “*desfetichizar* o homem e o espaço é arrancar à Natureza os símbolos que ocultam a sua verdade”, nesse sentido é revalorizar o seu trabalho e até mesmo o próprio homem nesse meio, ou seja, o caiçara-pescador do Perequê conseguiu o seu espaço, revalorizado pelo seu trabalho que ali era exercido há décadas e foi através do Rancho de Pesca que ele obteve a sua revalorização como pescador e homem no meio social em que vive.

2.3 O Rancho de Pesca

O território do caiçara-pescador foi introduzido e demarcado na praia do Perequê Açú quando se deu a construção do Rancho dos Pescadores, este espaço é um marco histórico para esses pescadores, foi uma luta árdua, por anos, para conseguirem seu espaço em uma praia que já não lhes pertencia mais, já que a especulação imobiliária causada pelo turismo de veraneio a retirou.

Muitas indagações foram feitas ao caiçara-pescador para entender como ele foi e está inserido em seu território e quando foi perguntado “o porquê o Rancho foi construído nesse local?”. Em resposta “porque era um local de menos acesso para os turistas, aqui não tinha casa, era livre, então não interferia na visão da praia [...] *foi uma demanda, uma briga que nois fizemo, lutemos e conseguimos, deu o que faze*” (NECO, 2019)⁵.

O que o caiçara Neco quis dizer é que na primeira vez que o Rancho foi construído se deu no meio da praia do Perequê em frente algumas casas de

⁴ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁵ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

veraneio, os proprietários dessas casas ficaram furiosos pela construção de algo que impediriam sua visão ao mar, então foram até a Prefeitura Municipal denunciar. Infelizmente os caiçaras não tinham licença na época para construção, por esse motivo a obra foi paralisada e a Prefeitura cedeu outro espaço, mais para o final da praia, para a construção do Rancho, neste espaço não havia casas de veraneio em frente ao mar, possuíam apenas terrenos baldios, como explica o caiçara-pescador:

Tudo começo pelo Prefeito Paulo Ramos, ele é Ubatubano, nois fomos conversar com ele e ele falou que ia ajudar nois, nós vamos construir um Rancho no Perequê, então nós começamos a construir. O prefeito nos doou bloco e era mais ali, onde tinha uma quadra ali, aí não sei quem foi, foi lá e dedou, porque tinha que tirar uma licença em São Paulo na União e ninguém sabia como fazer isso aí, aí foi paralisado, dai venceu o cargo dele de Prefeito, dai entrou o Eduardo César, mas já estava o Rancho em andamento. Tinha um rapaz que era pescador e trabalhava na Colônia de Pesca, ele viajou para procurar saber o que era essa União, como fazia para poder conseguir o Rancho e ele conseguiu. Então no Mandato do Eduardo César, esse Rancho foi construído. Veio a União e legalizou isso daqui. Foi o primeiro Rancho em Ubatuba, legalizado pelo Governo (NECO, 2019⁶).

A construção do Rancho do Pescador se deu por uma solicitação do próprio setor pesqueiro na época pelo Sr. Joedis Texeira da Silva, Presidente da Colônia de Pesca Z10 de Ubatuba, junto a Secretária de Agricultura e Pesca do Municipal, Sra. Valéria Cress Gelli⁷ que buscou a parceria com a gerência da SPU - Secretaria do Patrimônio da União do Governo Federal, órgão que cuida da área marinha do Brasil.

para os pescadores ter a titulação desses Ranchos, eles precisavam estar com a documentação toda em ordem, quem organizou essa política primeiramente foi a Prefeitura que regulamentou junto a SPU - Secretaria Patrimônio da União (órgão que ordena o espaço da marinha), que é um órgão federal, a Colônia deu apoio no sentido de levantar a regulamentação dos pescadores para ver se eles tinham

⁶ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁷ Sra. Valéria Cress Gelli Secretária de Agricultura e Pesca do Município de Ubatuba, na gestão do Prefeito Eduardo César (2005-2008, 2009-2012), entrevista cedida em 8 de janeiro de 2020.

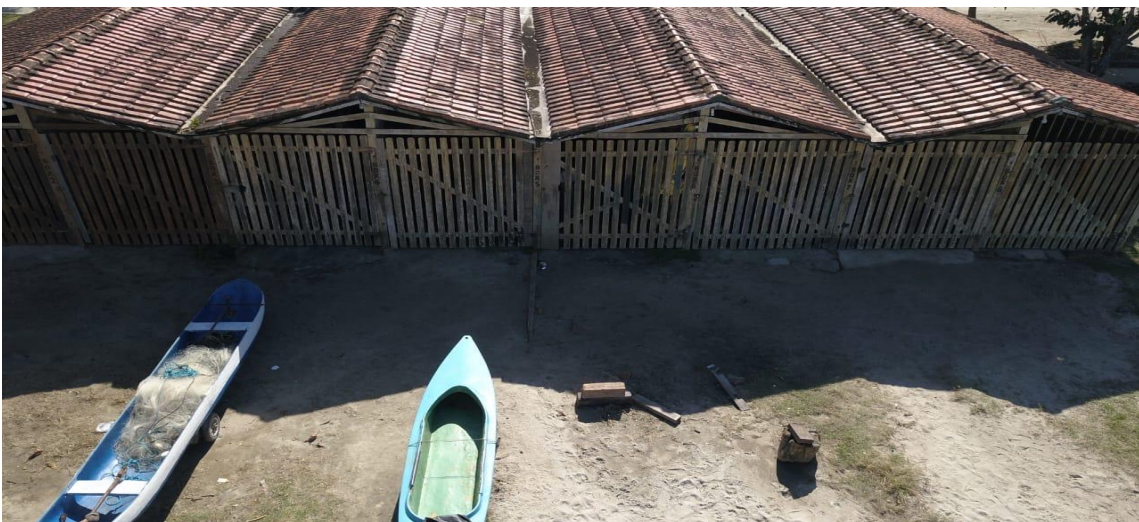
direito sobre o pleito do Rancho de Pesca (MAURICI ROMEU⁸, 2019).

A concessão do Rancho foi feita aos oito pescadores profissionais que viviam no bairro, por um período de 99 anos, renováveis, regulamentado com titulação nominal. O Rancho dos Pescadores foi construído com dinheiro público, os pescadores não podem vender, não podem alugar, só podem passar como herança para os filhos.

Para obter o rancho tinha que ser pescador profissional, tive que provar que eu era pescador profissional e dependia do Rancho [...] É hereditário e passa de pai para filho, não pode vender[...] Ninguém pagou nada por isso aqui. E não paga até hoje. Não pagamos impostos, não pagamos luz, porque a Prefeitura que colocou há um ano a luz aqui[...] Foi sorteio para adquirir o box [...] São 8 box, o Rancho todo possui em média 7 metros de largura, 16 metros de comprimentos, cada box tem de 2 a 2,20 (1,80 ou 1,90m²) metros, mais ou menos (DECO, 2019⁹).

No Rancho também não podem dar outro uso para o espaço, diferente da pesca, é proibido, podendo perder inclusive o direito ao espaço. A Colônia dos Pescadores não tem influência nenhuma no Rancho dos Pescadores do Perequê Açú, assim como em nenhum outro Rancho de Pesca do município.

Figura 2 – Rancho de Pesca do Perequê Açú



Fonte: Newton Sérgio de Oliveira, 2019

⁸ Maurici Romeu da Silva, Presidente da Colônia dos Pescadores Z10 Ubatuba, entrevista concedida em 21 de junho de 2019.

⁹ Caiçara-pescador Manoel Nunes (Deco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 7 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

O Rancho de Pesca foi uma conquista para esses caiçara-pescadores. Este espaço territorial representa uma segurança para guardar o material de pesca. A rotina do Rancho é sempre igual como explica o caiçara Zé Tadeu (2019) “pega, busca, guarda, põe rede, põe canoa, tira-entra, sai-volta, guarda o peixe, vende o peixe, essa é a rotina”. Já para o caiçara Neco (2019) explica que é “*sempre a mesma rotina, se você tiver peixe o produto, você tá vendendo todo dia, todo dia se vende. Vende pra freguês, o morador e turistas, quiosques, pro Mercado de Peixe, não ficamos só aqui*”.

Depois de toda luta e conflito surgiu então o primeiro Rancho de Pesca regularizado no Brasil, inaugurado em 21 de novembro de 2007¹⁰, um espaço garantido para os caiçaras-pescadores exercerem suas práticas com mais segurança e com o intuito também de ser um atrativo turístico, onde as pessoas poderiam conhecer a tradição da pesca artesanal e da cultura caiçara.

Figura 3 – Inauguração do Rancho de Pesca do Perequê Açú¹¹, 2007



Fonte: Conheça Ubatuba¹², 3 de dezembro de 2009

¹⁰ Dados da inauguração dia 21 de novembro de 2007, segundo Sra. Valéria Cress Gelli Secretária de Agricultura e Pesca do Município de Ubatuba,

¹¹ A inauguração do Rancho dos Pescadores da praia do Perequê Açú ocorreu em 21 de novembro de 2007.

¹² Conheça Ubatuba. Regularização de rancho em Ubatuba serve de exemplo para outras cidades. 3 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.conhecaubatuba.com.br/ubatuba/Noticias.asp?Not=4370&VP=Not4370&Titulo=R>

E quando se perguntou aos caiçaras “o que o Rancho representa para eles”, tivemos as seguintes respostas, para o caiçara Wladimir¹³ (2019) representa a minha vida profissional. Para o José Tadeu (2019) “lugar de guardar os apetrechos de pesca e o lugar de vender”. E para o caiçara-pescador Neco (2019):

Representa muita coisa: Abrigo, proteção, segurança, pois posso dormir no Rancho. Uma ajuda a não ter que levar os petrechos e peixes para a sua casa, transtorno, com o produto aqui trouxe bastante benefício pra nois, porque agora não tenho que deixar as coisas para o lado de fora, como a rede e ter perigo de alguém roubar, como a rede é de plástico, com sol e chuva perco ele, já tive uma canoa quebrada quando não tinha o Rancho. Posso dormir aqui no Rancho, tem telhado (NECO, 2019¹⁴).

A percepção que temos de uma paisagem nem sempre representa a sua realidade profunda. Quando observamos temos limitações ao analisarmos sua funcionalidade e por isso fazemos análises críticas, porque nem sempre a realidade visível esclarece de fato “o que” acontece ou aconteceu nesse espaço (CLAVAL, 2004).

Na praia do Perequê Açú “a paisagem verdadeira nem sempre é entregue ao observador diretamente, a face visível é amoldada pela ideologia”, como explica Santos (2009, pg. 35). Pois sempre “é necessário reconhecer a paisagem enquanto convivência, explorando seus fios cruzados e trocas recíprocas” (CLAVAL, 2004, p. 49). Houve muita luta e briga para conseguir o direito de um local de trabalho digno, respeitado e protegido, o Rancho representa o seu “tudo”, a sua “vida”, o seu território para esses caiçaras-pescadores, as pessoas que passam em frente não têm a noção de quanto suor e lágrimas foram desperdiçados para conseguir um lugar digno para trabalhar e sobreviver.

[regulariza%C3%A7%C3%A3o%20de%20rancho%20em%20Ubatuba%20serve%20de%20exemplo%20para%20outras%20cidades](#). Acesso em: 03 de jul. 2020.

¹³ Caiçara-pescador Wladimir da Silva, entrevista concedida em 11 de julho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 5 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

¹⁴ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos propostos mediante a problemática indicada, será apresentado o caminho metodológico estabelecido para esta pesquisa.

Considerando as bases teóricas optou-se por um método de abordagem etnográfica segundo os princípios de Magnani (2002), simplesmente pela sua capacidade de aprofundamento e de totalidade investigativa, na qual esse método proporciona uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória que, combinado entre si, se completa e auxilia o desenvolvimento e compreensão do objeto de estudo proposto. Quanto à abordagem geográfica nesta pesquisa se dá pela ênfase no entendimento do espaço, baseado em Milton Santos e quando é focado o território do pescador/caiçara, o embasamento teórico foi baseado em Hasbaert (2004 e 2007) e sua importância na compreensão da atividade turística que se estabelece na praia em estudo. Para que haja melhor compreensão dos objetivos e do problema proposto à análise qualitativa será a base norteadora deste estudo.

A abordagem qualitativa, segundo Richardson (1999, p.79) “justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” e para Veal (2011, p.264) a pesquisa qualitativa “envolve coleta de grandes quantidades de informações “ricas” a respeito de relativamente poucas pessoas ou organizações”.

A pesquisa qualitativa levam segundo Kelly Jr. (1980), as pessoas para dentro da realidade do grupo estudado e consegue entender as mudanças pessoais ao longo do tempo, influenciada por sua história de vida e suas experiências.

Já para Brandão (1985) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa que tem correlação com o sujeito e consegue fazer uma análise subjetiva da sua cultura, além de permitir fazer um diálogo com o empírico, o real. Qualquer estratégia qualitativa há uma estratégia lógica, cheia de técnicas e ferramentas aplicáveis.

Por esse motivo esse método torna-se mais compreensível no seu entendimento e é mais eficiente porque analisam a fundo as interpretações pessoais, assim como os gestos, os símbolos e também porque entende as necessidades e aspirações das pessoas pesquisadas, portanto, mais adequado para o estudo do grupo de caiçaras-pescadores que estão localizados na praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

Na pesquisa qualitativa é exigida uma abordagem mais flexível e repetitiva no

planejamento da pesquisa, a coleta e análise dos dados ocorreram de maneira simultânea e a redação foi um processo evolutivo, mas para chegar à exigência da pesquisa qualitativa, também foi necessário empregar a análise exploratória neste estudo.

Para a análise qualitativa foi aplicada entrevistas semiestruturadas com alguns moradores do município. Conforme avançava na pesquisa, sempre havia indicação de pessoas que poderiam trazer informações importantes sobre o bairro. Essas entrevistas foram muito enriquecedoras, pois trouxeram dados e informações dos acontecimentos históricos e do desenvolvimento territorial do bairro ao longo dos anos. E cada vez que alguém citava um fato ou um ocorrido, esta informação foi sempre verificada mais a fundo indo nos departamentos específicos na Prefeitura ou na biblioteca da cidade ou ainda verificando em notícias de jornais e revistas da região.

Quanto ao entendimento da pesquisa descritiva Veal (2011, pg.29) afirma que a “pesquisa descritiva pode ser considerada exploratória: procura descobrir, descrever ou mapear padrões de comportamento em áreas ou atividades que não foram previamente estudadas”. A análise descritiva se torna importante ao entendimento tanto dos padrões de comportamento do grupo do pescador/caiçara como dos turistas que frequentam a praia em estudo do Perequê Açú. E a principal finalidade em uma pesquisa exploratória, segundo Gil (2008):

desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias [...] são as que apresentam menor rigidez no planejamento [...] e são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato (GIL, 2008, p. 27).

Desenvolver uma pesquisa exploratória na praia do Perequê Açú auxiliou no entendimento do fenômeno turístico ali presente e ajudou a rastrear ou mesmo monitorar padrões básicos de comportamento (caiçara e turista) para a compreensão da área (território) e suas transformações. Para que essa pesquisa tenha uma melhor compreensão dos atores hegemônicos (grupo caiçara) a análise etnográfica também se fez necessária.

Quando se busca entender sobre etnografia, Brandão (1985) explica que é um método que descreve uma cultura e que o importante nessa pesquisa é a maneira como o pesquisador se coloca com o outro, tendo um fio condutor de lógica. Tem que haver uma compreensão do pesquisador sobre aquilo que está produzindo

sobre a cultura; o sujeito pesquisado não pode estar a serviço da ciência, ele deve ser respeitado e compreendido, principalmente porque está desenvolvendo seus afazeres diários e não pode ser prejudicado por causa de uma pesquisa.

Mattos e Castro (2011) explicam que realizar uma etnografia implica em descrever uma cultura ou um grupo de pessoas de forma holística ou dialética que são eleitas por possuírem certo grau de unidade cultural. Para esses autores esse método é importante porque “preocupa-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pensamento” (MATTOS; CASTRO, 2011, p.49).

A importância do estudo etnográfico se dá segundo Hammersley e Atkinson (1983), porque é um método que estuda o comportamento humano diretamente no seu ambiente social, através da observação, fazendo registros permanentes da vida diária no contexto em que ela naturalmente acontece. E será de grande importância para análise o grupo caiçara na praia do Perequê Açú, porque ele consiste em uma observação não estruturada, onde se pode identificar os costumes, as crenças e as tradições dessa comunidade. É importante entender, segundo Peirano (1995, pg.18) que a pesquisa etnográfica:

não é a meta final do antropólogo. Já se disse que a antropologia estuda problemas e não povos (Evans-Pritchard,1940) e, mais recentemente, que os antropólogos não estudam aldeias, mas em aldeias (GEERTZ, 1973, p.18).

Para Geertz (1973, p.16) “pode-se estudar diferentes coisas em diferentes locais, e algumas coisas [...] podem ser melhor estudadas em localidades isoladas”, assim tornando os estudos etnográficos mais fundamentais e até mesmo mais puros e sólidos, para o entendimento de uma cultura.

3.1 Observação Participante

Na pesquisa qualitativa e etnográfica a técnica de observação participante é um instrumento que penetra na complexidade de um problema, ajudando muitas vezes segundo Richardson (1999, pg.82) “a revelar inesperados e surpreendentes resultados [...] podem-se obter informações sobre fenômenos novos e inexplicados que, de certo modo, desafiam nossa curiosidade”. Para este autor a pesquisa de

observação “não se restringe apenas ao que vemos; inclui todos os sentidos” (RICHARDSON, 1999, p.26), então se faz necessário questionar o fenômeno observado sobre o que, porque e como está ocorrendo. O investigador atua apenas como espectador atento e é indicado perfeitamente para estudos exploratórios, como é o caso desta pesquisa.

Para Gil (2008, p.101) a técnica de observação e “a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requerido dos processos científicos”. Num roteiro de observação, “o investigador procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessam ao seu trabalho” (GODOY, 1995, p. 27).

Para esta técnica de pesquisa foi necessário um planejamento, identificando quando, em qual local e horas foi feita esta observação, assim como se fez necessários registros dos dias em que houve a observação do fenômeno. É imprescindível à relação de observador-observado manter um nível de relação agradável e de confiança, segundo Roberto Richardson:

um dos pontos mais positivos para o uso de observação é a possibilidade de obter a informação no momento que ocorre o fato. Este aspecto é importante porque possibilita verificar detalhes da situação que, passado algum tempo, poderiam ser esquecidos pelos elementos que observam ou vivenciaram o acontecimento (RICHARDSON, 1999, p.263).

Ao tentar buscar, situar e construir um texto etnográfico a partir da visão do nativo deve-se caracteriza-lo como uma interpretação da interpretação (GEERTZ, 2008) e esta interpretação permite a percepção não verbal daquilo que se revela ou ainda permite a recolha de comportamentos e atitudes espontâneas da pessoa observada.

Portanto, a observação participante se fez na praia do Perequê Açú, analisando e interpretando o comportamento e cotidiano do caiçara-pescador, além de analisar a sua relação com o turismo de veraneio (sol e praia) que permeiam o cotidiano local e que foi o grande vetor de transformação territorial e social na vida do caiçara-pescador. A observação participante foi feita em 05 dias consecutivos no mês de julho de 2019 e também no mês janeiro de 2020.

Nesta pesquisa a etnografia aplicada na praia do Perequê Açú a técnica escolhida foi a “observação participante”, na qual teve como base as estratégias de

Magnani (2002) através de um olhar “de perto e de dentro”. Segundo os conceitos de Magnani (2002, pg.16) através da técnica de observação participante é possível “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números”.

Então, através desse “olhar de perto e de dentro” buscou identificar a essência da cultura caiçara em particular e seus domínios de conhecimentos, bem como a interpretação de comportamento vinda dos elementos culturais, observando o cotidiano desse grupo e sua relação com o meio em que vivem. Nesta etapa da pesquisa foi adotado um relatório diário, através de registro em uma caderneta, analisando os afazeres e rotina do caiçara-pescador.

Acordava-se às 5 horas da manhã, dirigia-se até a praia do Perequê Açú para analisar a sua rotina (caiçara-pescador), nesse horário o caiçara arrumava seus apetrechos de pesca, colocava seu barco ao mar e saía para pescar. Alguns caiçaras pescadores voltavam às 9h00, outros retornavam somente às 10h00 do mar com seus pescados e já arrumavam em frente do seu Rancho os peixes para a venda. Nesse interim os turistas iam chegando para comprar pescados frescos. Ficavam até meio dia ou uma hora da tarde, depois guardavam seus pescados e saíam dali para almoçar. Alguns voltavam lá pelas 15h00 ou 16h00 para arrumar a rede e deixar preparado seu equipamento para a pesca à noite, se aparecesse turistas querendo peixe, eles faziam a venda. Alguns jogavam suas redes à noite e tiravam ao alvorecer, outros saíam de madrugada e ficavam até o meio da manhã do dia seguinte pescando.

Foi possível entender com essa observação “de perto e de dentro” de Magnani (2002), suas múltiplas redes, em seus estilos de vida, relatado na figura 4 a seguir, nos seus deslocamentos, assim como também os seus conflitos. Uma importante observação na rotina diária desse grupo foi entender que os caiçaras-pescadores da praia do Perequê Açú são partes excluídas de todo o intrincado processo urbano do município de Ubatuba.

Figura 4 – Caiçara- pescadores trabalhando no Rancho de Pesca do Perquê Açú



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 11 de julho de 2020

Nesse modelo de Magnani (2002) também foi possível analisar o ‘usuário solvente’ (veranista), que ali se encontra no Perequê Açú para desfrutar do turismo de veraneio, da paisagem natural e quando houve a inter-relação com os caiçaras-pescadores do Rancho dos Pescadores. Percebeu-se então que a inter-relação entre os dois (veranista e caiçara-pescador) ocorre de forma pacífica, harmoniosa e amigável. Muitos turistas são já conhecidos dos caiçaras, tanto que o tratamento se dá pelo nome. Foi percebido também que há um orgulho entre ambos os atores, com relação aos laços de amizade. Tanto o turista como o caiçara se sentem importantes em serem amigos, os turistas por ter um amigo caiçara “raiz” da terra; e o caiçara de ter um amigo importante da cidade grande, um “Doutô”, como eles identificam esses veranistas. O veranista da praia do Perequê Açú possuem casas de segunda residência no bairro e estão quase que todos os finais de semana no município e compram peixes dos caiçaras frequentemente, pelo motivo de serem frescos e de qualidade, como relatavam sempre ao efetuarem a comprar.

O turismo é uma área de estudo constituída por práticas e transformações, resultante das ações de diversos atores sociais em um tempo determinado e por isso a necessidade de combinar vários métodos de análise para o entendimento

desse fenômeno. Como enfatiza Gil (2008, p.14) “nem sempre um método é adotado rigorosamente e exclusivamente numa investigação [...] mais métodos podem ser combinados”, isso se deve pelo fato de mapear e construir uma análise mais precisa ou apropriada para o acúmulo de informações ou fatos que estará presente no objeto de estudo.

Para tanto, o percurso metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa foi dividido em etapas, de acordo com as técnicas adotadas. Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico e documental pertinente ao objeto e área de estudo, depois foi utilizado o método de observação participante tanto dos turistas como dos caiçaras-pescadores que estão estabelecidos na praia em estudo, além da aplicação de entrevistas dirigida (semiestruturadas) para o entendimento do caiçara e por último, consistiu em sistematização dos dados com vistas a responder à problemática e atingir os objetivos.

3.2 Pesquisa Bibliográfica e Documental

A primeira etapa desta pesquisa se constituiu na obtenção de dados por meio de fontes primárias e secundárias, ou seja, pesquisa bibliográfica e documental.

Com relação à pesquisa bibliográfica foi importante para compor os elementos essenciais nos pressupostos teóricos discutidos nos capítulos e também ajudou a nortear os embasamentos teóricos da cultura caiçara, das transformações sócioespaciais e da atividade turística.

Já à pesquisa documental Gil (2008, p.147) explica que “em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos”. As fontes documentais são importantes porque possibilitam muitas vezes o conhecimento do passado e são capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade. Também possibilita a investigação dos processos de mudanças nas estruturas e formas de relacionamento sociais.

Neste caso os documentos que nortearam esse projeto e que foram consultados são: a Lei orgânica do Município¹⁵, na questão de uso e ocupação do solo, como também a lei de zoneamento da praia do Perequê Açú e o Plano Diretor

¹⁵ Lei Orgânica do Município de Ubatuba, 4 de abril de 1990. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-ubatuba-sp>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

Turístico de Ubatuba¹⁶. Nesses documentos foram verificadas as normativas para entender as transformações e mudanças estruturais do território (bairro do Perequê Açú) e as formas de relacionamento com o turismo. No Ministério da Pesca foi levantada a regulamentação do Rancho dos Pescadores para melhor compreensão do local e da sua importância na vida do pescador/caiçara.

Além disso, segundo Gil (2008) nas fontes documentais qualquer objeto que possa contribuir para a análise de qualquer fato ou fenômeno pode contribuir para a investigação, não somente documentos escritos. Por esse motivo foram consultados fotografias (algumas foram inseridas nos capítulos desta dissertação), relatos através de entrevistas (apêndices A, D, E e F) e outros relatos importantes, principalmente dos espaços geográficos do bairro do Perequê Açú que são parte do conteúdo desta pesquisa.

Em Ubatuba há alguns registros de fotografias antigas do acervo de alguns remanescentes caiçaras, como o Sr. Odaury Carneiro (caiçara de Ubatuba, que possui um grupo fechado no facebook chamado: “Memoria de Ubatuba - Retalhos Históricos”, foi muito importante participar desse grupo para conhecer e localizar pessoas “chaves” que trouxeram relatos históricos essenciais para compor os elementos geográficos e históricos do bairro) e do Sr. Edson Silva (estudioso da história de Ubatuba e que possui o maior acervo de fotografias do município, colecionador desde criança). O levantamento dessas fotos antigas do bairro do Perequê Açú foi fundamental para o entendimento da transformação espacial, ao longo dos anos e para o entendimento do desenvolvimento do turismo neste bairro.

Cada informação que se obtinha em alguma entrevista, era postada o assunto nesse grupo fechado do Sr. Odaury (facebook) e logo obtinha as informações complementares, pois como a maioria dos participantes são moradores locais de Ubatuba ou veranistas antigos da cidade, tinham conhecimento dos relatos históricos.

A seleção dos registros fotográficos se deu de forma metódica, observando os fatos e separando-os de acordo com as informações mais importantes dos seus informantes, ajudando assim a entender a realidade fática do papel do Rancho dos

¹⁶ Ubatuba não possui um Plano Diretor Turístico, apenas o Plano Diretor do Município que engloba o Turismo, conforme a LEI NÚMERO 2892 DE 15 DE DEZEMBRO DE 2006 (Autógrafo n.º 106/06, Projeto de Lei Complementar – Mensagem Nº 53/06). Disponível em: https://www.ubatuba.sp.gov.br/download/LEI%202892_Plano%20Diretor_Cons%20Cidades.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2019.

Pescadores e o processo de transformação territorial e turístico do bairro do Perequê Acú.

3.3 Entrevista Dirigida

As entrevistas tiveram como objetivo levantar informações referentes à rotina do caiçara-pescador, e sua história de vida, entender também o que é ser um remanescente caiçara nos dias atuais, sua relação com o Rancho do Pescador e, qual a relação que eles estabelecem com os turistas de veraneio. Também houve entrevistas com ex-prefeitos de Ubatuba, para obter mais informações sobre suas “obras turísticas” e conseqüentemente entender o desenvolvimento turístico e transformação espacial e territorial no bairro do Perequê Acú. Foram feitas entrevistas dirigidas, através de perguntas precisas, formuladas e com uma ordem preestabelecida. Segundo Veal (2011) esse tipo de pesquisa:

é caracterizada por sua extensão, profundidade e estrutura [...] tendem a ser mais longas [...] durante pelo menos meia hora até, algumas vezes, várias horas. O método pode envolver entrevistas as pessoas mais de uma vez [...] o entrevistador geralmente encoraja os entrevistados a falar, formular questões suplementares e pede que os entrevistados expliquem suas respostas (VEAL, 2011, p.271).

Apesar de ter sido aplicado cinco entrevistas, dos dez caiçaras-pescadores estabelecidos no Rancho dos Pescadores, na praia de estudo, o estilo de entrevista foi qualitativo, tornando o estudo mais amplo e complexo, pois como cada um possui uma “história por si só”, essas informações trouxeram um enriquecimento à pesquisa e foram descritas ao longo dos capítulos.

O roteiro de assuntos abordados foi semiestruturado e formal, baseado na estrutura conceitual da pesquisa e na conseqüente relação de dados necessário para a discussão e análise dos dados levantados nesta dissertação. Para Triviños (1987) as entrevistas semiestruturadas:

tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa [...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo

de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p.146-152).

Durante as entrevistas foi evitado ficar absorvido pela conversação e pontos de vista do entrevistado a fim do entrevistador não tomar partido em algum lado da história. O entrevistador também evitou sugerir resposta e manter uma conversa amigável, requisitos estes explanados por Gil (2008). Para Triviños (1987) e Veal (2011) o papel do entrevistador é saber ouvir e encorajar o entrevistado a continuar falando ou ampliar o tópico em pauta.

Foram também entrevistados líder da Colônia de Pescadores Z de Ubatuba, Sr. Maurici Romeu da Silva e o Sr. Jerry Eduardo Morais, localizado na Ilha dos Pescadores, no centro do município de Ubatuba, com o intuito de tentar entender o que o Rancho representa para este órgão e quais são os desafios e cumplicidade que a Colônia possui para ajudar os caiçaras-pescadores da praia em estudo. O Sr. Maurici Romeu faleceu no dia 28 de novembro de 2019 e quem assumiu a Presidência da Colônia de Férias Sr. Jerry Eduardo Morais.

As entrevistas foram aplicadas *in loco* em diferentes dias e horários, conforme disponibilidade de cada caiçara-pescador e gestor. Foram gravadas e à medida que discorriam os fatos das entrevistas, as informações mais relevantes foram anotadas. Posteriormente, o áudio e as anotações foram sistematizados, analisados e compôs o corpo do texto dessa dissertação.

Houve também algumas entrevistas, com proprietários de empreendimentos turísticos, além de Ex-prefeitos de Ubatuba, pessoas que exerceram e exercem papéis de liderança, para compor o relato histórico do bairro e entender as formas socioespaciais que ali existem. Dentre os entrevistados está à filha da proprietária do *Hotel Jangadeiro*, hotel mais importante que existiu em frente à praia do Perequê Açú, na década de 1960 a 80, Sra. Cecília Bergamini, atualmente com 79 anos; também foi entrevistado o senhor Zizinho Vigneron, historiador e Prefeito do município nos anos de 1997 a 2000; houve também entrevista com seu primo o Sr. Celso Teixeira Pinto que também foi Prefeito de 1970 a 1973 e sua esposa Sra. Ivete Fernandes Teixeira Leite, todos eles ajudaram na orientação de coletas de dados, apontando aonde e quais pessoas deveria procurar em busca de informações, além de contribuírem para o relato histórico do bairro, já que são moradores até hoje do Perequê Açú. Foi feita também entrevista com o Sr. Eduardo César, Prefeito de 2005 a 2008, este foi responsável pela implantação da *Ciclovía* na

praia o Perequê Açú e também é morador do bairro, possuindo vasto conhecimento das transformações espaciais.

E um fato extremamente marcante foi o encontro com o Sr. Pedro Paulo Teixeira Pinto, historiador, também Prefeito, que administrou a cidade de 1983 a 1988, nessa gestão criou a Fundart (1987), instituição a qual trabalhou em três períodos, entre 2001 e 2002 foi assessor cultural da Fundart, depois no período de 2007 a 2012 foi presidente e retorna em 2017 como Presidente-Diretor do órgão. Na gestão como prefeito Sr. Pedro Paulo inaugurou o *Terminal Turístico* do Perequê Açú e foi responsável pela criação e implantação dos *Quiosques* e do calçadão na orla da praia, concedeu entrevista no dia 25 de julho de 2019 e veio a falecer no mesmo dia as 23h00, aos 79 anos, por uma parada cardiorrespiratória, foi à última entrevista de sua vida.

Esta pesquisa também entrevistou alguns turistas de veraneio, na praia do Perequê Açú, num universo de 90 entrevistas, divididas entre 30 entrevistas em janeiro de 2019, depois 30 entrevistas em julho de 2019 e mais 30 entrevistas em janeiro de 2020. Essas entrevistas foram qualitativas e as informações relevantes foram descritas ao longo dos capítulos.

A Tabela a seguir foi elaborada para facilitar o entendimento das entrevistas. Foi criado um quadro exclusivamente para o caiçara-pescador pelo fato desse grupo ser os atores hegemônicos dentro desta pesquisa. Os entrevistados estão relacionados na **Tabela 1**, cujo roteiro da entrevista, com os caiçaras-pescadores, encontra-se no **Apêndice A** desta pesquisa.

Tabela 1 – Lista de entrevistados e ocupação

Segmento Envolvido	Atores/nomes	Ocupação
Grupo Tradicional Caiçara	Leopoldo de Souza (Pai)	Caiçara-Pescador da Praia do Perequê Açú, Box 01
	José Tadeu de Jesus (Filho)	Caiçara-Pescador da Praia do Perequê Açú, Box 01
	Manoel do Santos (Neco)	Caiçara-Pescador da Praia do Perequê Açú, Box 04
	Wladimir Silva	Caiçara-Pescador da Praia do Perequê Açú, Box 05
	Manoel Nunes (Deco)	Caiçara-Pescador da Praia do Perequê Açú, Box 07
Colônia de Pescadores Z Ubatuba	Maurici Roey da Silva Jerry Eduardo Morais	Presidentes da Colônia de Pescadores Z10 – Ubatuba
Fundart	Pedro Paulo Teixeira Pinto	Diretor Presidente
Outros atores ou <i>Stakeholders</i> que exerceram ou exercem papéis de liderança em Ubatuba.	Ivete Fernandes Teixeira Leite	Historiador de Ubatuba
	Edson Silva	Colecionador de Fotos e historia de Ubatuba
	Cecília Bergamini	Proprietária Hotel Jangadeiro
	Marcio José dos Santos	Gestor da APA Marinha LN – Fundação Florestal – Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente SP.
	Valéria Cress Gelli	Secretária de Agricultura e Pesca do Município de Ubatuba
	Carlos Roberto Favarin	Proprietário do Quiosque “Fênix” (Antigo Parada 14) – No. 14
	Eliana Cristina Sansevero Marcondes	Proprietária do Quiosque “Atalaia” No. 12
	Josefa Alves da Silva	Proprietária do Quiosque “Sassa” No. 03
Gerson Omezo	Proprietário do Quiosque “Recanto do Japa” - No. 02	
Prefeitos de Ubatuba	Celso Teixeira Leite	Prefeito de Ubatuba (1971 a 1972)
	Pedro Paulo Teixeira Pinto	Prefeito de Ubatuba (1983 a 1988)
	Euclides Luiz Vigneron (Zizinho)	Prefeito de Ubatuba (1997 á 2000)
	Eduardo de Souza César	Prefeito de Ubatuba (2005 a 2008)

Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019.

Para o cumprimento nas questões éticas, às entrevistas com os caiçaras-pescadores se basearam nas exigências da Plataforma Brasil (**Anexo A**), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se encontra no **Apêndice B** e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz está localizado no **Apêndice C** desta pesquisa.

3.4 Amostragem por Saturação

A amostragem por saturação é uma ferramenta especulativa utilizada em relatórios onde há investigações qualitativas, o termo *saturação* foi criado por Glaser e Strauss (1967), quando os autores faziam uma pesquisa de campo, como as novas coletas não estavam trazendo mais esclarecimento para o estudo, segundo Fontanella, Rico e Turato (2008), eles interromperam a captação das informações, porque não haveria mais relevância, as informações estavam se repetindo constantemente, estavam saturadas.

o fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados (FONTANELLA, RICAS E TURATO, 2008, p. 17).

Para Fontanella, Ricas e Turato (2008) ao perceberem esta saturação das informações identificou que as sequências de novas pesquisas não irão interferir no resultado, esse método acabou revolucionando a investigação qualitativa, trazendo uma praticidade para campo de pesquisas.

Quando está se fazendo uma investigação, para que haja uma confiança empírica de que a categoria está saturada, é importante considerar, segundo Glaser e Strauss (1967), a sensibilidade teórica de quem está analisando os dados, assim poderá compreender em qual momento o acréscimo de dados não irá alterar a compreensão do fenômeno.

um trabalhador de campo sabe que sabe, não apenas porque ele esteve a campo e porque ele descobriu e gerou cuidadosamente hipóteses, mas também porque "em seus ossos" ele sente o valor de sua análise final. Ele vive com análises parciais por muitos meses,

testando-os a cada passo do caminho, até que ele construiu sua teoria. Além do mais, se ele participou de a vida social de seu sujeito, então ele tem vivido por suas análises, testando-os não apenas por observação e entrevista, mas também pela vida diária (GLASER; STRAUSS, 1967, p. 225).

Para Fontanella, Ricas e Turato (2008) a avaliação da saturação teórica é feita a partir de uma amostra e por um processo contínuo de análise dos dados, isso deve ser estabelecido no começo do processo de coleta. O roteiro de entrevistas deve ser colocado aos entrevistados de forma clara, refletindo o objetivo da pesquisa.

Identificou-se através de uma amostragem nas entrevistas dirigidas tanto com o caiçara-pescador, assim como as entrevistas realizadas com os veranistas e proprietários dos quiosques na orla do Perequê Açú, quando foi aplicado em 2019 e 2020 uma repetitividade nas informações, havendo pouco acréscimo no material já obtido, o que não mais contribuiu de forma expressiva para a reflexão teórica dos dados que foram coletados, por esse motivo adotou a amostra por saturação.

3.5 Sistematização dos Resultados da Pesquisa

O aprendizado e conhecimento adquirido na revisão teórica foram sistematizados e somados às informações coletadas na visita a campo e da observação não participante que houve, quanto ao cotidiano do caiçara-pescador, na praia em estudo. Através das informações coletadas nas entrevistas foi estabelecido um sistema de etapas a fim de respeitar e alcançar os melhores resultados específicos para esta pesquisa.

Como esta pesquisa realizou a observação participante como recurso para entender o cotidiano do caiçara, que segundo Mattos e Castro (2011, p. 54) “é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo”. Portanto, seguindo as premissas deste autor, a descrição realizada para a Análise e Resultados constituiu-se numa observação minuciosa, descrevendo detalhadamente os processos, os dados coletados e análise de documentos identificados durante todo o processo de investigação.

Se para Geertz (2008, p.7) “a análise é, portanto, escolher entre as estruturas de significação [...] e determinar sua base social e sua importância”, foi necessário caracterizar isoladamente o comportamento de cada indivíduo nas entrevistas, no conjunto das observações, para selecionar as informações e então para poder concluir os resultados desta investigação.

Este estudo tratou de construir o sentido da experiência uma forma de interpretar a cultura, o comportamento e as interpretações que o sujeito tem sobre o seu espaço e do seu viver, e foi assim que se adentrou nos significados das informações coletadas, descrevendo densamente os fatos, onde se teceu uma teia de conceitos, compreendendo e interpretando de forma holística as situações propostas no território do turismo e do território do pescador/caiçara, ou seja, entendendo o significado do local para os atores envolvidos.

E foi através desta descrição densa, discutidas nos capítulos a seguir, que proporcionou a elaboração das análises sobre o entendimento das transformações da territorialidade do caiçara e do papel do turismo no bairro pesquisado.

3.6 Limitações da Pesquisa

De acordo com os métodos descritos, faz-se necessário identificar as possíveis limitações que podem se apresentar no decorrer da pesquisa. Dentre as principais dificuldades estão as possíveis ausências documentais nos departamentos da Prefeitura de Ubatuba, isso se deu pelas inúmeras mudanças de gestão, às vezes até possuem, porém é nítido o descaso de alguns funcionários da Prefeitura em querer ajudar uma Estudante a buscar informação, trazendo assim uma dificuldade na pesquisa. Houve uma busca intensa e incessante para conseguir qualquer informação que está contida nessa Dissertação, principalmente informação do bairro do Perequê Açú, que apesar de ser um bairro antigo, há poucos documentos nos órgãos públicos, praticamente houve uma “caça as informações”, rodou-se a cidade toda atrás de pessoas, funcionários antigos da Prefeitura e cidadãos ubatubenses que vivenciaram a história ao longo desses anos. Agradeço muito a essas pessoas que tiveram a gentileza, a paciência e o prazer em ajudar esta Pesquisa.

Outra limitação relevante é a recusa das entrevistas pelos caiçaras-

pescadores, houve alguns caiçaras que se opuseram a dar entrevista na área do turismo, por desconfiança de serem enganados, pois já ocorreram com eles antes quando responderam pesquisas na área da pesca, como os pescadores do Box 02 e 03 que se opuseram a responder a entrevista desta pesquisa. Houve também dificuldade em localizar o pescador do box 08, durante todos os meses de pesquisa em campo, entre o ano de 2019 e 2020.

Nas entrevistas feitas com os proprietários dos quiosques também sofreram limitações, já que alguns se recusaram a responder, a maioria declinou por desconfiança, achando que era de algum órgão público para prejudica-los. Já a pesquisa com os veranistas teve muitos adeptos, não tendo dificuldade em obter as informações.

As limitações citadas acima podem influenciar no andamento da pesquisa. Contudo, foram feitas as adequações necessárias aos procedimentos metodológicos com o auxílio da banca de qualificação para que os objetivos propostos nesta pesquisa fossem alcançados.

4 A INVENÇÃO DA PRAIA E O TURISMO DE SOL E PRAIA

A praia é um local procurado por muitos para diversas finalidades, dentre elas a prática de esporte, contemplação da natureza, reposição de energia e outras práticas sociais, entretanto jamais se poderia imaginar que um dia houve um sentimento contrário de afeição por esse local.

Este capítulo procurou contextualizar o surgimento das relações sociais do indivíduo com o espaço “praia e mar”, passando a compreender a configuração do espaço litorâneo e as suas formas de apropriação. Neste capítulo também haverá uma compreensão sobre o Turismo de Massa (Sol e praia) e o Turismo de veraneio, bases fundamentais para a discussão dos capítulos subsequentes da dissertação.

4.1 O despertar da Praia como recurso Turístico

O mar é um lugar de fascínio para a grande maioria da sociedade e na estação de veraneio milhares de pessoas buscam o litoral com alguns objetivos em comum, ter um lugar ao sol e uma pele bronzeada; buscam também um mergulho ao mar para se refrescarem e para estarem junto à natureza e muitos ainda buscam uma paquera no olhar. Na antiguidade, segundo Corbin (1989) a percepção do mar e suas praias eram carregadas de imagens negativas que inibiam a sua aproximação.

na época clássica, com raras exceções, os homens ignoram o encanto das praias de mar, a emoção do banhista que enfrenta as ondas, os prazeres da vilegiatura marítima. Uma capa de imagens repulsivas impede à emergência do desejo a beira-mar (CORBIN, 1989, p.11).

Nessa época o oceano era visto de forma negativa, Corbin, (1989) relata que os pescadores e viajantes descreviam um mar bárbaro, cheio de fúria, com águas amaldiçoadas, que os sugavam para seu interior e os devoravam. Era um local onde se escondiam monstros, conforme relata a mitologia romana e grega, das criaturas marinhas que assombrava o mar.

O oceano caótico, avesso desordenado do mundo, morada dos monstros, agitado por poderes demoníacos, apresenta-se como uma

das figuras insistentes da desrazão; a violência imprevisível de suas tempestades hibernais atesta sua demência (CORBIN, 1989, p. 17).

Esse caráter demoníaco do mar em cólera, onde há criaturas malditas que se entredevoram, em cujas profundezas oceânicas há risco da alma ser sugada, é um local que representa o domínio do Satã (Corbin, 1989). Segundo Dantas (2011, pg. 11), “longe da costa, encontrava-se o desconhecido, vinculado constantemente a representações místicas as quais falavam de obstáculos intransponíveis: o abismo que engolia os navios, o mar habitado por monstros e deuses coléricos”.

Essa repulsa, esse temor dos homens frente ao oceano, perdurou por alguns séculos, provavelmente esse medo se deve por alguns episódios trazidos pelo mar, como “o itinerário marítimo da peste negra, e meia às contraversões dos piratas, sem esquecer as dos saqueadores de naufrágios, dos contrabandistas e bandidos das praias, marcam com um sinal nefasto a imagem do litoral” (CORBIN, 1989, p.24).

O oceano indomável segundo Enke (2017) também afugentava o homem das áreas litorâneas, porque a perda de seus entes queridos para o mar traz um sentimento de repulsa ao “imaginário” dos moradores que ali habitavam.

Passando para a Idade Média outros relatos são descritos sobre o oceano, agora há descrição dos horrores do enjoo que o mar propiciava, principalmente entre as mulheres, eram os peregrinos que saiam a caminho da Terra Santa.

Os turistas que narram suas lembranças de viagem provavelmente não dispõem mais da força de resistência que fora o apanágio dos infatigáveis navegadores do passado [...] a repugnância crescente provocada pelo espetáculo de vômitos que se repetiam (CORBIN, 1989, p. 27).

Para esses viajantes indiciários, segundo Corbin (1989) era uma tortura, um sofrimento humano descomunal navegar pelo oceano.

A mudança do olhar sobre o espaço à beira mar só iniciou entre os anos de 1660 e 1675, “os mistérios do oceano dissipam-se graças aos progressos realizados, na Inglaterra, pela oceanografia. No mesmo período, opera-se a retirada de Satã da história mental do ocidente” (CORBIN, 1989, pg.27). Os europeus vivenciaram alguns acontecimentos e transformações no contexto econômico e até mesmo tecnológico que ajudaram a modificar a simbologia da percepção do espaço “mar e praia”.

E foi no início do século XVII que alguns poetas franceses através de sua poesia barroca, escrevem sobre a “alegria que a presença à beira mar desperta” (CORBIN, 1989, p.30), esses poetas enaltecem as maravilhas marinhas, destacam a sensação e emoção junto à natureza “a agitação perpétua das águas e o espelhamento da luz solar compõem a seus olhos um ambiente eufórico, um manancial perpétuo de criações imaginárias” (CORBIN, 1989, p. 31), despertando assim, a curiosidade e a surpresa de estar presente nesse cenário marítimo para admirar as variações do mar.

Corbin (1989) também descreve algumas modalidades específicas de apreciação da paisagem marítima, como a meditação, o retiro solitário e até mesmo o prazer da conversação com algumas pessoas especiais (pescadores locais) para evitar o tédio e a solidão. Para esse grupo, contemplar a paisagem da praia se tornava um mistério poético e de prazer, como relata a passagem de Saint Amant (1628):

Ele confessa ficar sentado horas a fio no alto da falésia, contemplando o horizonte marinho, escutando o estranho grito que as gaivotas lançam no vazio. Depois desce à praia e passeia longamente; o passeio serve de trampolim à meditação, permite a coleta de conchas. O espelho das águas acalma e as ilusões que provoca a versatilidade do oceano, o fascinam (*apud* CORBIN, 1989, p. 31-32).

É nesse percurso pela costa litorânea integrada a um conjunto de práticas junto à natureza que o desenho do novo prazer, “o desejo coletivo das praias”, é despertado na sociedade ocidental, levando ao retorno de suas raízes.

Esse despertar ainda é sentido nos dias atuais, o prazer da conversa com caiçaras-pescadores, detentores de sabedorias sobre o mar e o clima, nos traz um sentimento de pertencimento local, de hospitalidade pela aquela comunidade, nos faz sentir importante para aquele grupo e vice e versa. Desabrochamos a apreciação e à contemplação dos modos e hábitos que formam a sociedade praiana.

Esse espaço purificador de alma, desperta a curiosidade de jovens aristocratas, especialmente britânicos que buscam conhecimento e prazer em explorar sítios históricos e culturais pela Europa, começa aqui as viagens do *Grand Tour*, que segundo Deprest (1997, p. 14) “a expressão inglesa *Grand Tour* designava a viagem que os jovens aristocratas ingleses efectuavam a fim de aperfeiçoar a sua educação”.

As praias faziam parte desse roteiro, tanto na Itália como na Holanda, um exemplo a ser observado nessa época é praia de *Scheveningen na Holanda*, “que abrigava uma pequena vila de pescadores até meados do século XVII e foi um dos lugares mais difundidos pelo *Grand Tour*” (ANDRADE, 2015, p. 24). Atualmente esta praia ainda continua sendo um local famoso na Holanda e visitado pelos europeus.

Para Deprest (1997, p. 15) “a vista da península permite associar a recordação literária à contemplação das obras e de tornar familiares ao olho estas paisagens que inspiram os escritores da Antiguidade e os artistas do século XVIII”, os viajantes do *Grand Tour* descobrem os prazeres do mar e foram eles que se aventuraram a contemplar esses cenários marítimos. Para Boyer (2003) os britânicos desde o século 18 eram:

viajante de qualidade sabia o que desejava visitar: é a obrigação do *vivendum*, do *sightseeing* [...] a invenção dos lugares e das práticas do turismo, ainda elitista, é uma soma de histórias singulares [...] e os britânicos inventaram em seguida a baldeação marítima (BOYER, 2003, p. 40).

Esse autor acredita que foram os britânicos que inventaram o “Turismo” já que não existia essa palavra antes. O *The Tour* foi um fenômeno que nasceu e se desenvolveu na Inglaterra, pelos aristocratas e depois pela burguesia em ascensão, todos os lugares visitados nessa época eram descritos nos Guias de viagem e constituía a princípio, mesmo que remotamente, do fluxo turístico da atualidade, segundo Urry (1996).

Para acalmar as novas ansiedades da sociedade, Corbin (1989, p. 69) relata que no século XVIII o “discurso dos médicos consagrados às virtudes da água fria do mar e, sobretudo, às vantagens do contato com as ondas e da vilegiatura costeira” eram receitas a ser seguidas, que até então, em nenhum momento da história, exprime-se o relato de afrontar o corpo ao poder das ondas e de experimentar o frescor do mar e da areia.

No Brasil, com a chegada da corte portuguesa em 1808 ao Rio de Janeiro, trouxe para essa terra as teorias médicas tão em voga vinda da Europa, utilizando o uso das praias como fonte de saúde:

O próprio D. João VI já tomava os seus banhos salgados medicinais. De maneira bastante pitoresca, encerrado num caixa de madeira, mas tomava. Os médicos brasileiros da primeira metade do século XIX fizeram uma vigorosa campanha em favor deste banho marinho. E a moda pegou. A água marinha ainda não era aqui, ao menos em princípio, fonte de prazer, mas remédios. Não existia para a relação sensual, lúdica, ou erótica, mas como terapia (RISÉRIO, 2004, p.478).

A orla marítima brasileira começa a ter uma transformação significativa em seu valor social, pela corte portuguesa. Nasce no homem então um novo sentimento com relação ao mar, as virtudes terapêuticas de suas águas, em meados do século XIX "o tratamento de doenças por aquele meio dava lugar à valorização de casas à venda nas imediações da praia em muitas cidades e ao anúncio de hospitais e casas-de-saúde que ofereciam aquela terapia" (AZEVEDO, 1988, p.11).

O esplendor de um mergulho no mar é relatado por Corbin (1989, p.95-97) "todo ano, no último domingo de setembro, os bascos das montanhas descem em grande número para mergulhar no mar de Biarritz (França) [...] os turistas decodificam através da arte o comportamento desses banhistas/mergulhadores".

No período de vilegiatura (descanso e lazer), contemplar a cena a beira mar, deparando com a imensidão do oceano marinho, evoca sentimentos adormecidos em sua alma, e na sua mente, como descreve Brauel:

o mais belo testemunho é do próprio mar. Isto tem de ser dito e repetido. É preciso vê-lo, uma e tantas vezes [...] O mar restitui pacientemente as experiências do passado, devolve-lhes as primícias da vida, coloca-as sob um céu, numa paisagem que podemos ver com os nossos próprios olhos, análogos de outrora (BRAUEL, s.d., p. 17).

Para Deprest (1997, p. 14) "a vilegiatura é praticada a Antiguidade, mas assume um novo significado na sociedade inglesa do século XVIII. A aristocracia [...] agrupava-se em lugares para os quais transporta no período de verão", nascendo assim à "cidade termal", com o aparecimento do banho de mar, essas cidades de "vilegiatura", são locais ideais para tratamento, cultura e diversão.

E foi a partir do século XVIII que alguns pintores e poetas intensificam os relatos em suas artes dos momentos nostálgicos que passavam em frente ao mar, mostrando um espaço purificador dos males da alma, nesse interim Corbin (1989) ressalta que a frequência de pessoas a beira mar se intensificou, a busca pelo litoral marinho traz um alívio para as angústias da vida moderna, conforme se expressa

Enke (2017):

diante da areia úmida e fremente, um novo olhar segue o curso das ondas e o sentimento de melancolia, tão em voga na época, complementa esta cena a beira mar, onde o homem se depara maravilhado frente a imensidão das águas marinhas prostrado em sentimentos adormecidos que, neste ambiente inóspito agitam a sua mente, e ao mesmo tempo vão sendo deixados para trás, através da visão constante da maré, em sua dança ritmada pelos ventos constantes do local (ENKE, 2017, p.172).

As pessoas interessadas em decifrar os mistérios da praia e descobrir o que de verdadeiro existia nos quadros e nas poesias, começam a transformar a imagem caótica do mar pela prática turística. Então a afluência de pessoas à praia se intensifica e o litoral torna-se um destino procurado para o alívio das angustias vividas nas grandes metrópoles.

As motivações pelas caminhadas, cavalgadas, banhos e descanso, que levam primeiramente a alta aristocracia e depois os burgueses “que vivem de suas rendas, isto é, a classe que não conhece o trabalho e goza da ociosidade” (DEPREST, 1997, p.15), transformam o espaço a ser frequentado. A praia neste momento se revelava um lugar aprazível e um espaço à contemplação da natureza, seja ela sozinha ou na presença de amigos.

O espaço marítimo só passa a ser utilizado por outras motivações depois da “segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX transforma-se progressivamente num lugar de aventura e sedução; finalmente, desde meados do século XX se converteu em local de consumo e de transformação” (MACHADO, 2000, p. 204). Nesse interim há um contato direto e mais intenso com a areia, sol e mar, isso se deve a procura por um bronzamento e a apreciação da permanência por mais tempo na praia.

No século XIX também não é diferente o desejo que levam as pessoas à praia, conforme relata o estudo do perfil do turista da teoria de Wickens (2002) “os adoradores de sol” que querem passar as “férias relaxantes debaixo do sol [...] tentando de todas as formas “pegar um bronzado”, apenas se mexendo para comer, beber ou nadar no mar” (WICKENS, 2002 *apud* PANOSSO e LOHMANN, 2012, p.284), esses turistas não estão interessados em qualquer outra atividade dentro do núcleo turístico a não ser ficarem na praia se bronzeando.

O abandono do corpo aos raios solares torna-se um sinal de lazer ostentatório [...] Na praia lúdica, o mais importante é o “olhar” os corpos dos outros e “ser olhado”. Neste jogo de olhares, que é um jogo de poderes, o “banho de sol”, torna-se um ritual indispensável, em detrimento do “banho de mar” (MACHADO, 2000, p. 214).

A praia se torna um espaço convidativo à medida que a permanência à beira mar seja aumentada pelas inúmeras possibilidades de práticas esportivas e recreativas (bares de praia) dentro dela. O aumento do fluxo de viajantes às praias faz surgir novas práticas de lazer, constitui o lazer moderno, um lazer de sol e praia e com isso há toda uma transformação no espaço. As antigas práticas sociais à beira mar são reorganizadas em função desses novos objetivos.

Foram às elites burguesas “que retomaram este modelo da saúde através da partida, vão transmiti-lo, no âmbito das férias das massas populares” (DEPREST, 1997, p.17), é o despertar da praia como recurso turístico.

O modo de apreciar o mar, o olhar dirigido às populações que frequentam suas margens não resulta apenas do tipo, do nível de cultura, da sensibilidade própria do indivíduo. A maneira de estar junto, a convivência entre turistas, os signos de reconhecimento e os procedimentos de distinção condicionam igualmente as modalidades de fruição do lugar. O emprego do tempo e o arranjo do espaço impostos pelas formas de sociabilidade que se organizam para depois se manifestarem à beira do mar, a gama de distrações, dos prazeres e das obrigações que daí resultam, esboçam a vilegiatura marítima (CORBIN, 1989, p. 266).

A praia é um destino turístico requisitado e desejado por muitas pessoas em suas férias. O turismo que é praticado nela “é, com frequência, uma questão de ver outros corpos ou de ser um corpo a ser visto, de seduzir visitantes com habilidades, charme, força, sexualidade, etc.” (URRY, 2016, p.149). O imaginário da praia e da sua natureza “traduz relações de poder, que se exprimem na elaboração de determinadas técnicas corporais e padrões de sensibilidade para o contacto com os espaços naturais” (MACHADO, 2000 p.203). A praia é uma alternativa de lazer, de descanso, de fuga da realidade, de paquera, de diversão. É um símbolo de encontro, de confraternização social e de consumo de massa, para qualquer tipo de turista.

Para o caçara a praia representa sua fonte de renda, seu sustento familiar, ele não o percebe como uma opção de lazer como os turistas a vê. Ir todos os dias na praia, pescar, arrumar seus apetrechos de pesca faz parte de sua rotina,

entretanto se ele ficar afastado desse ambiente, provavelmente é capaz de adoecer, pois sua vida é o mar e a praia representa seu porto seguro.

4.2 Turismos de Massa (Sol e Praia)

A curiosidade é o sentimento intrínseco do turismo que vem desde o *Gran Tour* com os aristocratas e perpetua até os dias de hoje, as pessoas têm curiosidade em conhecer novos lugares, em se aventurar ou experimentar sensações em terras e culturas distintas da qual vive.

A prática turística “faz parte do imaginário de milhões de pessoas que podem escolher os mais diversos pontos do planeta para viajar ou para deslocar-se dentro de seu próprio país” (DIAS, 2006, p.161). E o turismo segundo Ignarra (2003, p. 2) “está relacionado com as viagens, à visita a um local diverso do da residência das pessoas”.

A praia é um destino muito almejado e que desperta sensações no imaginário das pessoas, para uns desperta a euforia, para outros a paz e tranquilidade. Uns querem praticar esportes, outros preferem relaxar e meditar. O que se percebe atualmente é que a grande maioria gosta de contemplar a natureza que existe em uma praia e o turismo contemporâneo:

é um grande consumidor da natureza e sua evolução, nas últimas décadas, ocorreu como consequência da “busca do verde” e da “fuga” dos tumultos dos grandes conglomerados urbanos pelas pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com os ambientes naturais durante seu tempo de lazer (RUSCHMANN, 1997, p.9).

Há inúmeros motivos que fazem as pessoas viajarem para alguma localidade, “a motivação turística prima pela diversidade de interesses, e há um amplo leque de possibilidades de criação de atrativos, público-alvo com interesses específicos que podem ser atendidos em qualquer lugar do mundo” (DIAS, 2006, p.161).

E dentro das modalidades de turismo encontramos o “turismo de massa”, esse fenômeno surge entre as décadas de 1950 a 1980 e só aconteceu por que foi necessário a “organização capitalista da produção permitisse libertar do trabalho um período de férias cuja configuração permitia deixar durante um certo tempo o

domicílio habitual” (DEPREST, 1997, p.16), os trabalhadores dispunham cada vez mais de tempo livre.

Segundo Hobsbawn (1995) esse período pós-segunda guerra foi chamado de os trinta anos gloriosos (ou período de ouro). Nesse período, por causa do fim da segunda guerra, havia um excedente de capital disponível, que foi reinvestido em urbanização e infraestrutura, junto com novos aparelhos e serviços, que geraram o “American way of life”, com uso abusivo de recursos (HARVEY, 2014). Tal situação rebateu nas atividades turísticas, com a introdução de capital na infraestrutura turística, com a rápida conversão de paisagens pouco transformadas em destinos saturados de infraestrutura. De acordo com Hobsbawn (op. cit.), o pensamento dominante nessa época era de uma ideologia do progresso, que tudo na economia iria para frente, o avanço da humanidade incluía o domínio da natureza, entretanto não se considerava a deterioração ecológica e nem a poluição. No turismo, de acordo com Ruschmann (1997), discutindo esse momento indicou que:

Trata-se de uma fase de excessos, acentuada pela qualidade medíocre da arquitetura das localidades turísticas. Predomina o concreto, o crescimento desordenado, a arquitetura urbana, falta de controle de efluentes [...] Em resumo, um período catastrófico para a proteção do meio ambiente (RUSCHMANN, 1997, p. 21).

Na sociedade industrial as pessoas que trabalham são a grande massa social e por esse motivo o turismo torna-se “de massa”, segundo Deprest (199, p.21). Quando pensamos em turismo massificado já imaginamos praias cheias de gente, peles bronzeadas, engarrafamento de automóveis e filas de espera, em geral o termo nos remete sempre a uma imagem negativa, mas esse turismo é o que mais consome e o que mais destrói ou aniquila os lugares.

Entre os segmentos ou tipos de turismo mais criticados por aqueles que consideram a atividade um grande vetor de malefícios, destaca-se o turismo de massa e sua vertente praticada em áreas litorâneas - o turismo de sol e praia, classificado por Cortes, Azorin e Moliner (2007) originalmente como *sun and sand mass tourism* (algo como turismo de massa de sol e areia) (ARAÚJO e CARVALHO, 2013, p. 2).

O turismo de massa ou também chamado “turismo de sol e praia” se expandiu de forma rápida, os destinos turísticos que ficam na faixa litorânea são bem requisitados, principalmente no verão, fenômeno este chamado de “veranismo” e

Ubatuba atualmente está entre os destinos de “sol e praia” mais procurados do litoral paulista, um dos motivos desse turismo se dá pela conservação da natureza e pelas suas belezas naturais, em alguns blogs, como a “Yahoo vida e estilo” têm chamado de Tailândia brasileira¹⁷, além disso, os preços praticados nos equipamentos turísticos são mais acessíveis que em outras praias até do próprio Estado de São Paulo. Apesar do turismo de massa trazer degradação por onde este fenômeno passa, em Ubatuba ainda podemos encontrar praias conservadas e isso se deve aos dois Parques Estaduais que existe no município, ajudando na sua conservação.

No Brasil o período de expansão econômica se deu entre os anos de 1950 e 1970, segundo Raimundo (2019), o despertar da massa pelo turismo é observado pelos investimentos em projetos turísticos em algumas cidades brasileiras, principalmente na faixa litorânea.

Para Urry (1996) o turismo de massa é um turismo inventado com pouca autenticidade, pois o turista fica isolado de qualquer ambiente acolhedor sem muito contato com a comunidade local, somente a presença de outros turistas. Para o autor é assim que se promove um encontro coletivo, garantindo assim o sucesso desses destinos massivos, fazendo que esqueçam o mundo real.

De certa forma Barreto e Banducci (2001, p.13) concordam com Urry (1996) e ainda rebatem que “os turistas apreciam a cultura encenada desde que lhes permita ver de que forma ela é preparada para a encenação”. Para esses autores quem procura o turismo de massa não procura uma experiência autêntica, não querem penetrar nos bastidores dos lugares por onde visitam, querem apenas viver uma fantasia, seja ela consciente ou inconsciente. Então, para se ter um turismo, mesmo que de massa, é necessário ter “um vasto campo de inovação cultural, de renovação das práticas submetidas às fantasias da invenção da elite” (BOYER, 2003, p. 165).

O turista que frequenta Ubatuba são excursionistas, geralmente de um dia, que querem se utilizar da praia, dão a preferência pela “Praia Grande” (praia da moda na atualidade) onde se concentram uma grande quantidade de quiosques, com música ao vivo, competindo entre si, principalmente pelo gênero musical. Esse tipo de turista quer apenas viver uma fantasia momentânea, postar suas fotos nas

¹⁷ Reportagem - Tailândia brasileira: Ubatuba encanta com 102 praias e ilhas paradisíacas. Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/tailandia-brasileira-ubatuba-encanta-com-102-praias-e-ilhas-paradisiacas-100019572.html>. Acesso em: 12 de set. 2020.

redes sociais e ter um *affaire* com algum nativo da região. O desejo da sociedade contemporânea, segundo Raimundo (2019, p.42) é o “apelo a benefícios para a saúde, a importante função de rede social, os cinco “s” da sigla em inglês – sol, mar, areia, satisfação e sexo” são por todas essas atratividades que as pessoas se deslocam para a praia.

Do ponto de vista sociocultural e econômico o turismo de massa gera receitas, gera novos empregos e faz o contato, mesmo que pequeno, entre turistas e população nativa (residentes).

Alguns autores têm estudado o fenômeno “turismo de massa”, abordando os aspectos comportamentais dos turistas que ali frequentam ou ainda discutem sobre as características circunstanciais de cada lugar visitado. Na tentativa de distinguir os tipos de turismo embasado no propósito de viagem, Gray (1970 *apud* Pearce, 2003), fez uma pesquisa onde utilizou o termo “prazer do sol” (*sunlust*), para turista que busca o prazer do sol a fim de descansar e relaxar, além de buscar conforto em meios de hospedagens, geralmente em *resorts* à beira-mar e preferem viajar em seu próprio país, o que acaba valorizando o turismo interno.

Para Plog (1990) o turista de massa é definido como “psicocêntrico”, ou seja, são pessoas que procuram segurança, por isso viajam acompanhados de um guia de turismo, são tímidos e não gostam de aventuras. Esse autor quando desenvolveu este estudo do perfil do turista correlacionou os tipos de turistas diretamente com a formatação do lugar, ou seja, da oferta turística que compõem o destino turístico, ele conclui que cada lugar turístico tende assumir características semelhantes aos turistas que ali visitam.

Analisando o turista que frequenta a praia do Perequê Açú, em Ubatuba, a descrição de Gray (1970 *apud* Pearce, 2003) e de Plog (1990) não se enquadra ao tipo de turismo que se pratica nessa praia. O turista que frequenta Ubatuba não está motivado por *resort*, já que não existem no município, e na definição de Plog, os turistas que chegam a Ubatuba não procuram Guias de turismo, se deslocam facilmente entre as praias e ilhas, são pessoas extrovertidas e na sua maioria gostam de aventuras e esportes náuticos.

Smith (1977) classifica “turista de massa” como visitantes de classe média que esperam encontrar funcionários fluentes em outras línguas e que satisfaçam as suas necessidades em um ambiente ocidentalizado e a autora ainda classifica o “turista de massa incipiente”, como pessoas que desejam além de conforto,

amenidades ocidentais. Barreto (1999) também faz uma analogia sobre esse tipo de turista de massa incipiente como sendo pessoas que procuram autenticidades atreladas à existência de equipamentos recreativos nos destinos turísticos. Sim, os turistas de massa do bairro do Perequê Açú procuram além do sol e mar, equipamentos recreativos, seja desde um barzinho com música ao vivo na praia, acompanhado de um petisco (camarão ou peixe frito) ou um passeio na *Banana Boat*, além de baladas noturnas para se entreterem, mas essas classificações de Smith ainda não é exatamente o turista da praia do Perequê Açú.

Com relação ao aspecto comportamental Cohen (1979) classifica o turista de massa em duas categorias, “turismo de massa organizado e individual”. O “turista de massa organizado” procura viajar em grupo, acompanhado de outros turistas, é pouco flexível, segue um itinerário organizado previamente, preferem destinos de moda, viajam por agências operadoras e quase não interagem com a comunidade local. Já houve esse tipo de turista no Perequê Açú, entretanto nessa praia atualmente vemos mais um “turista de massa individual”, para o Cohen (1979) esse tipo de turista costuma viajar por conta própria ou com grupo de amigos, gostam de pacotes mais flexíveis, pois tendem a realizar alterações no itinerário ou o tempo de permanência nos destinos visitados.

Beni (2001) também faz menção ao segmento de turismo de massa como sendo um turismo de “classe média” ou “grande turismo”, porque ele associa os níveis de estratificação socioeconômica que cada turista possui. E o que se percebe na praia do Perequê, segundo dados da Associação de Quiosques de Ubatuba (2019) é que existe um turismo de massa que está enquadrado na classe média, essa percepção se deve pelas marcas de carros que estão estacionados na praia, pelas vestimentas que os banhistas usam, pelo comportamento social e pelos gastos médios nos quiosques.

Para muitos estudiosos a composição do fluxo turístico de cada destino é baseada nesses diversos tipos de turistas e que se deve analisá-los para uma melhor reorganização do espaço, a fim de não impactar no convívio entre comunidade local e turista. Krippendorf (2009) considera a essência de promover a individualização e a humanização durante a prática do turismo de massa, buscando novas maneiras de geri-lo para aperfeiçoar os benefícios potenciais da atividade, já que sua prática é uma realidade que não se pode barrar.

Em Ubatuba não há estudos dos tipos de turista, aliás, todas as gestões

anteriores nunca se preocuparam em fazer algum Plano Diretor Turístico para a cidade, a fim de desenhar um perfil de turista que o município estava recebendo ou que gostaria de receber, para poder planejar ações futuras. O turismo no município sempre se desenvolveu de forma espontânea, sem planejamento, principalmente espacial e territorial, houve sempre interesses econômicos por parte da Gestão Pública no seu desenvolvimento.

Apesar dessa falta de planejamento turístico, o turismo que se desenvolveu na praia do Perequê Açú, atraiu turistas pacíficos que se integram muito bem com os equipamentos que ali existem e com o grupo de pescadores-caiçaras que ali trabalham.

Os equipamentos turísticos mais importantes e voltados para o turismo de sol e praia no bairro do Perequê Açú são e foram: o “Hotel Jangadeiro”, o “Terminal Turístico Municipal” e os “Quiosques”, todos estão construídos na orla da praia.

4.3 Turismo de Veraneio

As férias escolares é o momento de viajar com a família, entretanto há um deslocamento de grande número de pessoas, se concentrando muitas vezes em um único espaço/tempo.

o grande problema do turismo massivo na contemporaneidade consiste em transportar essa massa, alojá-la e despertar seu desejo pelo consumo (BOUYER, 2003).

Como algumas cidades brasileiras, principalmente cidade pequenas, não possuem uma infraestrutura hoteleira condizente ao número de pessoas que viajam e também, por que o brasileiro gosta de compartilhar espaços em conjunto com toda a família e amigos para fazerem churrasco, festas e terem muita diversão em conjunto, as casas de temporada, surgiram como uma opção de meio de hospedagem que possa satisfazer todos esses desejos.

Segunda residência, residência secundária, casa de temporada, casa de praia, turismo residencial ou turismo de veraneio são termos igualmente aplicadas às propriedades particulares utilizadas nos períodos de “tempo livre”, por pessoas que residem em outra localidade (TULIK, 2001, p.6). É uma modalidade de turismo que

está vinculada a uma forma de hospedagem, mas que está acoplado ao setor de construção civil e logicamente ao mercado imobiliário (ABRAHÃO e TOMAZZONI, 2018). Essas casas podem ser alugadas ou arrendadas por pessoas (famílias ou amigos) que queiram utilizá-las com o propósito de lazer e recreação, no seu tempo livre.

O turismo de residência secundária se enquadra na mesma forma que os outros tipos de turismo, mas para que seja realizado da melhor forma há uma necessidade de uma infraestrutura turística e urbana, além de serviços complementares para compor esse tipo de turismo em uma localidade (MULLER, HALL e KEEN, 2004).

Existem alguns motivos para que uma pessoa adquira uma casa de temporada, Peterson (1999 *apud* ABRAHÃO e TOMAZZONI, 2018, p.87-88) elenca três categorias para isso: primeiro motivo emocional/psicológica, onde o indivíduo busca o contato com a natureza, por ser um ambiente ideal para as crianças, pela identidade familiar e também pela necessidade de prestígio; o segundo motivo é o lazer e recreação, já que com a casa é um espaço privado para esta prática; e o terceiro motivo se dá pela questão comercial, sendo uma alternativa de investimento, onde terá renda através da locação de imóveis.

Para Raimundo (2019, p.45-46) o turismo de residências secundárias ou veraneio é um fenômeno que pode ser entendido “como uma fuga do cotidiano estressante e um retorno à natureza”, o homem moderno do século XX e XXI busca por alternativas para retomar seu equilíbrio emocional e nada melhor que ir ao litoral buscar essa ligação mais intensa com a natureza. Para este turista de residência secundária a procura por casas de temporadas mais simples e rústicas é o foco principal, pois o importante é a valorização do seu tempo livre e da renovação das energias para aguentar a semana laboral na vida caótica da cidade grande, para ele o importante é “ser” e não “ter”.

Outros ainda buscam casas de veraneios como símbolo de “status”, que conforme Raimundo (2019, p. 46) “transformam-se, cada vez mais no *playground* das elites”. O jogo do poder é algo visto na elite da sociedade contemporânea, casas grandes e luxuosas, repletas de entretenimento (quadras de tênis e de futebol, piscinas, sauna, lago, entre outros mimos) dentro de condomínios fechados ao longo da costa. Essas casas podem ser de frente ao mar ou de frente a mata, não importa, o importante é o despertar da inveja, da cobiça e da luxúria, formando o triângulo do

desejo do homem moderno “status, poder e sexo”, pois o importante aqui é “ter” e não “ser”.

Muitos proprietários de casas de temporada moram muitas vezes em apartamentos na capital e querem desfrutar de uma casa afrontosa e ter mais espaço, outros ainda moram em casa e apartamentos pequenos e se dão ao luxo de ter algo melhor e mais espaçoso numa cidade turística, já outros moram em casas ou apartamentos confortáveis, mas querem um imóvel pequeno para passar os finais de semana ou temporadas na praia. Não importa o tamanho da propriedade, o homem contemporâneo das grandes cidades metropolitanas quer ter sua própria casa de temporada para fugir da rotina e ter um espaço perto da praia.

A aquisição de uma residência secundária traz uma facilidade ao homem moderno, o de usufruí-la a qualquer momento, seja por período prolongado (feriados e férias) ou curto (final de semana), sem precisar fazer reserva e esperar uma vaga em qualquer meio de hospedagem e pode-se aproveitar este imóvel no verão todo, desde o seu início até seu término.

Os gastos que o turista/proprietário possui sobre esse tipo de estabelecimento “casa de veraneio” são relativos à sua permanência (comida e bebida), mas também terão alguns gastos mensais obrigatórios, o que não torna muito atrativo como: IPTU¹⁸, água, luz, faxineira, jardineiro e manutenção em geral da residência.

Para Tulik (2001, p.11) “ter uma residência secundária significa possuir disponibilidade financeira, até mesmo para chegar ao destino, pois implica na maioria das vezes, a posse de um veículo ou, com menor frequência, a utilização de transporte coletivo”. Além disso, apesar dos turistas de segunda residência não morarem permanentemente na localidade (cidade turística) estabelecem vínculo territorial e até mesmo psicossocial com o município que visitam regularmente (TULIK, 2001).

As vantagens de locar uma casa de temporada estão atreladas a economia, seja nas diárias ou nas refeições, numa casa pode-se cozinhar, lavar a roupa, fazer um churrasquinho, levar o *pet*, enfim usufruir do conforto e benefícios de qualquer casa. Quanto à diária muitas vezes são menores que um meio de hospedagem tradicional, principalmente quando for locado por um número grande de pessoas. Mas o mais importante em uma casa de veraneio é poder ficar junto de amigos e

¹⁸ IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano – é um imposto municipal, regulado por lei ordinária e especificada para cada município, previsto na constituição federal.

família, compartilhando de um mesmo espaço.

Outra vantagem está na aproximação com a comunidade local, ao sair para ir ao supermercado, na padaria, no açougue, numa feira livre, há um contato direto com os moradores e se começa a entender a rotina diária daqueles anfitriões, dos seus costumes, dos seus hábitos alimentares e a da sua cultura. Esse tipo de experiência é único e enriquecedor para qualquer viajante. O turismo de certa forma permite experimentar, num curto período, uma condensação temporal de algumas experiências e vivências. Fazendo com que o turista volte com uma bagagem de informações e experiências em sua memória, voltando modificado ao seu habitat (BARRETO e BANDUCCI, 2001).

Desde 1960 há aumento da procura pelas residências secundárias, o motivo se deve às facilidades de acesso. No litoral paulista esse fenômeno se intensificou pelas construções de estradas ligando a capital à costa (RAIMUNDO, 2019). A facilidade de deslocamento é um fator importante para o turismo e lazer. O fluxo turístico desenfreado praticado pela segunda residência pode impactar na localidade.

A expansão de investimentos no segmento turístico “residência secundária” tem sido grande, principalmente em Ubatuba, litoral norte paulista. O setor imobiliário acelera a economia de qualquer cidade turística e Ubatuba vive dessa economia.

A procura por um espaço ao sol faz com que os municípios reorganizem seu espaço territorial, para delimitar as áreas de construção. Importante observar as restrições de uso e ocupação do solo municipal e preponderar o limiar das áreas de construção.

Para Raimundo (2019, p. 48) “a velocidade de transformação dos destinos turísticos foi grande e, em alguns anos, regiões como a orla marítima desfiguraram-se, apresentando severas modificações nos ambientes naturais e nas formas de organização da sociedade local”. A praia do Perequê Açú possui 63,1% de domicílios não ocupados segundo pesquisa da Unidade de Saúde UBS de Perequê Açú, iniciada em 2016 e concluída em 2019, ou seja, essa porcentagem corresponde às casas de veraneio, entretanto ainda possui poucos condomínios verticalizados. A orla da praia ainda preserva casas e comércio e os poucos prédios que possuem, tem apenas três andares.

O turismo de residência secundária na praia do Perequê após a temporada de visitação deixa no bairro várias casas vazias e desabitadas, para os moradores do

bairro é positivo no aspecto de tranquilidade, entretanto existem ruas que ficam muito solitárias deixando uma insegurança no ar.

Na alta temporada o bairro é um dos mais procurados para locação de casas de residência secundária, como a praia fica próxima do centro da cidade apenas 1,5 quilômetro e a praia é excelente para banho com mar tranquilo, muitas famílias com crianças preferem ficar nesse bairro, além disso, o valor do aluguel é mais baixo e acessível que em outras praias do município. Nos próximos capítulos são apresentadas as transformações socioespaciais da praia do Perequê Açú.

5 BALNEÁRIO DE UBATUBA E A PRAIA DO PEREQUÊ AÇÚ

O “turismo de sol e praia” é uma prática vivida na contemporaneidade nas praias brasileiras e no município de Ubatuba não é diferente. Entender esses fenômenos é compreender o desenvolvimento territorial da praia do Perequê Açú e os impactos gerados pelo turismo no grupo caiçara que ali vivem e trabalham.

Neste capítulo se compreenderá o desenvolvimento do turismo no balneário turístico de Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo, além de entender a formação territorial do bairro Perequê Açú e os principais equipamentos turísticos que foram e que são importantes para a praia.

5.1 Ubatuba um destino de vilegiatura

Ubatuba, cidade praiana localizada no litoral norte do Estado de São Paulo, distante 223 quilômetros da capital paulista, faz divisa com Caraguatatuba ao sul, Natividade da Serra, São Luiz do Paraitinga e Cunha a oeste, Parati a norte e Oceano Atlântico a leste (Figura 5), esses limites municipais “foram traçados na época do Império, datados de 20 de abril de 1865 e 22 de março de 1870” (DROGUETT e FONSECA, 2005, p. 19).

Figura 5 - Município dos Limites de Ubatuba



Fonte: Weather Forecast¹⁹, 2020

¹⁹ Mapa dos limites de Ubatuba está disponível em: <https://www.weather-forecast.com/locations/Ubatuba/forecasts/latest>, acesso em: 04 de abr. 2020.

Este município do litoral paulista conta, segundo a Setur Ubatuba (2019²⁰) com aproximadamente “102 praias”, toda essa orla marítima é “muito recortada numa sucessão de baías, angras, enseadas e sacos. Daí resultando uma infinidade de praias de médio e pequeno porte, quase sempre juntas aos paredões da serra do mar” (DROGUETT e FONSECA, 2005, p. 15).

Como as “suas baixadas são de pouca extensão e, devido ao declive mais acentuado, os rios não chegam a ser caudalosos” (DROGUETT e FONSECA, 2005, p.15), esta configuração geográfica que o município oferece ajuda a facilitar a atividade pesqueira e também proporciona terrenos mais férteis para a agricultura.

Sua população estimada segundo o último censo de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 78.801 habitantes. E seu território municipal ocupa uma área total de 723,883km², conforme a Secretaria de Turismo (2019), sendo 83 por cento deles localizados em dois parques, o Parque Estadual da Serra do Mar, no Núcleo Pinciguaba (PESM) e o Parque Estadual da Ilha Anchieta (PEIA), ambos colaboram com a preservação da Mata Atlântica, entretanto nenhum destes parques engloba as praias do centro da cidade, incluído a praia do Perequê Açú.

Algumas praias no município de Ubatuba possuem pouca interferência humana, outras já abrigam uma ampla infraestrutura turística e urbana dentro delas. Algumas praias possuem areia fina, outras grossas; há diversos tipos de mar nas 102 praias do município, algumas com ondas fortes, outras com mar manso, possibilitando assim múltiplas atividades recreativas ou de esportes náuticos dentro delas, como: surf, caiaque, *stand up paddle*, mergulho, pesca, entre outras.

O turismo de vilegiatura²¹ é a força motriz atualmente em Ubatuba, porém, nem sempre foi assim. Os primeiros ocupantes na região de Ubatuba, segundo Adams (2000) e Marcilio (2006) foram os tupinambás, sua forma de vida era explorar o mar como fonte de alimento, foram considerados excelentes pescadores e fazedores de canoas, mas também praticavam a agricultura, com roças de cultivo de

²⁰ SeturUbatuba – Secretaria de Turismo de Ubatuba, forneceu dados gerais do município e registros históricos para compor esta pesquisa, em 2019.

²¹ Vilegiatura: significa temporada que se passa fora da cidade, indo ao campo ou praia, geralmente no verão. Segundo Deprest (1997, pg.14) “do italiano vilegiatura, de *villegiare*, proveniente de villa, significa ‘ir a campo’”.

mandioca, complementada pela caça de animais pequenos²². “Nesta época Ubatuba surge com o nome de Aldeia de Iperoig” (BRUNO, 2018, p. 12).

Em 28 de outubro de 1637, a aldeia foi elevada a categoria de Vila com o nome de “Vila da Exaltação á Santa Cruz do Salvador de Ubatuba”, tendo como fundador Jordão Albernaz Homem da Costa, nobre português (BRUNO, 2018).

Sua economia a principio era rural com característica de uma agricultura de subsistência, a partir de 1760 o açúcar começa a ser plantado na região e encontrou condições ideais para o seu desenvolvimento. A cana de açúcar era produzida para extração do açúcar e aguardente, havia cerca de vinte engenhos no município e foi à primeira fase próspera. Esses produtos eram vendidos principalmente para o Rio de Janeiro (CERQUEIRA, 1966).

Houve um projeto de construção de um porto em Ubatuba, mas o Capitão Bernardo Jose de Lorena foi a favor da construção do porto na cidade de Santos, determinando que todas as embarcações do litoral paulista fossem para lá, abalando profundamente a prosperidade do município de Ubatuba, surgindo a sua primeira decadência (BRUNO, 2018). Conforme aponta Adams (2000a), a partir de 1787, por ordem do governador da província, todas as embarcações que zarpavam dos portos do litoral foram obrigadas a escalar em Santos, onde os preços pagos pelas mercadorias eram menores e os tributos maiores. Esta estratégia foi utilizada para abastecer a capital com gêneros alimentícios e movimentar o porto de Santos. Com a diminuição do comércio no litoral, muitos proprietários abandonaram suas terras, limitaram suas culturas ou mudaram-se para o planalto. (RAIMUNDO, 2007, p. 90)

No século XVIII, Ubatuba começa a desenvolver o plantio do café em pequenos sítios e chácaras, principalmente no bairro Mato Dentro (CERQUEIRA, 1966), afluía no município muitos imigrantes, principalmente portugueses e franceses para o início das plantações. Foi o maior auge de desenvolvimento em Ubatuba, onde houve construção dos grandes casarões, esse apogeu econômico, esses casarões ainda se encontram na cidade, são os vestígios do esplendor e da opulência do passado, essas mansões foram incorporadas ao patrimônio histórico e artístico nacional.

Segundo Bruno (2018, p.12) Ubatuba se eleva “a categoria de cidade em

²² A cultura Caiçara será discutida e aprofundada no Capítulo 6 – “CONHECENDO O CAIÇARA-PESCADOR”.

1855 e em 1872 foi elevada a comarca, juntamente com São José dos Campos”. Sua emancipação política se deu apenas em 28 de outubro de 1937 e somente em 1967, Ubatuba é decretada à categoria de Estância Turística.

No final dos anos 1850, iniciou-se a segunda decadência, “decorrente dos métodos atrasados de cultivo, das pragas e da concorrência do vale do Paraíba” (CERQUEIRA, 1966, p.59) e também pelo impedimento da construção da ferrovia do Vale do Paraíba a Ubatuba, o governo transferiu o projeto para o interior paulista, dando o surgimento da construção da ferrovia Santos-Jundiaí. Os vestígios da antiga estrada de ferro do Vale até Ubatuba podem ser constatados na obra literária de Idalina Graça, em seu livro “Terra Tamoia” em 1967:

Subindo devagar (por volta de 1931) fui notando vestígio da velha estrada. A certa altura encontrei trilhos de estrada de ferro. O meu estafeta guia contou-me, então, que no tempo do império tinha havido uma estrada muito bem conservada, ligando o Vale do Paraíba ao porto de Ubatuba, por onde o café descia em lombo de burro par ser embarcado nos navios. Nos primórdios da república, tinha sido iniciada a construção de uma estrada de ferro para ligar o “continente” a Ubatuba, cousa que jamais aconteceu, devido à concorrência que favoreceu o pôrto de Santos (GRAÇA, 1967, p.8).

O café se extinguiu lentamente e a economia de subsistência, o plantio de arroz e da farinha de mandioca passam a ser à base da vida agrária dos Ubatubanos.

Ubatuba ficou isolada por muitos anos, sem ter uma economia a se direcionar. As condições precárias das estradas era outro fator que impedia as pessoas de chegarem ao município.

Acontece que Ubatuba, nessa época (por volta de 1931), estava completamente isolada do resto de São Paulo, pois não existiam estradas para coloca-la em contato com as localidades vizinhas. Apenas uma tortuosa vereda, restos desbarrancados da antiga estrada imperial, que grimpava a imensa serra em demanda ao alto, e, de lá, até São Luís do Paraitinga, numa extensão de 10 léguas bem medidas, ou sejam, 60 quilômetros [...] o meu cavalo, após os primeiros quilômetros, não mais aguentou o meu peso.[...] fomos subindo aos poucos, aos poucos, lentamente, zigue-zagueando por baixo dos túneis esverdeados da densa floresta (GRAÇA, 1967, p.6-7).

Ou podiam chegar a Ubatuba pelo mar, havia um barco que fazia o trajeto regularmente, “o convés da lancha ‘Ubatuba-Santos’, único elo que ligava as duas

idades periodicamente” (GRAÇA, 1967, p.14). O final do isolamento só terminou quando houve a abertura do tráfego (Figura 6) do antigo caminho Taubaté-Ubatuba (atual rodovia Oswaldo Cruz SP-125) e da estrada de Caraguatatuba-Ubatuba (SP-55).

Figura 6 - Estrada Oswaldo Cruz (Alto da Serra), 1946/47²³



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

O traçado original da Rodovia Oswaldo Cruz (SP-125), segundo o DER²⁴ (2020) foi feito a partir das trilhas indígenas, entretanto nos anos de 1932 e 1933 o DER (Departamentos de Estradas e Rodagem) juntamente com presidiários da Ilha Anchieta (DER, 2020), promoveu o alargamento da estrada e o calçamento com pedras²⁵ do rio (Figura 7), que eram lavradas e cortadas, conforme relata Graça (1967) em seu livro:

apresenta-se um projeto, de aplicar os presos que viviam na mais absoluta vadiagem, no restabelecimento da estrada, que o tempo e o abandono haviam destruído e que daria vida de novo a Ubatuba [...]

²³ Foto do acervo do Sr. Rubens Negrini Pastorelli, ele é o menino que está sentado no carro. O nome desse local no Alto da Serra de Ubatuba era chamado de “Aguatuba”.

²⁴ Informações da Rodovia Oswaldo Cruz. Tudo sobre o Rodovia Oswaldo Cruz [SP-125]. Disponível em: <http://www.rodovioswaldocruz.com.br/>, acesso em: 04 de abr. 2020.

²⁵ Informações da Rodovia Oswaldo Cruz. Tudo sobre o Rodovia Oswaldo Cruz [SP-125]. Disponível em: <http://www.rodovioswaldocruz.com.br/>, acesso em: 04 de abr. 2020.

com prêmios pré-fixados foram postos a trabalhar na estrada. E o antigo caminho ressurgiu, agora permitindo à coletividade daquela cidade esquecida (GRAÇA, 1967, p.9-10).

O trabalho dos presidiários foi árduo e penoso na época, exigindo um esforço físico muito grande, que permitiu a passagem dos veículos automotores (CERQUEIRA, 1966).

Figura 7 - Estrada Oswaldo Cruz pavimentada pelos presidiários, 1959



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

Somente em 1960, segundo o DER (2020) inicia-se a implantação de um projeto mais moderno para a rodovia, sendo a pavimentação concluída apenas no ano de 1969. Muitos sentimentos foram gerados com a pavimentação dessa rodovia, como relata Graça (1967):

nessa época a estrada de rodagem S. Luís a Ubatuba, estivesse apenas no começo, uma esperança apenas [...] os dois mais abnegados pioneiros da progressista Iperoig de hoje: Dr. Mariano Montesanti, engenheiro, e Elídio Patto, fiscal dos trabalhos de reconstrução da estrada, então iniciados no alto da serra. Não escolhiam dia nem noite, trabalhando à frente de enorme turma de cantoneiros, a sacrificar a saúde, por vêzes sem tomar refeição durante todo o dia. Tudo fizeram para a poética Ubatuba despertasse

do marasmo em que jazia imersa, com o restabelecimento da estrada de rodagem (GRAÇA, 1967, p.47-48).

Esse foi o começo da modernização da rodovia que, assim, desencadeia outros melhoramentos na via SP-125 entre os anos de 1971 a 1979. A denominação “rodovia Oswaldo Cruz” ocorre em homenagem ao Médico Sanitarista Oswaldo Cruz, nascido em São Luís do Paraitinga (DER, 2020)²⁶. E foi através dessa estrada que o turismo começou a crescer em Ubatuba:

a tão sonhada e desejada estrada Taubaté - São Luís – Ubatuba estava concluída. Diversos carros de turistas transitavam pelas estreitas mas limpas e cuidadas ruas daqueles tempos [...] vendo o progresso tomar de assalto nossa terra, a trazer, em seu cortejo de dinheiro (GRAÇA, 1967, p. 50-51).

Apesar de trazer a principio poucos turistas, vinham com o intuito de conhecer as belezas naturais que Ubatuba tinha a oferecer “recebíamos os poucos turistas, que, por esse tempo, já começavam a procurar Ubatuba, atraídos por suas belezas naturais” (GRAÇA, 1967, p.48). O Vale do Paraíba, principalmente a cidade de Taubaté, sempre foi o principal polo emissor de turistas para o município de Ubatuba, seguido do Planalto Paulista e do estado de Minas Gerais.

Em 1972, mas precisamente no dia “18 de dezembro de 1972” (CHASTAN, 1975, p. 82), começa a abertura da Rodovia Rio-Santos (BR-101), essa Rodovia foi entregue em três etapas, nos anos 1973,1974 e finalizado no “primeiro trimestre de 1975” (CHASTAN, 1975, p.82). Um dos objetivos da Rodovia Rio-Santos era “exibir os encantos da exuberante natureza da região ao turismo, com suas mais de mil praias, ilhas, cachoeiras, além de suas matas e montanhas” (DROGUETT e FONSECA, 2005, p.229).

De fato, em muitos aspectos, a Rio-Santos seria uma estrada muito especial, tanto para atender a diferentes objetivos e serviços, quanto para superar um terreno difícil, vencendo serras, superando obstáculos geográficos e topográficos, sob um intenso regime de chuvas, característico da região, coberta em boa parte por floresta tropical (CHASTAN, 1975, p.80).

A construção da Rodovia Rio-Santos se deu na maior parte de sua extensão a base ou a encosta da serra, por esse fator foi uma estrada cara, com maior custo

²⁶ Informações da Rodovia Oswaldo Cruz. Tudo sobre o Rodovia Oswaldo Cruz [SP-125]. Disponível em: <http://www.rodoviaswaldocruz.com.br/>, acesso em: 04 de abr. 2020.

por quilômetro realizado pelo DNER (Departamento nacional de Estradas de Rodagem), tornando indispensável sua construção em etapas (CHASTAN, 1975). Essa abertura e construção da rodovia foram feitas com grande sacrifício, em razão das condições climáticas, já que esse litoral tem o índice pluviométrico muito alto.

A facilidade de circulação que a BR-101 trouxe na época e até hoje, foi à vinda de mais turistas ao município de Ubatuba, o isolamento geográfico começa a ter fim (ADAMS, 2000a), sanando o problema de mobilidade para esta região (SETTI, 1985).

Said Barhouch Filho conta que a rodovia BR-101, trecho que compreende a cidade de Ubatuba, teve início de suas obras por volta do ano de 1972, ano que veio a Ubatuba, mais especificamente no dia 16 de março, para auxiliar o engenheiro responsável Abid Elias Cadah, ficando no município definitivamente. Há 33 anos em Ubatuba, é responsável hoje pela manutenção e cuidados da estrada, trecho de Ubatuba, ao longo da rodovia BR-101 (DROGUETT e FONSECA, 2005, p.229).

Em 1975 houve a conclusão da rodovia BR-101, do trecho entre Ubatuba e a divisa do estado do Rio de Janeiro (49,1km), denominada atualmente de “Rodovia Governador Mario Covas”, a proposta inicial da BR-101 segundo o Prefeito Celso Teixeira Leite²⁷, era “a estrada entrar pelo Corcovado, não ia passar pela cidade de Ubatuba e nem pelas praias, mas como a verba federal acabou, aproveitaram a Estrada Estadual, administrada pelo DER-SP”, o trecho Caraguatatuba-Ubatuba (SP-55) que liga a rotatória do trevo municipal de Ubatuba (trevo que liga Ubatuba-Taubaté) ao entroncamento com a Rodovia Cônego Domenico Rangoni (Piaçaguera-Guarujá) em Santos é a estrada que dá a continuidade para a BR-101.

O traçado da BR-101, entre o trecho Rio de Janeiro à Ubatuba, acabou deturpando todo o Plano Diretor do município de Ubatuba. A cidade segundo o Prefeito Celso Teixeira Leite foi toda desconfigurada, ela teve que se reorganizar por causa desse novo traçado. Mas o positivo é que a Rodovia Rio-Santos trouxe novas possibilidades para a exploração turística.

A BR-101 foi e é “o grande vetor de ocupação da região [...] garantiu de vez a afirmação da vocação turística para a cidade” (RAIMUNDO, 2007, p.30), mas essa vocação trouxe também uma exploração que degradou o ambiente local, decorrente

²⁷ Prefeito Celso Teixeira Leite sua gestão foi entre os anos 1971-1973, morador do bairro do Perequê Açú, entrevista concedida em 21 de junho de 2019.

do capital imobiliário e conseqüentemente do turismo de veraneio, deixando marcas importantes na configuração do seu território.

Depois de 1980 o município de Ubatuba entra definitivamente na ascensão do mercado especulativo imobiliário turístico (RAIMUNDO, 2007), houve então a construção de diversos condomínios ao longo da costa ubatubana, principalmente da parte sul do município, onde a área protegida (Parque Estadual da Serra do Mar) se afasta da linha de costa. Tudo isso para satisfazer a demanda nascente pelo mercado imobiliário, a procura pelo tão sonhado “sol e mar”. O turismo de veraneio (vilegiatura) passa a gerir a economia da região e Ubatuba encontra a sua vocação.

O Litoral Norte caracteriza-se pela diversidade de recursos naturais e pela intensa especulação imobiliária. Sua economia é marcada pela sazonalidade decorrente da predominância do turismo veranista, que é o seu principal fator de desenvolvimento, devendo, como tal, ser estimulado, contudo deve ser realizado de forma organizada, para que não interfira na riqueza natural e na beleza paisagística da região de modo a comprometer os próprios interesses turísticos (ZONEAMENTO ECOLÓGICO-ECONÔMICO DO LITORAL NORTE, 2005, p.8).

Ubatuba atualmente é conhecida como cidade turística de vilegiatura, de atmosfera tranquila, bucólica e rústica, com suas praias limpas e mar claro, almejada por muitos turistas, principalmente na estação de verão. O progresso nessa cidade pelo advento do turismo já era notado desde a década de 1940 e já impactava a vida dos grupos caiçaras que nela habitavam como relata a Sra. Idalina Graça (1967):

a misteriosa beleza rústica, e com sabor primitivo das praias, das nossas praias, até o advento do turismo que assenhorou de tudo, trazendo progresso característico da época que atualmente vivemos, mas retirando aquela paz que era própria dos caiçaras simples e sem problemas (GRAÇA, 1967, p.14).

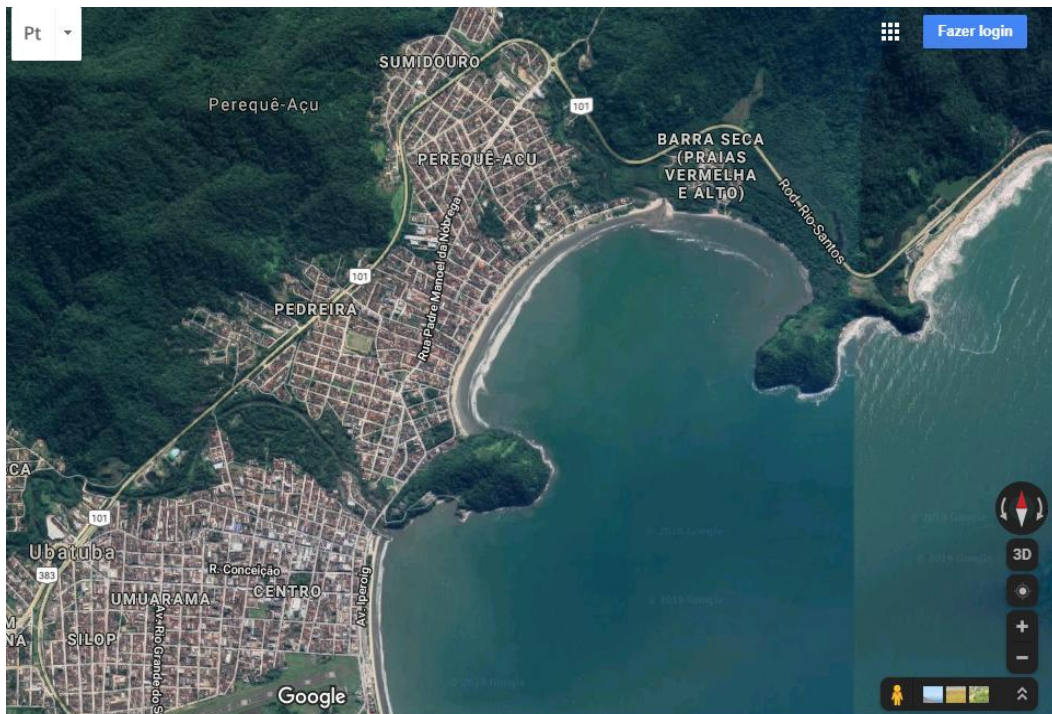
Ubatuba ainda possui algumas comunidades caiçaras que estão estabelecidas ao longo de todo o seu litoral. Muitos desses caiçaras ainda preservam algumas de suas raízes e culturas, vivem e tiram seu sustento nas praias, tendo a pesca como meio de sobrevivência. Trabalham com o turismo de forma direta, outros de forma indireta, alguns caiçaras possuem boa relação com o turista, outros nem tanto, entretanto o turismo de veraneio está presente em suas vidas e vem modificando a rotina e costumes dos grupos caiçaras que vivem e pescam na praia do Perequê Açú.

5.2 A praia do Perequê Açú

A praia em estudo Perequê Açú é uma das praias mais tradicionais do município, possui uma área de 2.531.588 metros quadrados, segundo dados da Secretaria Municipal de Arquitetura e Planejamento Urbano de Ubatuba e está localizado na região central de Ubatuba, apenas 1,5 km do centro de Ubatuba. Seu acesso pode ser feito pelo centro da cidade, indo pela orla da Praia de Iperoig, cruzando a ponte do Rio Grande, que dá acesso ao bairro do Perequê ou ainda pela Rodovia Rio-Santos, sentido Ubatuba-Paraty pelo Km 44 ou pelo acesso da rotatória Perequê Açú – Casanga, Km 43 da BR-101.

A figura 8, a seguir mostra o bairro, sua proporção e suas divisas: a oeste com a BR101 e os bairros Pedreira, Sumidouro e Taquaral; a leste o Oceano Atlântico, ao norte o Rio Indaiá, onde é possível atravessá-lo caminhando pela água, na maré baixa para a praia da Barra Seca e ao sul com o centro de Ubatuba, cruzando o Rio Grande.

Figura 8 - Perequê Açú e suas divisas territoriais



Fonte: *Google Maps*, acesso em 20 de nov. 2019

Sua orla é de aproximadamente 1,8 km de extensão, com areia fina e branca,

mas também se pode encontrar areia monazítica no canto direito (sul) dela. O mar é raso, tendo duas características: no canto esquerdo da praia do Perequê Açú sua água é mais calma, ideal pra ficar boiando e nadando, já do meio para o canto direito da praia há ondas gordas de pequeno porte, ideal pra pegar “jacaré”²⁸ ou para as crianças surfarem (Figura 9).

Figura 9 – Visão aérea da Praia do Perequê Açú, 2019



Fonte: Curiosidades de Ubatuba²⁹, acesso em 20 de nov. 2019

5.2.1 O desenvolvimento do Bairro Perequê Açú

O Perequê Açú é um bairro que começou a sua ocupação espacial (loteamentos) na década de 1950, a figura 10 indica como era o bairro nessa época, não havia residência de veraneio, somente casas de alguns pescadores. Entretanto, era a praia mais procurada pelos turistas para se banharem, desde a década de 1940.

Figura 10 – Visão aérea da Praia do Perequê Açú, 1952

²⁸ Pegar jacaré é uma expressão brasileira “surfe de peito”, ou seja, quando se entra de peito em uma onda e deixa seu corpo ser levado até a praia. Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/pegar%20jacar%C3%A9/15884/>. Acesso em: 24 de mai. 2020.

²⁹ Curiosidades de Ubatuba, filmagem aérea da praia do Perequê Açú. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bDKlyNeLm78>, acesso em: 20 de nov. 2019.



Fonte: Acervo do Sr. Edson Silva³⁰, 2019.

No começo, década de 1940, apenas o canto direito (sul) da praia do Perequê, que está próximo à cidade, era utilizado para banho, do meio para o norte da praia havia uma intensa mata e os turistas não se aventuravam em ultrapassá-la, segundo Sra. Cecília Bergamine³¹ (2019), “naquela época não existia a praia inteira, do Hotel Jangadeiro tinha apenas uns 300 metros para frente, antes do corpo de bombeiros (antigo Camping Ubatubatur), depois disso era praia, mas com mato, não tinha areia, não tinha rua, não havia nada”.

Na figura 11 é possível entender como se deu o loteamento do bairro, através do parcelamento do solo do Perequê Açú, conforme informações cedidas pela Prefeitura Municipal de Ubatuba.

Figura 11 – Praia do Perequê Açú, canto direito (sul), entre a década de 1950 e 1960

³⁰ O Sr. Edison Silva é um cidadão ubatubano e apaixonado por Ubatuba, desenvolve pesquisas e coleciona fotos da cidade desde criança. Tive a honra de conhecê-lo e admirar o seu acervo de fotografias antigas do município que possui em sua residência no Itaguá.

³¹ Cecília Bergamine filha da Sra. Renata Bergamine, proprietária do Hotel Jangadeiro na praia do Perequê Açú, em Ubatuba, entrevista cedida em 13 de julho de 2019.



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

Já na figura 12 a seguir, é possível ver o parcelamento do solo no Bairro do Perequê Açú e como ele foi loteado.

No quadro 1 foi feita uma relação setorial do desdobramento do bairro, colocada de forma aleatória os 30 loteamentos, conforme informação da Secretaria Municipal de Arquitetura e Planejamento Urbano de Ubatuba.

Quadro 1 - Relação Setorial do Perequê Açú – Desmembramento do Bairro³²

Nº.	Loteamento	Desmembramento	Clandestino
1	Jardim Cracóvia	João Gabriel dos Santos	Jardim São Luiz
2	Jardim Tropical	Manoel Bofino	Balneário Celene
3	Jardim Ubatuba A	Benedito Hilário Sobrinho	Jardim da Saudade
4	Jardim Ubatuba B	F. M. Apratti	Jardim México
5	Vila Perequê Açú	Lycurgo Barbosa Querido 3	Jardim JK
6	Vila Suíça	Marcelo Bom Meily	Sítio da Pedreira
7	Jardim Bandeirantes	Prof. Francisco Gomes 1	Canto da Praia
8	Jardim Itapoã		Recanto Mariana
9	Loteamento Ubatubur		Perequê Açú
10	Agostinho San Martin		Rancho da lua
11	Ponte Alta		Prof. Francisco Gomes 2
12	Luiz Suré		

Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2020

Já no quadro 2, a seguir, há uma relação setorial do desdobramento do bairro, por data de fundação, conforme dados existentes de alguns loteamentos fornecidos pela Secretaria Municipal de Arquitetura e Planejamento Urbano de Ubatuba.

³² Na Relação Setorial do Perequê Açú, alguns desdobramentos possuem data de fundação, fornecida pela Secretaria de Arquitetura e Urbanismo de Ubatuba, entretanto a Secretaria não forneceu as datas de fundação do restante do bairro.

Quadro 2 - Relação Setorial do Perequê Açú – por data de fundação

Jardim Tropical 28/09/1956	Jardim Ubatuba “2ª Gleba” 27/02/1958	Jardim Ubatuba “1ª Gleba” 04/03/1958
Vila Perequê Açú 09/06/1959	Vila Suíça 19/07/1973	Jardim Cracóvia
Jardim Bandeirantes “A” 30/07/1982	Jardim Itaporã 05/07/1988	Desm. Luiz Lourenço 1987
Loteamento Ubatu 22/08/2001		

Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2020.

O que se pode notar, segundo dados da Secretaria de Arquitetura e Urbanismo, é que o primeiro loteamento data de 1956, Jardim Tropical, entretanto pelos relatos históricos dos moradores antigos do bairro, o primeiro loteamento no Perequê Açú foi o Jardim Cracóvia, que talvez tenha surgido em meados de 1952. Importante perceber que o processo de ocupação do bairro Perequê Açú se deu lentamente em forma de diversos loteamentos.

A Figura 13 relata o surgimento do primeiro loteamento do Perequê Açú, que na época o bairro era chamado de “Jardim Perequê-Açú”, a gestão pública ainda fazia menção que seria um dos bairros residenciais mais aprazíveis da cidade.

Figura 13 – Primeiros Loteamentos da Praia do Perequê Açú, 1952



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

O bairro tornou-se bastante aprazível, muito procurado naquela época pelos residentes da área central da cidade e por turistas, era o “point” do momento. Logo surgiram os Ranchos³³ (figura 14) de praia para atender aos turistas que gozavam do lazer em meio àquela exuberante natureza.

Figura 14 – Rancho do Galo na praia do Perequê Açú, década de 1960



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020

³³ Ranchos – antigos bares de praia. No final da década de 1950 surgem os Ranchos do Galo e da Sereia na praia do Perequê Açú.

Atualmente o bairro tem retomado a sua vocação de um recanto muito aprazível e turístico da cidade de Ubatuba, procurado por novos residentes e por turistas de veraneio.

Na praia do Perequê Açú na década de 1950 existiam alguns imigrantes poloneses, o Sr. Polóquio (apelido) era um deles, ele possuía uma chácara de búfalos, próximo ao campo de futebol do bairro (atualmente é o Estádio Municipal Ciccillo Matarazzo), alguns moradores se arriscavam a ultrapassar essa chácara para cortar caminho. Esses imigrantes ajudaram a formar o bairro do Perequê Açú.

Assim como o Sr. Polóquio outras famílias polonesas viviam no bairro e em homenagem a esses imigrantes a gestão pública nomeou um dos loteamentos de “Jardim Cracóvia”, que segundo o Prefeito Celso Teixeira Leite³⁴, provavelmente foi fundado no ano de 1952, suas ruas levam nome dos ilustres moradores. Há relato no livro da Sra. Idalina Graça “Terra Tamoia” sobre uma caiçara que foi ser caseira para uma família polonesa “Joana deixara de trabalhar por dia e foi servir de caseira na casa de um nobre polonês, na praia do Perequê-Açú” (GRAÇA, 1967, p. 163), comprovando assim a presença dos imigrantes poloneses entre as décadas de 1950 e 1960.

Segundo o Prefeito Sr. Celso Texeira Leite, o início do bairro Perequê teve uma ocupação simples e humilde em função do Vale do Paraíba, com influência muito forte de Taubaté. As construções existentes nos primeiros loteamentos do bairro têm uma característica peculiar, são compostas de duas casas geminadas em terrenos que medem 10 x 25m² ou 10 x 30 m² (Figura 15), essas casas pequenas foram feitas para atender aos funcionários da Indústria CTI (Companhia Taubaté Industrial), que era a principal indústria têxtil da América Latina, fundada em 1891. Esses funcionários sempre vinham passar as férias e feriados prolongados em Ubatuba e adoravam ficar na praia do Perequê Açú, nesse momento, aparecem às primeiras casas de veraneio do bairro.

³⁴ Prefeito Celso Texeira Leite - durante a gestão de 1971-1973 e também morador do bairro do Perequê Açú, entrevista concedida em 21 de junho de 2019. Foi à primeira entrevista para esta dissertação. O Sr. Celso me e a sua esposa Sra. Ivete Fernandes Texeira Leite, esse casal deram contribuições valiosas para este pesquisa.

Figura 15 – Casas de Veraneio no Bairro do Perequê Açú



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2020

A maioria das ruas no Perequê Açú ainda é de terra, principalmente as ruas de moradores fixos. Quando chove elas ficam todas esburacadas, somente as vias principais possuem calçamento feito por “bloquetes”³⁵ ou estão asfaltadas, entretanto o asfalto também tem muitos buracos, pois a prefeitura não faz a manutenção regularmente. Essa é uma das grandes reclamações dos veranistas³⁶, os buracos nas ruas do Perequê.

Segundo a Prefeitura o bairro possui fossa asséptica em alguns loteamentos. O Perequê também possui uma estação de bombeamento de esgoto que é jogado para a estação de tratamento na Praia Grande. Esse foi outro fator de reclamação dos veranistas entrevistados, o esgoto do bairro em alguns lugares há cheiro forte, em outros reclamam que não há tratamento do esgoto. Para a gestão pública o bairro tem boa estação de fornecimento de água e energia elétrica, mas os veranistas entrevistados reclamam da iluminação precária nas ruas, acham o bairro muito escuro e outros ainda reclamam que no verão, principalmente no ano novo e carnaval falta água nas casas.

O bairro começa realmente a desenvolver turisticamente quando a Ponte de concreto sobre o rio Grande foi construída, ligando a Avenida Iperoig à Avenida Felix Guisard no Perequê Açú. Isso ocorreu entre os anos de 1974 e 1975, como consequência da construção da Rodovia Rio-Santos.

Anterior a esta data não existia ponte no bairro, para ir ao Perequê Açú ou tinha que contornar a orla de barco ou tinha que atravessar o rio Grande, esse foi o grande vetor que dificultava o acesso dos turistas a esta praia.

Somente por volta dos anos 1941 houve a construção da ponte do Perequê (da Ilha dos Pescadores à praia do Perequê Açú) conforme relato da Sra. Idalina Graça (1967, p.75) “por êste tempo estavam construindo a ponte principal que liga a cidade à praia do Perequê-Açú”, isso ocorreu em agosto de 1941 e os turistas e moradores descobrem um recanto bem próximo do centro. Então para se atravessar ao bairro do Perequê Açú era preciso cruzar o rio Grande para a Ilha dos

³⁵ O bloquete é uma peça modular fabricada a partir de concreto e água, colocadas justapostas formando um travamento, seu resultado é um calçamento eficiente e organizado. Informação disponível em: <http://www.lajesitaim.com.br/bloquete-cimento-calcada>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

³⁶ Entrevista feita com os turistas (veranistas) na praia do Perequê Açú. Essas entrevistas foram feitas para um universo de 50 turistas nos feriados do ano de 2019 e no verão 2019/2020.

Pescadores e de lá havia outra ponte que atravessava para o lado do Perequê, ambas as pontes eram feitas de madeira, conforme ilustra as figuras 16 e era possível passar de automóvel por elas.

Antes de 1941 os turistas e moradores que vinham para Ubatuba frequentavam a praia da cidade ou iam para a praia da enseada, como relata a Sra. Idalina Graça (1967) em seu livro.

Figura 16 – Vista das Pontes antigas de Madeira do Perequê Açú, s/d



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020

A nova ponte de concreto para o bairro do Perequê Açú foi construída entre 1975-1976 com verba estadual através da SUDELPA – Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista na Gestão do Prefeito Basílio Cavalheiro (1973-1976). Segundo o Blog Ubatubense³⁷ (2020) na época, o Prefeito queria que a ponte tivesse duas pistas, mas o engenheiro Rafael Baldacci disse que era impossível e suficiente para o município ter uma ponte de duas mãos e pista única. O então Prefeito na época se negou a participar da inauguração, pois ficou muito bravo com

³⁷ [UBATUBENSE. Eventos e História da Ubatuba Antiga](http://ubatubense.blogspot.com/2017/03/personagem-da-nossa-historiabilio-de.html). Viva Ubatuba Antiga. Disponível em: <http://ubatubense.blogspot.com/2017/03/personagem-da-nossa-historiabilio-de.html>. Acessado em: 07 de abr. 2020.

o engenheiro. Hoje todos dão razão ao antigo Prefeito Basílio Cavalheiro a ponte é pequena e estreita para o numero de carros que transitam nela, principalmente no verão (figura 17). Ainda existem as pontes laterais que cruzam o rio Grande, porém somente o acesso até a Ilha dos Pescadores transita automóvel, a outra ponte ficou apenas para o acesso de pedestre.

Figura 17 – Ponte nova de Concreto, acesso ao Bairro do Perequê Açú



Fonte: Newton Sérgio de Oliveira, 2019

Em 2017 a ponte de concreto do Perequê passou por uma reestruturação que incluiu pintura, limpeza, substituição de guarda corpo e a inclusão da ciclovia junto aos transeuntes.

Segundo relata o Prefeito Zizinho Vigneron³⁸, houve uma primeira tentativa na construção de uma ponte de alvenaria no século 19, entretanto como ela foi

³⁸ Euclides Luiz Vigneron, conhecido como Zizinho Vigneron, foi Prefeito em Ubatuba entre os anos 1997 a 2000. Entrevista concedida em 22 de junho de 2019. Pesquisador e historiador apaixonado por Ubatuba deu grande contribuição para o acervo da Biblioteca Municipal de Ubatuba e para esta obra, dando as devidas direções de pessoas chaves do município para serem entrevistadas e indicações de livros para o enriquecimento desta dissertação.

projetada mais para fora do canal do rio Grande, próximo do mar, quando houve a primeira ressaca do mar, essa ponte caiu, ficando apenas um resquício quase imperceptível aos olhos do turista (Figura 18).

Figura 18 – Vestígio da Ponte do século 19



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019

Conforme o cadastramento territorial da Unidade de Saúde UBS de Perequê Açú, iniciada em 2016 e concluída em 2019, a população do bairro é de 4.178 pessoas, havendo 2.207 domicílios particulares permanentes, a proporção de domicílios ocupados é 36.9% e a proporção de domicílios não ocupados são de 63.1% - as residências secundárias. Esses dados nos mostram claramente que existem muitas casas de veraneio no bairro e a figura 16 nos revela como está o Perequê Açú atualmente, sua transformação espacial equiparada com a década de 1952 mostrada na figura 19. O bairro Perequê Açú tem sua importância ligada ao turismo de veraneio da cidade.

Figura 19 – Ocupação Territorial da Praia do Perequê Açú, 2019



Fonte: Newton Sergio de Oliveira, 2019

O bairro do Perequê como se localiza muito próximo do centro de Ubatuba até hoje ainda continua uma praia boa para mergulho, já que a praia Iperoig (centro) e Itaguá são impróprias para banho, atraindo ainda muitos turistas e novos moradores. Além disso, o Perequê possui uma boa infraestrutura turística, entretanto esse bairro possui o metro quadrado mais baixo que na região central e no bairro do Itaguá (locais próximos ao Perequê Açú), o que sempre trouxe um público menos poder aquisitivo, mas traz uma vantagem para aqueles que querem ter a tão sonhada casa de veraneio próximo ao mar. Segundo a Sra. Cecília Bergamine (2019) “a maioria que tinha casa no Perequê era de Taubaté, de São José dos Campos e os Mineiros, porque era mais barato o bairro e a praia mais próxima ao centro”.

Quando se perguntou em entrevista aos veranistas “o que o Perequê representa para eles”, as respostas mais frequentes foram “um lugar a ser explorado”; “tranquilidade e paz”; “saudade por essa terra maravilhosa”, “amo essa praia”, “mar calmo ideal para família”. Essas respostas mostram o quanto o bairro é estimado pelos turistas. Atualmente o bairro apresenta uma transformação na área de construção civil, com a construção de condomínios de prédios e outros que estão em construção. O perfil do público que está vindo morar e ter casa de temporada no Perequê tem mudado, está atraindo turistas de classe média e média alta, sendo

famílias com crianças pequenas entre 2 a 10 anos, por esse motivo a praia do Perequê construiu um parquinho infantil (figura 20) feito de madeira (ecológico) para essa nova geração que estão começando a frequentar o Perequê Açú. Entretanto este parquinho está necessitando de uma reforma urgente.

Figura 20 – Parquinho ecológico na Praia do Perequê Açú, 2019



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019

Nas entrevistas aos turistas também foi perguntado “por que eles escolheram o Perequê Açú para ter sua casa de veraneio”, a grande maioria respondeu “por ser um bairro tranquilo”, “por ter relação com os avós que tinham casa no bairro e já frequentavam, por isso gostam do bairro”, “por estar próximo do centro da cidade na praia maravilhosa e calma”. Quando se perguntou “há quanto tempo tem casa de veraneio no bairro”, as respostas ficaram entre 20 a 40 anos e poucas pessoas responderam entre 1 a 5 anos, o que se nota que a grande maioria dos veranistas já conhece e frequenta a praia há muito tempo.

Novos valores e crenças sobre paisagens rurais têm incentivado o turismo residencial. Com isso, a “tradição” desempenha um forte papel, com memórias de infância em tempos usufruídos com a família em segundas residências. Tal situação motiva as pessoas a comprar uma propriedade fora das cidades; muitas vezes em cidades, mas em áreas urbanas litorâneas. No nível individual, segundas residências podem ser consideradas símbolos de identidade e pertencimento, representados pela conexão da família e das crianças com os lugares. Esse aspecto torna-se mais complexo,

pois as segundas residências raramente são vendidas, mas, em vez disso, passam através das gerações gerando “razões ocultas” para as pessoas adquirirem uma residência secundária (RAIMUNDO, 2019, p. 45).

A ideia de ruralidade é um fator que tem atraído muitos turistas, as pessoas estão buscando o contato maior com a natureza para terem um estilo de vida mais simples e mais rústico.

Conforme o Bairro foi recebendo mais turistas ao longo dos anos houve uma melhoria quanto à infraestrutura, atualmente encontram-se vários comércios como padaria, mercado, sorveteria, farmácia, açougue, posto de gasolina, igrejas de diversas religiões, mecânica de automóvel, lojas de roupas e acessórios, garagem náutica, entre outras.

Quanto à infraestrutura turística Perequê conta atualmente com um Terminal Municipal Turístico, escola de samba, restaurantes, bares, pousadas, *hostel*, além de varias casas de segunda residência para serem locadas durante a temporada. Quando se perguntou nas entrevistas feitas aos veranistas “quais as mudanças que o bairro teve com o advento do turismo?”, a grande maioria respondeu que houve o aumento do comércio e melhoria na infraestrutura.

Até a década de 1990 na praia do Perequê existiam quatro campings importantes: Camping Clube do Brasil, Camping do Vovô, Solemar e Camping Ubatubur, todos fechados atualmente, eram campings com infraestrutura ótima em terreno arborizado, atraia muitos turistas/campistas para essa praia, todos tinham espaço para os “trailers”. Hoje existem poucas opções de campings no Brasil e em Ubatuba, esse tipo de turismo parece que está se enfraquecendo. No terreno onde era o Camping Clube do Brasil está sendo construído o Instituto Argonauta para a Conservação Costeira e Marinha, no terreno do Caming Solemar, foi construído uma Marina³⁹. Já no terreno do Camping do Vovô foi construído condomínio de prédio de dois e três andares⁴⁰ e no Camping Ubatubur virou um condomínio⁴¹ e também é onde

³⁹ Marina Barbacoa, localizado na Avenida Gov. Abreu Sodré, 1250, esta marina manteve grande parte das árvores que já haviam no terreno do Camping Solemar.

⁴⁰ Condomínio Recanto do Vovô, localizado à Rua Imaculada Conceição, número 129, o nome do condomínio é em homenagem ao antigo Camping. Para a construção dos blocos desse condomínio, foram retiradas quase todas as árvores do terreno, ficando apenas uma árvore, o que é triste de ver para quem frequentou esse camping, seu terreno era todo arborizado e aconchegante, hoje é todo cimentado, sem charme. A grande maioria dos

fica a sede da guarda e o posto dos guarda vidas. Atualmente a orla marítima conta com 15 quiosques de praia, uma banca de jornal, quadra de futebol e vôlei, parquinho infantil, alguns carrinhos (de sorvete, de açaí, de cachorro quente, de pastel, de roupas e acessórios), além de ambulantes vendendo dos mais variados produtos (óculos, queijo coalho, bijuterias, entre outros). Na praia também existe um Rancho de Pescadores, onde se encontra o grupo de pescadores-caiçaras que vivem profissionalmente da pesca. Segundo o dicionário Tupi Guarani (2008), o nome Perequê Açú significa pira – iquê “peixe que entra” e Açú que ignifica “grande, considerável, comprido, longo”, através da junção dos termos se obtém “grande entrada de peixe”. Pela toponímia, presumem-se os motivos da instalação desses ranchos de pesca caiçara na praia. Havia no passado abundância de peixes, hoje em dia o pescador depende de sorte e da maré.

Os equipamentos turísticos mais importantes no bairro do Perequê Açú e que são voltados para o turismo de veraneio são os “Quiosques” e o “Terminal Turístico Municipal”, além desses na década de 1960 existiu um meio de hospedagem que foi marco na história do bairro, o Hotel Jangadeiro, para entender um pouco mais da importância desses equipamentos turísticos na transformação do bairro serão descritos a seguir.

5.2.2 Hotel Jangadeiro

Entre os meios de hospedagem mais importante na praia do Perequê Açú na década de 1960 está o Hotel Jangadeiro (Figura 21), símbolo de hospitalidade da época. Segundo Cecilia Bergamine⁴², conta que sua mãe Sra. Renata Bergamini (Angelina Renata Cuppo Bergamini) veio para Ubatuba em 1963, mas já fazia três anos que já existia o Hotel Jangadeiro, desde 1960, cujo proprietário era o Sr. José

veranistas que adquiriram apartamento nesse condomínio são antigos frequentadores do camping do Vovô.

⁴¹ O Camping Ubatubur, ficava entre a Praia e a Av. Padre Manoel da Nóbrega, atualmente é um condomínio de casas boas, suas ruas tem o nome de Rua do Sol, da Lua e das Estrelas, bem poético, segundo a moradora Ivete Fernandes Teixeira Leite, entrevista cedida em 21 de junho de 2019.

⁴² Sra. Cecília Bergamine aos 77 anos (em 2019) era filha da Sra. Renata Bergamine, proprietária do Hotel Jangadeiro, entrevista cedida em 13 de julho de 2019.

dos Santos, o português. Ele arrendou o hotel para a Sra. Renata (apelido carinhoso como os caiçaras a chamavam), pelo motivo de já ser uma pessoa idosa e estar cansado de cuidar do hotel sozinho. Ela tinha apenas 23 anos de idade na época e ficou com o Hotel até 1988.

Figura 21 – Hotel Jangadeiro de frente a Praia do Perequê Açú, anos 1960



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

O Hotel Jangadeiro foi feito com a demolição dos casarões da Avenida Paulista, o Sr. José era demolidor e trazia todo esse material de demolição para construir o Hotel, e não apresentava nenhum padrão arquitetônico, com portas de um estilo, janelas de outro, na entrada do Hotel tinha uma porta de ferro enorme, pesada, havia também um aquário na recepção com a estátua de um menino urinando em cima de uma tartaruga. O estilo do Hotel, principalmente na entrada era como se fosse uma casa de fazenda, do século 18. O “Bigode” era escultor do Perequê Açú e entalhou diversos móveis para o Hotel, foi um dos melhores escultores que Ubatuba já teve e morador do bairro, segundo Sra. Cecília

Bergamine.

Em 1960 o Hotel tinha apenas 10 apartamentos, após 1963 o Sr. José dos Santos construiu mais 20 apartamentos, ficando com um total de 30 apartamentos que alojava cerca de 80 pessoas. A Sra. Renata construiu dentro do Hotel um restaurante (Jangada Restaurante), um bar (Jangadinha Bar) e um boliche (Jangadão Boliche). O carro chefe do restaurante era “peixe especial com caldo de laranja”, mas também se encontrava enguias no seu cardápio.

Na época o Jangadeiro era tido como o melhor hotel de Ubatuba, de frente para a praia, segundo relatos da Sra. Cecília. O Hotel recebia turistas que vinham de várias partes do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, do interior paulista), recebia também várias excursões da terceira idade. O pessoal do Vale do Paraíba eram excursionistas de um dia. No fundo do hotel, já na década de 1970 e 1980 (Figura 22) existia um terreno onde se estacionavam de 10 a 15 ônibus, durante os finais de semana. Caso um casal quisesse se hospedar no hotel a Dona Renata exigia a “certidão de casamento, porque ela prezava por um Hotel familiar”.

Figura 22 – Hotel Jangadeiro no ano de 1983



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

Dona Renata organizava gincanas em frente ao Hotel, com os turistas e ajudava na organização das festas juninas e da famosa Festa de São Pedro

Pescador (29 de junho), sempre angariando fundos para entidades assistenciais do município e para ajudar os caiçaras, segundo relato da Sra. Cecília Bergamine.

Todos os empregados do Hotel Jangadeiro eram moradores do Perequê Açú, a Sra. Renata fazia questão de implantar a mão de obra local, somente duas funcionárias vieram do Vale, para morar e trabalhar no bairro.

A Sra. Renata foi uma das fundadoras do Sindicato dos Hotéis e Membro Diretora da Associação Comercial de Ubatuba, faleceu em 24 de fevereiro de 1988, no próprio Hotel Jangadeiro. Em agosto de 1988, o filho do proprietário português Carlos dos Santos quis aumentar o valor do aluguel, a filha Cecilia Bergamini que já trabalhava no hotel não achou interessante continuar com o estabelecimento, pois sua mãe havia construído uma pousada na Rua Principal (Rua Manoel Barbosa), no Perequê Açú, então saiu para se dedicar a essa pousada.

Carlos dos Santos continua por um tempo com o Hotel Jangadeiro, por mais ou menos seis meses, depois arrendou novamente o Hotel por mais três anos, entretanto esse senhor falece e Carlos resolve vender o hotel. Quem adquiriu, segundo os relatos, foi um “Japonês” de Taubaté que não quis seguir no ramo hoteleiro e o transforma em condomínio de apartamentos (Figura 23). O Hotel Jangadeiro encerrou as atividades por volta de 1991, para virar condomínio.

Figura 23 – Condomínio Residencial no Hotel Jangadeiro, 2019



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019

Em 1989 pela Lei numero 922, de 29 de setembro, dá a denominação de “Praça RENATA BERGAMINE” a um logradouro público situado no Jardim Ubatuba – 1ª Gleba, entre as ruas Anchieta, Maranduba e Imaculada Conceição, na gestão do Prefeito José Nélio de Carvalho. Esta homenagem a essa senhora que tinha Perequê Açú e Ubatuba no coração, além de seu amor por todos aos caiçaras do bairro, sempre pronta a ajuda-los (ajudou dando remédios, cesta básica, brinquedos), era conhecida como “Anjo Louro do Perequê Açú”, que até hoje, os caiçaras reverenciam o seu nome, com respeito, amor e saudades.

O Hotel Jangadeiro foi um importante meio de hospedagem para a região de Ubatuba, este equipamento turístico ajudou o desenvolvimento e transformação espacial do bairro do Perequê Açú, deixando um legado de história e acontecimentos para o bairro. Muitos hóspedes que ficaram nesse hotel acabaram comprando uma casa de veraneio em Ubatuba e também no bairro, conforme explica o Sr. Mario Farias⁴³ (2020):

fiquei hospedado várias vezes no Hotel jangadeiro, era excelente hotel, eu e minha esposa adorávamos, tinha uma comida deliciosa e a praia sempre foi muito boa, por esse motivo compramos uma casa aqui no Perequê e possuímos até hoje, desde 1980, agora meus netos e bisnetos é que aproveitam essa maravilha (MARIO FARIAS, 2020).

Este equipamento turístico deu visibilidade à praia do Perequê Açú aos turistas de veraneio e a Sra. Renata Bergamine foi uma pessoa que ajudou muito os caiçaras locais através de festas e empregando moradores locais em seu estabelecimento. Foi uma grande perda histórica e turística o fechamento do Hotel Jangadeiro, quanto à perda história com a reforma do prédio se esvaiu os materiais (portas, janelas, lustres, etc.) que vieram das demolições dos casarões da avenida paulistas. Quanto à perda turística na praia do Perequê foi marcante, já porque houve um largo lapso temporal para que um novo hotel surgisse na orla, existindo apenas pousadas, *hostel* e casas de veraneio para se hospedar.

Somente quem se hospedou no Jangadeiro terá em sua memória a alegre recordação dos momentos em que tiveram neste local.

⁴³ Mario Farias turista de veraneio da praia do Perequê, entrevista cedida em 10 de janeiro de 2020.

5.2.3 O Terminal Turístico Municipal

Em 1933 o industrial Felix Guisard fez a primeira excursão a Ubatuba, como não havia estrada aberta, somente o traçado dos índios, Guizard levou dez horas para chegar de Ubatuba vindo de Taubaté, mas valeu a pena, esse taubateano ficou encantado com a região (GRAÇA, 1967). Décadas depois, resolveu colocar Ubatuba no destino de férias de seus operários da fábrica CTI – Companhia Têxtil Industrial, em Taubaté. De cima de um comboio de caminhão, pegou os seus 200 empregados com suas famílias e desembarcou na Praia do Perequê Açú (VIGNERON, 2020)⁴⁴. Os operários da CTI foram os primeiros turistas de massa a frequentar Ubatuba e consequentemente Perequê Açú.

A praia do Perequê Açú começa a despertar interesse dos taubateanos, segundo o Prefeito Pedro Paulo⁴⁵ (2019) os proprietários de caminhões “pau de arara” pegavam os funcionários das fábricas do Vale do Paraíba e desciam de madrugada para passar o dia em Ubatuba, surgindo assim na praia do Perequê Açú o turismo de um dia. Espalhavam pela praia, traziam muita bebida alcoólica, traziam também seus instrumentos musicais e faziam batucadas na areia, brincavam e se jogavam no mar. Os quiosques abriam cedo para dar comida para estes turistas. Com o tempo foram surgindo os ônibus e Ubatuba necessitava regularizar este tipo de turismo, nascia aqui à ideia do terminal Turístico.

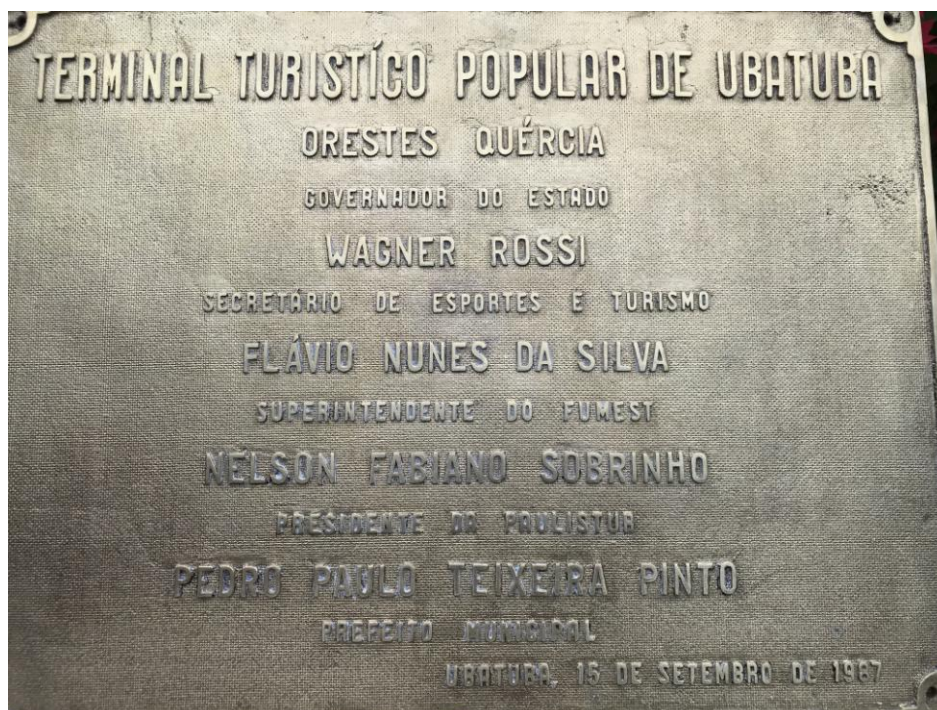
No Governo Franco Montoro (1983-1987), existia um projeto para Terminal Turístico para as Estâncias, que era regularizado pelo “Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias” – FUNESP, a Prefeitura na Gestão de Pedro Paulo Texeira Pinto (1983-1988) foi contemplada com esse projeto e cedeu uma área Municipal, um terreno na praia do Perequê Açú, para o Estado construir um terminal de ônibus.

O objetivo do Terminal era fomentar o turismo do interior para o litoral dando conforto aos turistas, além de organizar e controlar o turismo de um dia na cidade e na praia do Perequê Açú, entretanto a inauguração se deu em 1987, conforme mostra a figura 24 e 25, na gestão do Governador Orestes Quércia (1987-1991).

⁴⁴ Reportagem de Zizinho Vigneron - “Felix Guisard, uma taubateano apaixonado por Ubatuba”, Blog: Ubatubense, eventos e história da Ubatuba Antiga, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://ubatubense.blogspot.com/2020/03/felix-guisard-uma-taubateano-apaixonado.html>. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

⁴⁵ Prefeito Pedro Paulo Texeira Pinto (1983 – 1988), entrevista cedida no dia 25 de setembro de 2019.

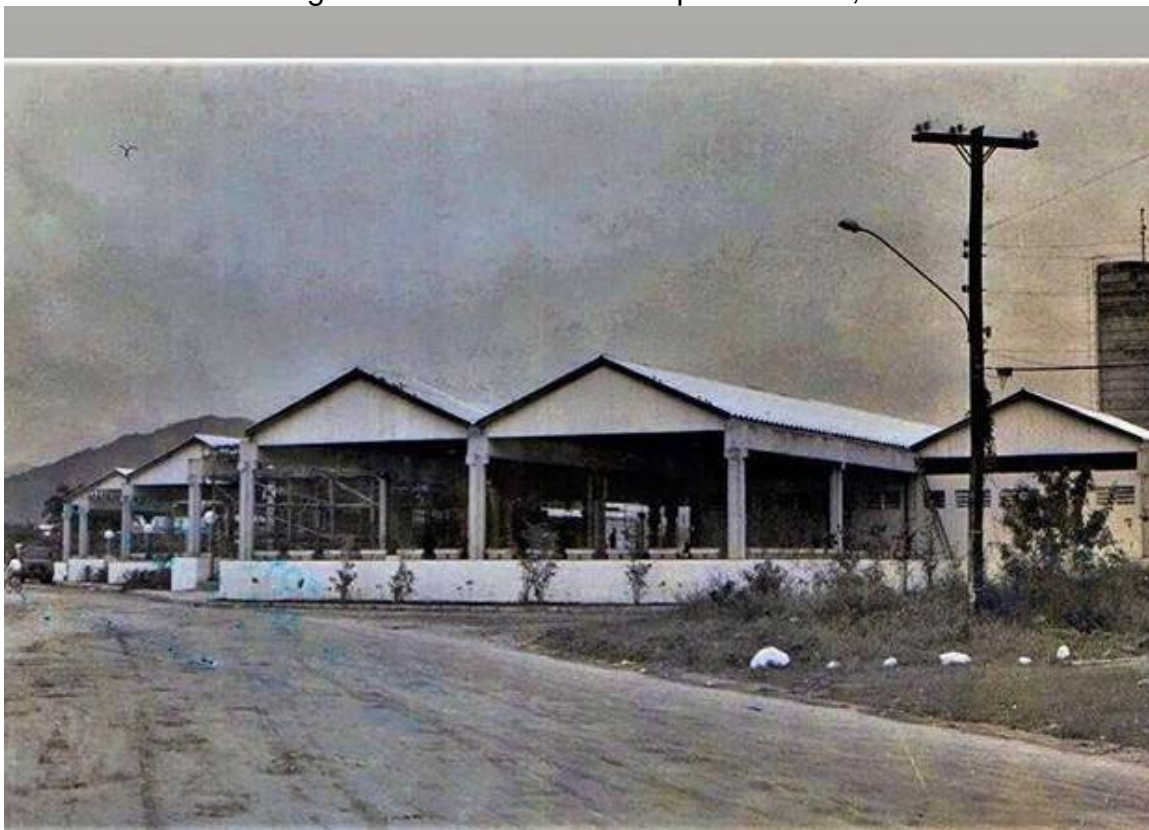
Figura 25 – Placa de Inauguração do Terminal Municipal Turístico, 1987



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019

No Terminal (Figura 26) os ônibus de turismo paravam e descarregavam os excursionistas, mas não podiam estacionar, paravam os ônibus em um terreno ao lado. O terminal possuía banheiros com chuveiro e vestiário. Segundo o Prefeito Pedro Paulo a praia do Perequê sempre teve um turismo popular. O COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) está sediado e administra o Terminal desde 1992.

Figura 26 – Terminal Municipal Turístico, 1990



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 02 de jul. 2019

O Terminal Turístico é importantíssimo sob o aspecto de turismo social, turismo de um dia, isso por um ângulo, mas muito complicado para quem vive no entorno, desvalorizou o imóvel, conforme explica o Prefeito Eduardo César⁴⁶(2019):

imagine cem (100) ônibus lotados de pessoas de todos os tipos, de lugares mais variáveis. Esse Terminal interrompia Avenida da Orla, então a gestão pública na época resolveu abrir a Avenida, porque antes havia dois “Perequês” – até o terminal e do terminal para o final da praia. O Projeto de Urbanização foi feito de ponta a ponta, abrindo a avenida foi uma tentativa de melhorar a “autoestima” da comunidade, “eu sou do Perequê Açú”, devem ter orgulho de ser do bairro (EDUARDO CÉSAR, 2019).

O turismo de um dia (excursionistas) não foi bem visto para a praia do Perequê Açú e nem para a região, o município está tendo que trabalhar para atrair outros tipos de turistas. Mas foi através do terminal turístico que muitas pessoas

⁴⁶ Prefeito Eduardo de Souza César (2008 – 2012), entrevista concedida em 14 de novembro de 2019, pessoa muito simpática, prestativo e disposto a ajudar nesta pesquisa, só tenho a agradecer pela grande ajuda.

conheceram a praia do Perequê Açú e uma parcela destas pessoas teve a oportunidade de comprar uma casa de veraneio nesta praia, como explica a turista Roseli de Almeida⁴⁷:

meus avós vieram de excursão de Taubaté e passavam o dia aqui no Perequê, fizeram isso várias vezes até que conseguiram juntar dinheiro e compraram uma casinha de temporada aqui nesta praia, nós amamos o Perequê Açú (ROSELI DE ALMEIDA, 2020).

O Terminal Turístico atualmente não recebe muitos ônibus, porque o tráfego de ônibus de turismo na Rodovia Oswaldo Cruz está proibido, somente pela Rodovia Tamoios é possível acessar a região por este tipo de veículos. Como a praia do Perequê acaba ficando muito distante da Rodovia dos Tamoios, os excursionistas de um dia preferem parar na praia da Lagoinha ou Praia Grande de Ubatuba, o que ajudou muito a modificar a frequência de turistas na praia do Perequê, como relata Sra. Edna Mariano⁴⁸ (2019), proprietária de uma casa de veraneio no bairro “já não se tem muitos jovens bêbados e baderneiros frequentando a praia, o perfil do turista mudou, hoje encontramos uma praia familiar, podemos desfrutá-la com prazer e podemos levar os nossos filhos e netos tranquilamente para a praia”.

O que se pode notar na praia do Perequê Açú é que realmente houve uma mudança do perfil do turista, hoje há mais famílias, com crianças, a praia está mais tranquila e requisitada por muitos turistas e moradores do próprio município. Já os excursionistas de um dia até gostaram dessa mudança, pois preferem ficar na praia grande, onde é a praia do “modismo” atualmente, do que frequentar o Perequê Açú, como relata Jeniffer, turista de um dia de Campinas:

eu adoro ir para praia grande, lá tem quiosques com música, toca “funk”, eu me acabo dançando. É a ferveção no verão. Muitos “crush” encontro lá. Amo a praia grande. A praia do Perquê Açú é muito chata, não tem esse calor humano que tem aqui (JENIFFER DE JESUS, 2019⁴⁹).

Por esse relato e de outros turistas (excursionistas) que frequentam a praia

⁴⁷ Roseli de Almeida turista de veraneio, entrevista cedida em 10 de janeiro de 2020.

⁴⁸ Sra. Edna Mariano, proprietária de uma casa de temporada na praia do Perequê Açú, há 40 anos, entrevista cedida em 12 de janeiro de 2019.

⁴⁹ Jeniffer de Jesus, excursionista de um dia, frequentadora da praia grande de Ubatuba. Entrevista concebida dia 15 de julho de 2019.

grande, nota-se que realmente o perfil do turista da praia do Perequê Açú mudou e para quem procura um lugar mais tranquilo, familiar e próximo do centro, esta é a praia correta.

5.2.4 Os Quiosques da praia do Perequê Açú

Até 1986 a praia do Perequê Açú possuía barracas de praia, na Gestão do Prefeito Pedro Paulo Texeira Pinto (1983 – 1988) criou um modelo sextavado, através da arquiteta Marcia Meiratti, padronizando os quiosques. As licenças de uso dos quiosques foram distribuídas de acordo com o tempo de trabalho que os comerciantes tinham de praia, na época existia mais comerciantes que quiosques. A maioria dos comerciantes ou eram caixaras ou residiam em Ubatuba.

A Prefeitura apenas demarcou a área e deu a concessão de uso da área do prédio, por tempo indeterminado, entretanto cada comerciante construiu o seu, com recursos próprios. Os 15 quiosques foram construídos em torno de dois anos de 1987-1988. O modelo original acabou sendo modificado pela maioria dos comerciantes ampliando a varanda, construindo depósito, ampliando o telhado.

Nos quiosques é permitido colocar na areia de praia apenas 30 jogos de mesa e 120 cadeiras de praia, é proibido vender garrafa de 600ml de cerveja e vender refeições, segundo leis municipais.

O saneamento básico (rede de esgoto) existe na orla marítima apenas até o Terminal Turístico Municipal, de lá para o final da praia (norte) os quiosques possuem fossa. Como no projeto original não existe banheiro, os quiosques colocaram banheiros de fibra de vidro, para os que não têm rede de esgoto, quando a fossa enche eles são obrigados a chamar a limpa fossa. A coleta de lixo é feita pela prefeitura e não há separação do lixo reciclável, mas existem vários catadores de latinha na praia e graças a eles é feita a reciclagem na orla desta forma.

Os quiosques (figura 27) atendem de 200 a 1.200 turistas por dia na alta temporada e na baixa uma média de 30 a 200 turistas. Geralmente 80% da frequência são clientes *habitué* (veranistas do bairro), 20% clientes novos.

Segundo a Sra. Marcela Castilho⁵⁰ (2019), os quiosques são grandes geradores de emprego, conseguindo empregar até 8 funcionários, “contribui muito para o crescimento da cidade”. A maioria dos quiosques da praia do Perequê emprega mão de obra local.

Figura 27 – Quiosques da praia do Perequê Açú, verão 2019/2020



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2020

Para o Sr. Gerson Omezo⁵¹, dono do “Recanto do Japa”, 20 anos atrás o Perequê possuía muitos ônibus de excursão, hoje a frequência da praia são famílias, geralmente veranistas do próprio bairro, aposentados com crianças pequenas, entre 2 a 10 anos, “esse tipo de turista são mais fácil de trabalhar, eles também gastam mais que os jovens”. Depois que o turista descobriu o Perequê o bairro melhorou, diz Sr. Gerson “depois do advento do turismo de veraneio houve melhoria na iluminação e no calçamento da orla, porque antigamente era de barro e quando chovia era uma buraqueira só”.

Os quiosques é um dos grandes atrativos da praia do Perequê, ficando

⁵⁰ Sra. Marcela Castilho - Secretária da Associação dos Quiosques das praias de Ubatuba, entrevista concedida em 16 de julho de 2019.

⁵¹ Sr. Gerson Omezo⁵¹, proprietário do “Recanto do Japa, quiosque numero 2. Entrevista concedida em 18 de julho de 2019. Este senhor é um dos poucos proprietários que construiu e ainda trabalha no quiosque, pois a maioria ou já vendeu ou passou para os filhos. Como ele esta desde a fundação soube me explicar como foi todo o processo de aquisição dos quiosques, quero agradecer imensamente ao Sr. Gerson pelo seu tempo dispensado nesta pesquisa.

lotados nos finais de semana de sol, feriados e férias. A maioria dos quiosques têm árvores, dando sombra natural aos turistas.

Quando se perguntou o motivo da escolha da praia do Perequê aos turistas (veranistas), eles “gostam dos quiosques porque eles não praticam preço abusivo no cardápio (petiscos e bebidas)” e porque “a praia é tranquila e calma”, já quando se perguntou a relação entre o quiosque e os turistas, alguns quiosques reclamam apenas do lixo deixado pelos turistas no chão da praia, mas que há uma relação harmoniosa entre eles. Essa também é a reclamação dos caiçaras-pescadores “os turistas deixam bagunça, falam alto, buzina muito carro (trânsito) e a gente hoje aqui é sossegado. Nossa cidade não está preparada para isso (Zé-Tadeu 2019)⁵². Quando se perguntou qual a relação do quiosque com o caiçara-pescador, todos disseram que eles são ótimas pessoas e que compram camarão e alguns peixes deles.

Pela mudança dos ônibus de excursão para outras praias de Ubatuba, mudou a frequência dos turistas na praia e a visão do turismo de veraneio tanto para os quiosques, como para o caiçara-pescador aconteceu de forma harmoniosa.

Os quiosques representam um dos atrativos para a praia do Perequê, diferentes de outras praias do município, esses quiosques praticam preços menos abusivos em seus cardápios, por isso estão sempre lotados. Muitos moradores locais vão ao final de tarde tomar uma cerveja e escutar uma música nos quiosques. Durante a pesquisa se pode notar a hospitalidade no atendimento da grande maioria dos quiosques, talvez se deva ao motivo de serem veranistas *habitué* do local. O importante é que este equipamento turístico “quiosques” são instrumentos relevantes na transformação espacial e territorial do bairro e na formação turística que ali se encontra.

⁵² Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

6 CONHECENDO O CAIÇARA-PESCADOR

Esse povo caiçara de vocabulário único, com sua cultura material e simbólica, mas que tem sua expressão impactada pelas atividades socioeconômicas da sociedade dominante. O fenômeno turístico vem modificando o espaço e as tradições culturais dos caiçaras. Antes viviam da pesca, da agricultura de subsistência, moravam em frente ao mar, faziam sua própria canoa, podiam pescar de diversas formas, atualmente sua herança cultural foi devastada e a pesca virou um meio de sobrevivência e sustento familiar.

Neste capítulo serão abordadas as origens do caiçara, assim como a sua vida junto à pesca, irá focar também a sua preocupação com a criação da APA, Marinha do Litoral Norte e sua relação com a Colônia de Pesca Z10 de Ubatuba.

6.1 O Caiçara e sua origem

O caiçara grupo de pessoas que vivem no litoral possui sua própria cultura, diferenciada em seus mais diversos aspectos.

Nos primeiros tempos da colonização houve a miscigenação do português com o índio, depois durante o século XIX, com o movimento de liberação dos escravos, acabaram estes se isolando em algumas praias ou sertão do litoral paulista, esta miscigenação e convivência com culturas distintas é o começo da formação das futuras comunidades caiçaras (ADAMS, 2000a).

Existem elementos culturais e sociais comuns em todas as comunidades caiçaras que vivem no litoral, não importa o Estado, segundo Mussolini (1980).

Esta identidade se explica, em grande parte, pelas mesmas influências que contribuíram para sedimentar as primitivas bases culturais da vida litorânea, nossa primeira área de povoamento e por muito tempo quase que a única (MUSSOLINI, 1980, p.219).

É possível notar no modo de vida do caiçara as influências indígena, africana e europeia, a maneira como viviam da agricultura de subsistência, do conhecimento com as plantas, do entendimento das marés e da lua, da técnica de construção das canoas e das técnicas utilizadas para caçar, revelam que o caiçara possui um elo muito forte com a natureza e este conhecimento do meio em que vivem (herança

das etnias) são os elementos que compõem a sua origem, conforme mostra a figura 28 a seguir.

Figura 28 - O caiçara-pescador observando as condições do mar para pescar e seu elo com a natureza



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019.

O termo “caiçara” tem origem tupi-guarani *caá-içara* utilizada, segundo Chiaradia (2008) para o cercado, a trincheira, o tapume. Já para Adams (2000a), este termo era utilizado para:

as palhoças construídas para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores. Mais tarde passou a ser utilizado para identificar o morador [...] do litoral do estado do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (ADAMS, 2000a, p. 03).

Para o Museu do Caiçara em Ubatuba, a palavra caiçara tem origem da linguagem indígena (Tupi) e representa a pesca com vara de bambu e taquaras. “Como o índio nomeava as regiões, lugares, nomes próprios... sempre se referindo a natureza; a nossa região [Ubatuba] para os índios era considerado como caiçara, só

que cercados ou fechados pela Serra do Mar” (MUSEU DO CAIÇARA⁵³, 2019).

A cultura caiçara, segundo Silva (1993) e Setti (1985) se baseiam numa subcultura da cultura caipira, pelo simples fato de analisarem seu modo de vida, como sendo algo específico, vive de modo simples, cultivam uma agricultura de subsistência, tem um modo específico de falar, igual aos caipiras do interior. O caiçara, por possuir uma baixa ou inerente introdução de capital em suas atividades, sua dependência e relação com a natureza é intensa. Ele extrai dela, natureza, sua sobrevivência e tenta preservá-la para o usufruto de suas gerações futuras. A roça caiçara não era primitiva conforme Mussolini (1980) descreve, nela havia uma tecnologia apropriada com formas de cultivo autossustentável.

Alguns autores, segundo Adams (2000a) acreditam que todo caiçara é um caipira do litoral, outros discordam de tal afirmação acreditando que tanto o caiçara como o caipira possuem vidas distintas, mas observando a estrutura da casa de um caiçara, percebe-se que ali havia a mesma característica de uma casa do caipira (morador do interior), “paredes de pau a pique, telhado de sapê de duas águas, algumas vezes caída. O chão de terra batida e os móveis escassos” (ADAMS, 2000a, p.108).

O Caiçara tradicional de Ubatuba e da paia do Perequê Açú possuía casas com essas mesmas características dos autores referidos no parágrafo acima. Percebe-se traços caipiras no morador de Ubatuba, como expresso, tanto no trejeito da oratória, como no andar, no se vestir, no se alimentar, no habitar, isso mostra que a semelhança com o caipira está em todos os detalhes, possui um estilo de vida e uma cultura que lhe são característicos de um caipira. Silva (1993, p.13) concorda que “a cultura caiçara faz parte da cultura caipira”, porque há inúmeros elementos que os definem.

Os habitantes desde Ubatuba até o litoral sul do Estado de São Paulo são “caiçaras e praianos”, segundo Schimidt (1947), são pessoas que possuem uma vida simples [...] usufrui apenas o que a natureza lhe proporciona “hoje”, sem se importar com o amanhã, com o futuro (BRANCO E CASEIRO, 2005) e até presentemente, os caiçaras da praia do Perequê Açú tem características similares às destacadas pelos autores, ou seja, ainda possuem vida simples, mas se preocupam muito com o amanhã e o futuro. O homem de Ubatuba se percebe caiçara quando:

⁵³ Definição retirada no próprio Museu Caiçara que está localizado dentro da base do “Projeto Tamar/IBAMA” em Ubatuba.

na medida em que admite ser essa a expressão usada para designá-lo. Entretanto, não se auto define como tal [...]. Ele se autodenomina *ubatubano, praiano ou barriga-verde*, justificado o uso dessa última expressão pelo fato de se incluir em sua dieta alimentar abundante consumo de banana verde com peixe e farinha de mandioca: o famoso “azul marinho” (SETTI, 1985, p.15).

Para Branco e Caseiro (2005, p.21) muitos herdeiros “frequentemente, recusam o termo “caiçara” por pejorativo”, porque era comum nos dicionários brasileiros encontrar a definição de “vagabundo, malandro, pessoa bronca ou estúpida”, se observa claramente que a falta de pesquisa sobre a cultura caiçara, fez com que os próprios herdeiros renegassem e tivessem vergonha de ser Caiçara.

Aparentemente isso mudou, há um orgulho de ser caiçara, principalmente na praia do Perequê Açú, em Ubatuba, quando questionados “o que é ser caiçara?” aos caiçaras-pescadores, suas respostas foram as seguintes: para o Sr. Leopoldo de Souza (2019)⁵⁴, é “orgulho”; para Sr. Neco (2019)⁵⁵ é “Morar na beira da praia, na verdade o caiçara é morador de beira de praia, é a comida típica do mar, produto pra ele é o Azul Marinho, é pirão, são comida típica do pescador caiçara”. Para o Sr. Deco⁵⁶, “é uma honra e uma felicidade muito grande, porque sinto feliz por ser o caiçara da terra, daqui onde nasceu fico feliz por tudo que Deus me deu nessa parte da vida”; Já para Wladimir (2019)⁵⁷ é “manter os costumes, fazer uma rede, pescar, manter a tradição da minha família”; E para Zé Tadeu:

é ser feliz, não posso falar muito senão eu choro. Criei meus filhos todos aqui, meus filhos são todos muito educados, ter filhos assim faz toda a diferença; tem uma lá nos Estados Unidos trabalhando, faz 2 anos, tenho dois meninos que são Marinheiros, tenho outra filha que tem um comércio na cidade, são todas pessoas do bem, tudo isso porque eu sou Caiçara (JOSÉ TADEU DE JESUS, 2019)⁵⁸.

⁵⁴ Caiçara-pescador Leopoldo de Souza (Pai do Zé Tadeu), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁵⁵ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁵⁶ Caiçara-pescador Manoel Nunes (Deco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 7 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁵⁷ Caiçara-pescador Wladimir da Silva, entrevista concedida em 11 de julho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 5 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁵⁸ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

Hoje o que vemos são caiçaras mais fortalecidos com sua origem, sem vergonha ou acanhamento de falar de suas raízes, são homens que nasceram e sempre ocuparam a faixa costeira do litoral do estado do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

A formação e o fortalecimento das comunidades caiçaras no litoral sul e sudeste do país, segundo Diegues (1983), Mourão (1971) e Adams (2000b), se devem nos intervalos dos ciclos econômicos vividos no período colonial. As terras eram férteis, úmidas e próximas ao mar, e a localização ajudava o escoamento das mercadorias (exportações).

Esses ciclos também estão inseridos na história de Ubatuba e os principais produtos plantados foram à cana de açúcar e o café como relata Droguett e Fonseca (2005, p.12-16) “em 1760 florescia a economia açucareira com a presença de cerca de vinte engenhos [...] os derradeiros anos do século XVIII e a alvorada do século XIX correspondem às primeiras informações acerca do café em Ubatuba”.

No município de Ubatuba também havia plantação de mandioca para a confecção da farinha, o feijão, milho e o arroz segundo Marcílio (2006), apesar de serem produtos com baixa escala de produção, eram plantados para consumo próprio.

O fator geográfico também teve um papel importante na criação dos grupos caiçara litorâneos, sua forma morfológica, a serra do Mar interceptando a linha de costa, ajudou as formas de ocupação do solo e da utilização dos recursos naturais. A proximidade com a mata e o mar favoreceu a subsistência do grupo e a estruturação de sua identidade (MUSSOLINI, 1980).

A cultura caiçara também “garante a manutenção e o uso sustentado dos ecossistemas, baseados principalmente no complexo conhecimento que estas populações possuem do meio em que vivem” (ADAMS, 2000a, p.235). Como utilizam técnicas tradicionais para lidar com a natureza, nota-se pouco impacto gerado ao meio ambiente, o sistema tradicional de manejo “revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e simbologias que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais” (DIEGUES, 1993, p.47).

Essa cultura caiçara, observada na praia do Perequê sempre trouxe em sua raiz a característica de um povo que mantém fortes relações com o meio ambiente, principalmente com a terra e o mar para atender, notadamente a sua necessidade

de sobrevivência. O caiçara de antigamente (antes dos processos de urbanização e turistificação mais intensos)⁵⁹ trabalhava a terra e saía ao mar pescar para se alimentar e para alimentar o grupo doméstico que era composto por sua família nuclear e por outros que se agregam ao seu domicílio, segundo Marcílio (2006).

O caiçara da praia do Perequê Açú quase não utiliza mais de técnicas de agricultura⁶⁰ para fazer uma plantação de subsistência, entretanto ele vive até hoje da pesca artesanal, “deixando de ser uma atividade suplementar e converte-se na principal fonte de renda e produção de bens destinados à venda” (ADAMS, 2000a, p.126). E, a forma como o caiçara pesca seus peixes, na pesca artesanal, com sua canoa caiçara a remo, na praia do Perequê Açú, ainda revelam o respeito aos ciclos naturais, exploram dentro da capacidade de recuperação que as espécies necessitam, permitindo assim uma reprodução sustentável dos recursos naturais.

6.2 O Caiçara – Pescador e a sua Canoa

O caiçara-pescador de Ubatuba, no passado, década de 1960, era um pescador-agricultor, que segundo Maldonado (1986) eram camponeses que praticavam uma pesca simples, sem acesso a longa distância no mar e que também exploravam a terra. Via de regra esses pescadores-agricultores plantavam e pescavam para consumir e comercializar o excedente, sua pequena produção. Atualmente em Ubatuba, vemos que o caiçara-pescador é um pescador artesanal, que segundo a Simone Maldonado (1986) se caracteriza:

pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo de produção [...] produzindo com grupos de trabalho formados por referenciais parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os

⁵⁹ Para Knafou (1995: 70-71), a “turistificação” é um processo de transformação de um lugar, cuja atividade principal – sua função – passa a ser determinada pelas práticas turísticas. Para que isso ocorra é necessária numa mudança na estrutura, ou seja, nos interesses sobre o local e, segundo Knafou (1995), tal mudança se dá, com a presença de três atores sociais: os turistas, o mercado (agências, operadoras, companhias aéreas e rodoviárias, entre outras) e os planejadores territoriais (RAIMUNDO, 2007, p.121).

⁶⁰ Há exceções em Ubatuba, como o bairro de Ubatumirim, no litoral norte do município. Ubatumirim consolida-se numa das localidades de vocação predominantemente agrícola de Ubatuba (RAIMUNDO, 2007, p.133).

mestres dos botes. Esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder, contudo, o seu carácter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização (MALDONADO, 1986, p.15).

O caiçara adere às novidades, como o uso de celular, de tecnologia, por outro lado, gosta de perpetuar seus modos tradicionais, principalmente na pesca artesanal (SETTI, 1985). O que se pode observar no grupo caiçara no Rancho dos Pescadores, da praia do Perequê Açú, principalmente nos mais idosos é que em toda técnica, seja rudimentar ou sofisticada, sua transmissão é feita oralmente. Talvez sentem limitações para usarem as novas tecnologias devido a falta de capital agregado, mas agarrando-se a sua tradição, sentem-se protegidos e confortáveis.

Nos mais jovens a tecnologia chegou para facilitar a venda do seu pescado, o caiçara-pescador Wladimir do box 05 (figura 29) usa a maquininha de cartão de débito/crédito para facilitar as suas vendas e ajudar os seus clientes (veranistas), já que identificou que muitos turistas não traziam muito dinheiro para compras, somente cartão, conseguindo assim aumentar as suas vendas.

Figura 29 - Caiçara-pescador vendendo o pescado com tecnologia, no Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019.

Os costumes tradicionais estão por todo o lado no grupo do caiçara-pescador, principalmente da praia do Perequê Açú, ao invés de consultar o aplicativo do celular para analisar o tempo, sempre olham a lua para saber como a maré estará, “as fases da lua definem como estará o tempo amanhã. O formato das nuvens também indica de onde o vento está soprando e se o mar estará bom para pescar”, informa Sr. Leopoldo de Souza⁶¹.

Ser pescador para esse grupo de caiçaras da praia do Perequê Açú significa tanto a profissão, como a sua vida, eles nasceram pescando e alguns já se aposentaram como pescador. É uma vida inteira dedicada à pescaria, uma paixão para muitos, conforme os relatos de alguns deles: para o Sr. Deco⁶², “em primeiro lugar é a minha profissão, em segundo lugar é a minha paixão da minha vida que mais eu adoro”, para o Sr. Leopoldo⁶³, “minha profissão, o que eu vivo”, para Sr. Wladimir⁶⁴, “gostar da natureza, profissão do incerto” e para o Sr. Neco⁶⁵, “é um Dom de Deus, pra começo de conversa, você tem que respeitar o mar, ele é vivo, tem que ter conhecimento do mar e amar no que faz”.

A rotina na vida do caiçara-pescador se baseia em acordar cedo, lá pelas 4h00 da madrugada para sair a pescar, apesar de serem “descendentes dos arrojados navegantes lusitanos, como bons indígenas que também o são, preferem ficar mais perto da costa, da segurança da terra firme” (BRANCO E CASEIRO, 2005, p.71), ou seja, em locais abrigados e não em mar aberto, com sua “canoa de voga”, ou “canoa caiçara”, ou ainda “canoa de um pau só”⁶⁶.

Como a canoa caiçara é um barco instável, não consegue enfrentar marés de ondulações fortes, somente em águas calmas se navega bem. O caiçara-pescador

⁶¹ Sr. Leopoldo, caiçara-pescador da praia do Perequê Açú, Box 1, entrevista 10 de julho de 2019.

⁶² Caiçara-pescador Manoel Nunes (Deco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 7 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁶³ Caiçara-pescador Leopoldo de Souza (Pai do Zé Tadeu), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁶⁴ Caiçara-pescador Wladimir da Silva, entrevista concedida em 11 de julho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 5 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁶⁵ Caiçara-pescador Manoel dos Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

⁶⁶ *Canoa de um pau só*: possui esse nome porque são escavadas em um só tronco de árvore, no dizer do caiçara (DENADAI, 2008).

“se equilibra na popa, com a água lambendo a borda baixa da embarcação” (BRANCO E CASEIRO, 2005, p.72), como mostra na figura 30, a seguir.

Figura 30 - Caiçara-pescador voltando da pesca



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019.

Canoa, segundo Denadai (2008, p. 26) é “o nome genérico da embarcação com um tronco de árvore. No entanto, a embarcação indígena feita com a casca de algumas árvores como o jatobá, também recebem o nome de canoa”. No Brasil, na costa litorânea, existem dez diferentes tipos de canoas sendo utilizada por distintos grupos culturais, as canoas mais utilizadas são:

Pesqueira (ou apenas canoa): pesca costeira, três a quatro metros, remo, leves e de fácil manejo. *Batelão*: pesca (cerco fixo, cerco flutuante e rede), 4 a 7 m, remo, a vela ou, mais raramente, com motor. *Voga* (bordada ou caiçara): navegação marítima (pesca e transporte), grandes (maiores que 7 m), remo ou vela, grande capacidade de carga, maior deslocamento, construção mais resistente. *Regata*: competição e pesca da manjuba, mas em geral não é ideal para a pesca, longa e de boca estreita, muito veloz (DENADAI, 2008, p. 27).

A Canoa de Voga, de um único tronco, com mais ou menos oito metrô de comprimento, comportava até oito pessoas, fora os tripulantes (o remeiro e o mestre), podia ser pilotada por aproximadamente seis marujos. Algumas canoas de

voga tinham dimensões “gigantescas”, segundo SANTOS (2019, p.8), “mais de 20 metros de comprimento por 2,2 metros de largura e com mais de um metro de profundidade”. Eram movidas a remos ou por vela de pendão, esses panos permitiam encurtar as viagens, se houvesse vento a favor. As adaptações na canoa, como a vela, ocorreram com a chegada dos europeus.

Figura 31 - Canoa de Voga carregando as mercadorias, primeira metade do século XX, Ubatuba



Fonte: Jornal MARANDUBA News, Julho de 2019⁶⁷.

Figura 32 - Canoa de Voga com 8 passageiros, início do século XX, Ubatuba



Fonte: Jornal MARANDUBA News, Julho de 2019⁶⁸.

⁶⁷ Acervo do Jornal MARANDUBA News, disponível em: <http://jornalmaranduba.com.br/wp-content/uploads/2019/07/jornalmarandubanews122web.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2019.

⁶⁸ Acervo do Jornal MARANDUBA News, disponível em: <http://jornalmaranduba.com.br/wp-content/uploads/2019/07/jornalmarandubanews122web.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2019.

Segundo Branco e Caseiro (2005, p.74) as canos de voga são “embarcações impelidas sobre as águas por força de remos, em ação cadenciada, comandada pela voga, timoneiro que, sentado à ré, mantêm o rumo e marca o ritmo da remada dos remadores”.

Era a canoa de voga que fazia o transporte de mercadorias entre Ubatuba e o Porto de Santos, era o único meio de ligação disponíveis entre os caiçaras e os grandes centros antes do advento das rodovias, e é considerada atualmente uma canoa típica do “caiçara ubatubense”. Também servia de “jornal-correio” da época, essas canoas eram responsáveis por trazerem as novidades que surgiam e também as informações importantes, como os decretos do Rei.

A chegada da voga era o evento, diz Santos (2019, p. 9) “ao longe se via o “traquete” que nada mais era que o conjunto de mastro e velas para a navegação “à pano”. A população do litoral, até a década de 1930, utilizou com grande intensidade este meio de locomoção”.

Figura 33 - Canoa de Voga navegando, vista geral da colônia correcional, Ilha dos Porcos, atual Ilha Anchieta, centro de Ubatuba.



Fonte: Sem autoria e s/d, do acervo do Blog Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos, 2019⁶⁹.

⁶⁹ Acervo do Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/135386520332002/>. Acesso em: 20 de out. 2019.

É muito comum nos dias de hoje se referir a canoa de um caiçara-pescador como sendo “canoa de voga”, porque escutamos de alguém que era esse o nome da canoa de um caiçara. Entretanto para Oliveira (1983), a canoa de voga não existe mais:

eram primitivas embarcações provindas do aperfeiçoamento das igaras ou pirogas indígenas, mas que atingiam grandes dimensões [...]. Lamentavelmente, não se conservou nenhuma dessas embarcações — construídas de um pau só, escavado a ferro e a fogo, num desmedido desperdício de madeira — não só para ilustrar o pretense museu do caiçara, como para testemunhar as grandes dimensões que atingiam, com capacidade para acolher e transportar volumoso carregamento (OLIVEIRA, 1983, p.32).

O que trazemos na memória é o sentido poético, de uma herança que ouvimos falar, na realidade a técnica de construção continua quase a mesma, o que muda, são as dimensões das canoas, pois as atuais são menores, como será discutido a seguir e as mudanças também ocorrem em suas funções. hoje ela é usada quase que exclusivamente para pesca, antigamente, antes do advento das rodovias, além da pesca servia para a mobilidade das pessoas, transporte de mercadoria e como “jornal-correio”.

Então, as canoas de menor dimensão são chamadas de “Canoa Caiçara” (figura 34), que para Denadai (2008, p.27), seria uma *canoa pesqueira* com três a quatro metros.

Figura 34 - Canoa Caiçara na hora do *Rush*, Praia do Itaguá, Ubatuba



Fonte: Emílio Campi, s/d, no acervo do Blog Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos, 2019⁷⁰.

⁷⁰ Acervo de Emílio Campi, no Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/135386520332002/>. Acesso em: 20 de out. 2019.

Segundo Maldonado (2001), ao agregar o adjetivo “caiçara” à palavra canoa, há uma qualificação dada a um tipo específico de embarcação e remetem características únicas de um grupo tradicional, que são detentores de cultura e tradição própria. Essa embarcação é desenvolvida e adaptada para a pesca costeira de subsistência que segundo o Németh (2011):

Sua produção totalmente artesanal é de domínio exclusivo de poucos mestres canoeiros ainda em atividade, que utilizando saberes e fazeres ancestrais transmitidos de geração em geração através da oralidade [...] é uma embarcação que carrega em suas linhas habilmente entalhadas a associação direta à população dos pescadores caiçaras que habitam a faixa litorânea [...]. Seu design especial com características próprias, desenvolvidas e aperfeiçoadas visando garantir para esta atividade pesqueira tradicional a máxima funcionalidade e segurança com a mínima manutenção e gasto energético, garantiu a sobrevivência desta população caiçara em perfeita harmonia com o ambiente natural em que se inserem até os dias atuais (NÉMETH, 2011, p.3).

Para se construir uma canoa caiçara é necessário escolher uma madeira de qualidade que traga leveza, resistência ao sol e durabilidade (NÉMETH, 2011) e as principais espécies encontrada na Serra do Mar e que são mais utilizadas, segundo Németh (2011), Denadai (2008) e Maldonado (2004) são: o guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), ingá flecha (*Inga sessilis*), o cedro (*Cedrela fissilis*) e a timbuíba (*Balizia pedicellaris*). Existem também outras madeiras que também são utilizadas em menor escala como a figueira branca (*Ficus insipida*), a canela (*Cinnamomum verum*), o caobi (*Machaerium nyctitans*) e o angelim (*Dinizia excelsa Ducke*), segundo NÉMETH (2011).

O feitio de uma canoa caiçara para Németh (2011), Denadai (2008) e Maldonado (2004) leva aproximadamente dois meses, ela é esculpida através de um modelo mental do próprio mestre canoeiro, esse saber que é transmitido de pai para filho, passados de geração em geração, é aprendido através da observação e o aprimorar dessa arte, se dá pela busca incessante da perfeição. Algumas variáveis devem ser pensadas nesse feitio, como o tamanho da canoa, o tipo de pesca a que se destinava e também o tipo de praia que seria usada (figura 35).

Para Almeida (1945), Mussolini (1980), Verschleisser (1990) e Maldonado (2004), a Canoa Caiçara é dividida em duas categorias, Németh (2011, p. 21) apurou os atributos tipológico que cada variante tem por básico e comum, são elas:

- 1ª. Canoa Caiçara Borda Lisa – é utilizada em pesca, batelão e regata;
- 2ª. Canoa Caiçara Bordada – são as canoas de voga, pode ser utiliza com motor, acrescida de uma bordadura, nesse caso, para aumentar a sua capacidade de carga.

Figura 35 - Feitio da Canoa Caiçara, *de um pau só*, em Ubatuba



Fonte: Jornal MARANDUBA News, Julho de 2019.

A escolha da madeira para confecção da canoa, no século passado, se consistia em buscar uma árvore dentro da mata, derrubá-la, aplicando técnica e planejamento para não rachar ou quebrar a árvore escolhida e depois começava a etapa de confecção da canoa, conforme relatos de Németh, (2011) e Denadai (2008). Atualmente, para confeccionar uma canoa, como não se pode mais derrubar madeira de lei na Serra do Mar (é necessário um termo de autorização dos órgãos ambientais, que fazem uma vistoria para liberação da arvore), o caiçara artesão então procura árvores que estão caídas na mata, conforme relato do caiçara-pescador Sr. Manoel do Santos:

A árvore que cai na mata que às vezes o vento derruba lá na mata, é essa madeira que são utilizadas para fazer a canoa de hoje. Eles vão

na mata, eles olham a madeira, as vezes tem uma árvore muito velha que tá lá que vai cair, eles ficam de olho que o caiçara que faz a canoa aqui sabe a época certa, diz que tem a lua também, tem tudo essas coisas, sabe? Sabem quando tá de vez pra tirar, se pode tirar ou não, daí eles vão na mata, desce a árvore, muito difícil esse processo e daí então, trazendo pra casa, aí eles começam essa fabricação. Tem muita gente que acha que vai lá e tira qualquer madeira, né? Escolha uma e tira qualquer uma não, eles escolhem a madeira certa, na época certa e a madeira boa pra fazer a canoa, pra aguentar o peso e tudo mais (NECO⁷¹, 2019).

Os pescadores atuais, em sua maioria, não são eles que fazem sua própria canoa, segundo relato do mesmo pescador Neco⁷², “na verdade em Ubatuba tem muitos caiçaras que fazem canoas, mas não pescam, são filhos de caiçara-pescador, trabalham com madeira, geralmente com artesanato, são eles que fazem essas canoas, descem a madeira da mata e fazem a Canoa Caiçara”. Os pescadores do Rancho no Perequê Açú, nenhum deles faz sua própria canoa, alguns pescadores compram desses artesões ou compram de outro pescador que adquiriu desses confeccionadores, ou ainda, utilizam canoa de fibra, comprada na loja de artigo de pesca do município.

A canoa de fibra quando tem alguma avaria, ela pode ser concertada no próprio mar, sem necessidade de ficar um dia parado para o concerto, como ocorre com as canoas de madeira, por isso alguns caiçaras preferem as canos de fibra.

A canoa sempre teve uma simbologia importante para toda família caiçara e ela representava e ainda representa a sua sobrevivência. A mobilidade do caiçara era feita por canoa, era o único transporte que possuía para ir a cidade vender seus peixes ou os produtos da sua lavoura, já que ele não possuía nenhum animal de carga; também era utilizado para lançar as redes ao mar e pescar com anzóis; também utilizada para visitar a família; ir para a igreja ou transportar doentes. Era seu instrumento de trabalho e também de lazer (SETTI, 1985).

Atualmente para o caiçara-pescador da praia do Perequê a canoa é apenas uma embarcação para pescar, onde retira o sustento do seu lar, ele não necessita mais da canoa para se locomover como antigamente, hoje possuem bicicleta ou veículo automotivo. Entretanto a canoa ainda continua como sendo um símbolo

⁷¹ NECO, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

⁷² Manoel do Santos (Neco), caiçara-pescador do box 4, do Rancho do Pescador, na praia do Perequê Açú, entrevista concedida no dia 20 de junho de 2019.

importante para a vida do caiçara do Perequê Açú, pois representa toda uma história e sua cultura, tanto que quase todos os caiçaras-pescadores do Rancho de Pesca do Perequê utilizam a canoa caiçara com o remo para pescar.

Com o meu barquinho (canoa) pesco corvina, robalo, espada; saio para pescar as 4h30, 5h00, 5h30 da manhã, volto lá pelas 10h00. Por que tem que sair para pescar com o tempo bom também né, no remo, não temo muita velocidade do motô, né, a gente vai mais devagar, né (DECO⁷³, 2019).

A canoa caiçara é tão importante para Ubatuba que até os dias atuais existe um campeonato chamado de “Circuito de Corrida Canoa Caiçara”, acontece todo ano, o que reforça essa herança cultural da canoa nos caiçaras de Ubatuba (figura 36).

Figura 36 - Canoa Caiçara no Rancho dos Pescadores, na praia do Perequê Açú



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019.

Em 1930 o barco a motor aparece de origem japonesa, mas somente entre a década de 1940 e 1950, o caiçara incorporou o motor a diesel em suas canoas, promovendo:

⁷³ Deco, caiçara-pescador do Rancho do Pescador, box 7. Entrevista concedida na praia do Perequê Açú em 20 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

uma mudança no modo de vida caiçara, inclusive na importância da roça para sua subsistência. Em alguns casos, o caiçara passou a dedicar um tempo maior às atividades da pesca, em outros houve um abandono completo das atividades agrícolas (ADAMSb, 2000, p.132).

O barco a motor trouxe ao caiçara, segundo Adams (2000b), um “manejo de pesca sofisticada”, para Mourão (1971) foi a partir da introdução do motor que caracteriza uma emergência na tecnologia da pesca entre o grupo caiçara, o domínio da tecnologia e da possibilidade de pescar mais peixe, é que abre os olhos do caiçara para essa profissão.

O caiçara pescador com seu barco a motor conseguiu desbravar melhor o mar atrás dos cardumes, pescando cada vez mais peixes, “muito mais do que a comunidade precisava” (BRANCO E CASEIRO, 2005, p.72). No Rancho dos Pescadores, alguns caiçaras possuem habilitação náutica, mas apenas dois possuem barco a motor, pescam peixes maiores e principalmente pescam camarão. A pesca do camarão necessita barco a motor para ir mais mar adentro para pescar.

Sou marinheiro profissional há 14 anos, saio todo dia para pescar, pesco de barco a motor, camarão, corvina. Saio para pescar na baía da praia grande e do Perequê Açú. Pago o seguro do camarão, no período de defesa (JOSÉ TADEU⁷⁴).

O surgimento do barco a motor trouxe ao caiçara uma autonomia maior, maior liberdade e uma melhora na economia familiar, pois com esse motor pode ir mar adentro e pescar mais variedade de peixes e pescados, mesmo tendo o barco a motor esses caiçaras possuem também a canoa caiçara a remo, ficam estacionadas em frente ao seu box, no Rancho dos Pescadores na praia do Perequê Açú. A realidade econômica do caiçara da praia do Perequê Açú está primordialmente baseada na pesca e, esta conseqüentemente associada ao turismo, pois ele necessita do turista para comprar os seus peixes.

6.3 A Pesca Artesanal do Caiçara-Pescador

A pesca marinha sempre teve uma grande importância econômica, social e

⁷⁴ José Tadeu, caiçara-pescador do Rancho do pescador, box 1. Entrevista concedida na praia do Perequê Açú em 10 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

até mesma ecológica. Segundo Diegues (2000) e Gasalla (2004) a pesca artesanal é responsável pela renda de inúmeros pescadores e também dos trabalhadores que estão relacionados ao setor pesqueiro. Como o caiçara do Perequê Açú vive da pesca então é preciso entender um pouco sobre este tema.

Conforme Diegues (2008) e Silvano (2008) a maior parte da pesca costeira no Brasil é de pequena escala, feitas pelas comunidades que dependem exclusivamente dos recursos marinhos, tanto como de subsistência, assim como fonte de renda, utilizam canoas a remo, que até hoje se perpetua, entretanto outros utilizam canoas motorizada, em suas atividades pesqueiras diárias.

Como a pesca artesanal é um tipo de pesca feita com embarcações de pequeno porte, sempre na proximidade da costa, através de técnicas mais tradicionais de pesca, utilizam equipamentos (apetrechos) que variam de acordo com a espécie que se pretende capturar. Tem uma característica bem peculiar, quando se tratando de mão-de-obra, pois utilizam a família e não é diferente com os caiçaras da praia do Perequê Açú. Esta pesca artesanal está disposta na Lei Nº 11.959, de 29 de junho de 2009⁷⁵, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, que regula as atividades pesqueiras. Para Maldonado (1986) os pescadores artesanais:

são todos os produtores marítimos que exerçam num contexto de artes menores, ou de pequenas escala, organizados ou não em cooperativas ou associações profissionais, trabalhando por conta própria, em termos de empresa familiar, e geralmente domiciliados nos núcleos onde ancoram suas embarcações (MALDONADO, 1986, pg.16).

No município de Ubatuba a pesca da tainha apresentava uma importante forma na organização social, o primeiro registro desta atividade econômica data de 1910 (DIEGUES, 1974). Entre outras características da pesca artesanal o pescador utiliza como forma de subsistência e também para o comércio do excedente.

Por volta de 1954 foi construído o Mercado de peixe em Ubatuba por causa

⁷⁵ A Lei Nº 11.959, de 29 de junho de 2009, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.959%2C%20DE%2029%20D E%20JUNHO%20DE%202009.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,1967%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em: 10 de out. 2019.

do grande volume de pesca. Com o aumento da demanda turística em Ubatuba por volta de 1960 surgem as embarcações destinadas à captura de camarões e cações e em 1970 a pesca torna-se uma das principais atividades econômicas dessa cidade (DIEGUES, 1983).

A pesca era, e ainda é uma atividade exercida apenas pelos homens, segundo Adams (2000a) e Marcílio (2006), exceto na pesca da tainha, onde se fazia o arrasto na praia e as mulheres saíam para ajudar. As famílias caiçaras do bairro se juntavam para esse período de grande fartura na pesca, mostrando o sentido de união e cooperação, já que sempre ao redor da rede havia uma integração social, constituindo um grupo local, como explica Mussolini (1980).

Como ele se dedica um tempo maior à pesca, as mulheres ficavam trabalhando na roça (MUSSOLINI, 1980), entretanto no Rancho dos Pescadores, na praia do Perequê Açú é possível observar apenas uma mulher trabalhando entre os homens, esposa do José Tadeu, do box 1. Ela pesca e ajuda o marido em todos os afazeres no Rancho, como limpar peixe, vender o peixe, limpar e arrumar o Rancho. A representação da mulher como força de trabalho na pesca se torna um exemplo para outros Ranchos.

Figura 37 - Mulher Caiçara trabalhando no Rancho dos Pescadores, Perequê Açú.



Fonte: Priscilla Lopes Bruno, 2019.

Os pescadores artesanais da praia do Perequê Açú vendem seus pescados diretamente aos consumidores (veranistas), alguns vendem também para os quiosques da mesma praia. Pescam em torno de 20 a 30 quilos diários (15 a 25 peixes em média), como não dispõem de geladeiras elétricas no Rancho para sua conservação, somente isopor com gelo, permanecem com o peixe no máximo dois dias, após esse período, caso não tenham vendido aos turistas ou aos quiosques, vão ofertar ao Mercado de Peixe, na Ilha dos Pescadores, próximo ao centro da cidade. O pescado em geral é vendido inteiro e *in natura*. Como a maioria possui apenas bicicleta como meio de transporte, não conseguem ofertar em outros pontos do município.

Na década de 1990 a atividade pesqueira em Ubatuba se centrava com a pesca costeira de pequeno porte, com linhas de fundo e cercos flutuantes, havia também pequenas embarcações camaroeiras (TIAGO, 1995; VIANNA e VALENTINI, 2004). Em 1971 e 1972 existiam, segundo Diegues (1974, p. 32) “cerca de 10 pescadores na praia do Perequê Açú, pescando com barco sem motor e apenas 2 com barcos a motor”. Atualmente o Rancho de Pesca possui oficialmente 8 pescadores, sendo que cerca de 5 pescam com canoa sem motor, 1 pesca com canoa à motor e 2 pescam com barco grande motorizado.

A principal área de pesca artesanal em Ubatuba ocorre em ambiente marinho e os principais produtos pesqueiros, segundo o Instituto de Pesca de Ubatuba (2019) são a corvina (*Argyrosomus regius*), sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*), camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) e o cação (*Carcarhinus spp*).

O caiçara-pescador do Rancho do Perequê que pesca de canoa a remo costuma pescar diariamente a corvina (*Argyrosomus regius*), a betera (*Menticirrhus spp*), o bagre (*Bagre marinus*), espada (*Trichiurus lepturus*), robalo (*Centropomus spp*), *entre outros*.

Os principais aparelhos de pesca mais utilizados na pesca artesanal em Ubatuba, segundo Diegues (1974, p. 39) eram “arrasto de praia, 74.2% pescavam com pequenos tresmalhos, redes para camarões e espinheis (geralmente para cações) e 20.0% eram possuidores de cercos flutuantes”. Em 2009 segundo o Instituto de Pesca, era o arrasto duplo pequeno (30%), emalhe de superfície (25%) e emalhe de fundo (58%).

Atualmente, os pescadores do Perequê Açú fazem a maricultura, o cerco, espinhel e pesca de emalhe, pesca com linha que é regulamentada pela Instrução

Normativa IBAMA⁷⁶ nº166 de 18/07/2007. As malhas de pesca que estão liberadas segundo o IBAMA, são de 7 a 14 mm.

A pesca com rede (rede de espera ou rede de espera de fundo), cuja técnica teve origem com o colonizador português e aprimorado pelos imigrantes de várias etnias que se fixaram no litoral brasileiro, são puxadas de forma que vão acompanhando a correnteza, geralmente em sentido paralelo à praia – onde os peixes ficam emalhadados, ou seja, presos nas malhas, pela cabeça ou pelas guelras (BRANCO e CASEIRO, 2005). Os caiçaras-pescadores utilizam redes de arrastão e as redes de cerco, quando embarcados no mar (BRANCO e CASEIRO, 2005). Na pesca com rede de espera de fundo, os pescadores artesanais da praia do Perequê Açú, geralmente utilizam nas canoas a remo as malhas de 10 a 12cm entre nós, diz o caiçara-pescador Deco⁷⁷.

A pesca do cerco flutuante era outra técnica muito utilizada pelos pescadores, fixos a costões, surge em 1942 em Ubatuba, na praia do Flamengo, segundo Mussolini (1980), onde os proprietários, mesmo sendo de outros municípios, utilizavam a mão de obra local (DIEGUES, 1983).

Um dos primeiros a instalar o cerco no município, foi o português Jaime Peralta. Segundo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio (2019) cerco flutuante é:

a pesca do cerco consiste na utilização de uma grande rede utilizada para cercar os cardumes de peixes [...] um bote denominado de “panga” é baixado da embarcação, levando uma das pontas da rede, fazendo o cerco do cardume, formando uma bolsa onde os peixes ficam cercados [...]. Os cardumes podem ser capturados junto à superfície, à meia água ou próximo ao fundo (ICMBio⁷⁸, 2019).

Segundo Deco⁷⁹, devem visitar este cerco, pelo menos duas vezes ao dia. “É uma armadilha cara, e foge às possibilidades da grande maioria dos pescadores

⁷⁶ IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

⁷⁷ Deco, caiçara-pescador do Rancho do Pescador, box 7. Entrevista concedida na praia do Perequê Açú em 20 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

⁷⁸Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. Cerco flutuante. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/industrial/cerco/cerco.pdf. Acesso em: 27 de out. 2019.

⁷⁹ Deco, caiçara-pescador do Rancho do Pescador, box 7. Entrevista concedida na praia do Perequê Açú em 20 de julho de 2019, ainda pesca sem motor.

caixaras. Esse tipo de rede fica aproximadamente oito dias na água, após o que é retirada para o conserto e depois lançada à água outra vez” (DIEGUES, 1974, p.7).

Outro aparelho de pesca bastante utilizado pelos pescadores caixaras é o “emalhe de superfície, de meia-água e fundo” que funciona de forma passiva, segundo o ICMBio⁸⁰ (2019), “pois a captura ocorre pela retenção dos peixes na malha da rede de emalhe, também denominada de rede de espera. A rede é de forma retangular que se estende ao mar nos pontos de passagem de cardumes”. Segundo o ICMBio (2019) há três tipos de emalhe: de *fundo* e *meia-água*, onde a rede fica no fundo rodeada de boias; de *superfície*, onde a rede fica à deriva da embarcação.

A pesca com Linha e anzol, em canoas a remo, também é utilizada pelos caixaras-pescadores da praia do Perequê Açú, usada para capturar peixes em diversas profundidades.

Existem várias questões que proíbem alguns tipos de pescarias, segundo Marcio dos Santos, Gestor APA Marinha Litoral Norte⁸¹, como exemplo pesca de “emalhe boiado”, a rede de emalhe lançada na coluna d’água por meio de boias, pela Instrução Normativa IBAMA nº166 de 18/07/2007, impede que seja feita dessa forma, como o art. 3º diz que a tralha superior da rede de emalhe de superfície deverá estar em profundidade mínima de dois metros da superfície, nessa Normativa pode-se compreender exatamente como deverá ser essa pesca de emalhe.

O Gerenciamento Costeiro (GERCO) proíbe nas baías do município de Ubatuba, no caso a baía do Perequê Açú e Itaguá o “arrasto motorizado”, embora seja feito por barcos de 7 a 12 metros, algumas canoas também praticam nessa zona.

O “Arrasto de praia” e o “picaré” (arrasto para praia) não são normatizados, ou seja, não são regulamentados, então são enquadrados como apetrecho de pesca proibido, como se estivesse executando a função de pescaria com apetrecho proibido. Arrastar o camarão fora da época de defeso e a sardinha, também está























⁸⁰ Pesca com Emalhe de Superfície, de Meia-Água e Fundo, segundo o ICMBio, disponível em:

https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/industrial/emalhe/emalhe_s_up_fundo_meiaagua.pdf. Acesso em: 27 de out. de 2019.

⁸¹ Marcio José dos Santos – Gestor da APA Marinha LN – Fundação Florestal – Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente SP, sede de Ubatuba, entrevista concedida em 16 de outubro de 2019.

proibido, conforme quadro 3, Calendário de Defeso do estado de São Paulo, a seguir:

Quadro 3 - Calendário de Defesos do Estado de São Paulo

SEJA CONSCIENTE! PRATIQUE A PESCA, O COMÉRCIO E O CONSUMO RESPONSÁVEL!														
Espécie	Instrumento Legal	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
Caranguejo Guaiaumum ¹ (<i>Cardisoma guanhumi</i>)	Portaria IBAMA nº 53/03			31							1 			
Lagosta vermelha e cabo verde (<i>Panulirus argus</i> e <i>P. laevicauda</i>)	IN IBAMA nº 206/08					31						1		
Sardinha (<i>Sardinella brasiliensis</i>)	IN IBAMA nº 15/09		15				15 	31				1		
Ostra (todas as espécies)	Portaria SUDEPE nº 40/86 Portaria SUDEPE nº 46/87		18 										.8	
Bagre-branco ² (<i>Genidens barbus</i>)	Portaria SUDEPE nº 42/84	1 		31										
Camarão (várias espécies)	IN IBAMA nº 189/08			1 		31 								
Mexilhão (<i>Perna perna</i>)	IN IBAMA nº 105/06									1 			31	
Caranguejo-uçá (todos) ³ (<i>Ucides cordatus</i>)	Portaria IBAMA nº 52/03										1 		30	
Caranguejo-uçá (só fêmeas) ⁴ (<i>Ucides cordatus</i>)	Portaria IBAMA nº 52/03										1 			31
Manjuba (<i>Anchoviella lepidentasia</i>)	IN IBAMA nº 33/04	25											26	

Fonte: Instituto Florestal de Ubatuba⁸², 2019.

1, 2 - Captura, desembarque e comercialização permitida, respeitando os defesos, até 30/04/18 pela Portaria MMA nº161 de 20 de abril de 2017.

3 - No Litoral Norte são proibidas a captura o ano todo (decreto estadual nº 60.133/2014). Nos litorais, Centro e Sul, captura permitida somente fora do Defeso e mediante autorização especial emitida pela CBRN. 4- Idem acima, porém permitida nos municípios do litoral Sul de SP.

⁸² Calendário de Defesos do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/portalnovomedia/2018/03/canlendario-de-defesos-3.pdf>. Acesso em: 26 de out. 2019.

O Defeso, segundo a Fundação Florestal consiste na proibição ou na paralisação temporária da pesca para a preservação das espécies, com o intuito de proteger as espécies durante esse período de reprodução e também para garantir a manutenção da pesca de forma sustentável. Está garantido por Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, alterada pela Lei nº 13.134, de 14 de junho de 2015, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.

Alguns pescadores da praia do Perequê Açú que possuem barco a motor e pescam camarão, como o caso dos pescadores do box 1 e 4, recebem o benefício do Seguro Desemprego do Pescador Artesanal, ou o chamado Seguro-Defeso, do Governo Federal, segundo o Ministério da Pesca e Agricultura⁸³ (MPA, 2015), o pescador recebe esse seguro em parcelas mensais, equivalente a um salário mínimo.

Esses caiçaras-pescadores exercem atividades de forma autônoma (individual) ou em regime de economia familiar, então, nenhum dos pescadores do Rancho do Perequê Açú participa de programas de governo, como o PRONAF⁸⁴, PROFROTA⁸⁵ e Bolsa família. Alguns ainda possuem o benefício da Previdência Social (aposentados).

A pesca é muito importante para o caiçara-pescador porque é através dela que tira o seu sustento e é onde ele tem o contato direto com o turismo, já que ele precisa dos veranistas para comercializar seus peixes e pescados. Entretanto, a pesca está ficando cada dia mais difícil na praia do Perequê Açú por causa das leis que regulamentam a pesca pelo Gerenciamento Costeiro (GERCO) e atualmente pelas regulamentações ambientais devido à área do Perequê-Açú estar inserida na

⁸³ Ministério da Pesca e Agricultura (MPA) – em seu site há toda a explicação de como conseguir receber o benefício do Defeso, conforme o site: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e-pesca/pesca/periodo-defeso>. Acesso em: 20 de out. 2019.

⁸⁴ Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, este programa financia a implantação, ampliação ou modernização de estruturas de produção, beneficiando tanto a industrialização, como os serviços nos estabelecimentos rurais ou em áreas comunitárias rurais próximas; seu objetivo é a geração de renda e à melhoria do uso da mão de obra familiar. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf>. Acesso em: 20 de out. 2019.

⁸⁵ PROFROTA - Programa Nacional de Financiamento da Ampliação e Modernização da Frota Pesqueira Nacional, criado pela Lei 10.849, de 23 de março de 2004, tem por objetivo proporcionar a sustentabilidade da frota pesqueira costeira, promovendo o máximo de aproveitamento das capturas, aumentando a produção e melhorar a qualidade do pescado. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/fne-profrota>. Acesso em: 20 de out. 2019.

Área de Proteção ambiental (APA) Marinha do Litoral Norte.

O que se torna importante à parte técnica da própria pescaria, é o fato de que ela desperta no turista e amante do esporte o interesse em participar diretamente com o caiçara pescador, para conhecer suas técnicas de pesca artesanal. E muitos desses pescadores caiçaras acabam levando em seus barcos turistas interessados nessa prática, onde as explicações técnicas do uso do espinhel, das redes, dos anzóis, além dos tipos de peixes existentes ali nas encostas da praia do Perequê Açú, são transmitidas pelo pescador ao turista, que assim se integra na cultura caiçara, conforme relato do Sr. Neco⁸⁶.

6.4 Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte (APAMLN)

A Área de Proteção Ambiental (APA), segundo o Instituto Florestal (2019) “é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, que visa compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável dos seus recursos naturais”, buscando construir uma convivência mais harmônica entre os processos naturais, da biodiversidade e as atividades humanas, a fim de melhorar a qualidade de vida das comunidades locais. As áreas de proteção ambiental são hoje reguladas pela Lei 9.985/00, pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC⁸⁷).

O Governo do Estado de São Paulo, em 2008, criou Áreas de Proteção Ambiental Marinhas de São Paulo (APAs Marinhas), por todo o seu litoral, dividindo-as através de três Decretos estaduais no ano de 2018, são elas: a Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Sul (APAMLS); a Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Centro (APAMLC) e a Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte. O objetivo das áreas de proteção criadas, segundo o Instituto Florestal (2019):

é compatibilizar a conservação da natureza com a utilização dos recursos naturais; valorizar as funções sociais, econômicas, culturais

⁸⁶ NECO, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 15 de julho de 2020.

⁸⁷ A Lei 9.985/00, pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 20 de out. 2019.

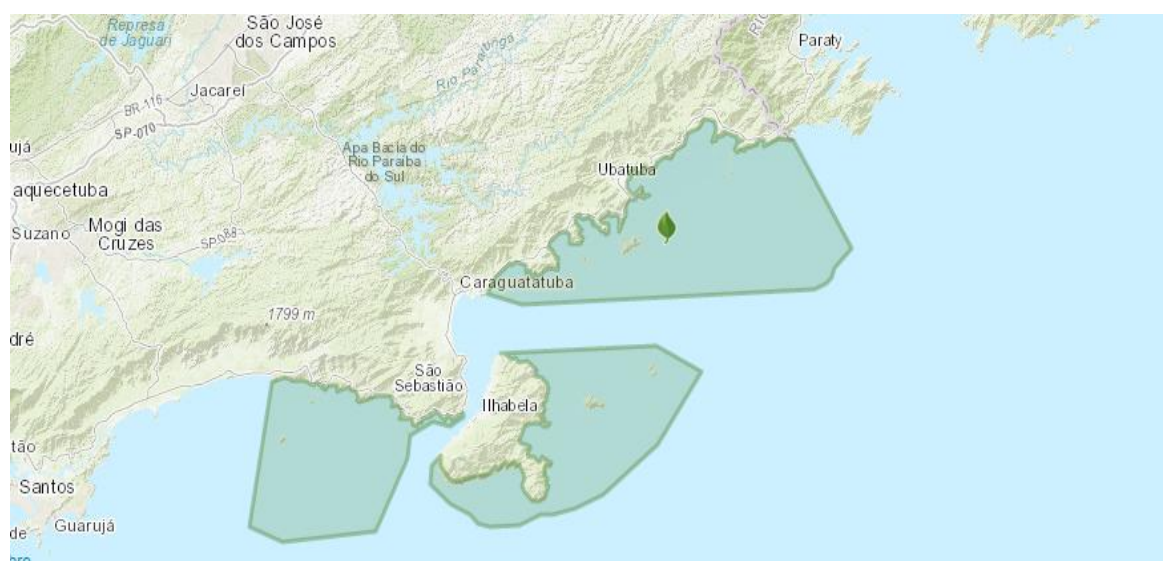
e ambientais das comunidades tradicionais da zona costeira, através de estímulos a alternativas adequadas ao seu uso sustentável; garantir a sustentabilidade do estoque pesqueiro em águas paulistas; e o uso ecologicamente correto e responsável do espaço marinho, especialmente das atividades turísticas.

Importa ressaltar que as APAs, segundo o seu Decreto, de certa forma, foram criadas sob algumas premissas básicas que são enaltecer a importância dos ecossistemas marinhos, assim como o uso múltiplo sustentável desse espaço marinho, além de verificar a ampliação dos estoques pesqueiros para que haja uma garantia da atividade pesqueira futura, segundo o Instituto Florestal (2019).

O Plano de Ação da APAs Marinha consiste na fiscalização, sendo ampliada esta capacidade por parte da Polícia Militar Ambiental. Possuem projetos de desenvolvimento sustentável tanto na pesca, como no turismo e na valorização da cultura tradicional, para ajudar na conservação da paisagem e também ajudar na geração de renda. Haverá também incentivo nas pesquisas científicas dos ecossistemas marinhos e costeiros, essencial para entender e conhecer o seu funcionamento.

Para melhor compreender onde esta localizada a APA Marinha do Litoral Norte as Figuras 38 traz a divisão da APAMLN por setores, que engloba os Municípios de Ubatuba, Ilha Bela, São Sebastião e Caraguatatuba:

Figura 38 - Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte, incluindo a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) de São Sebastião

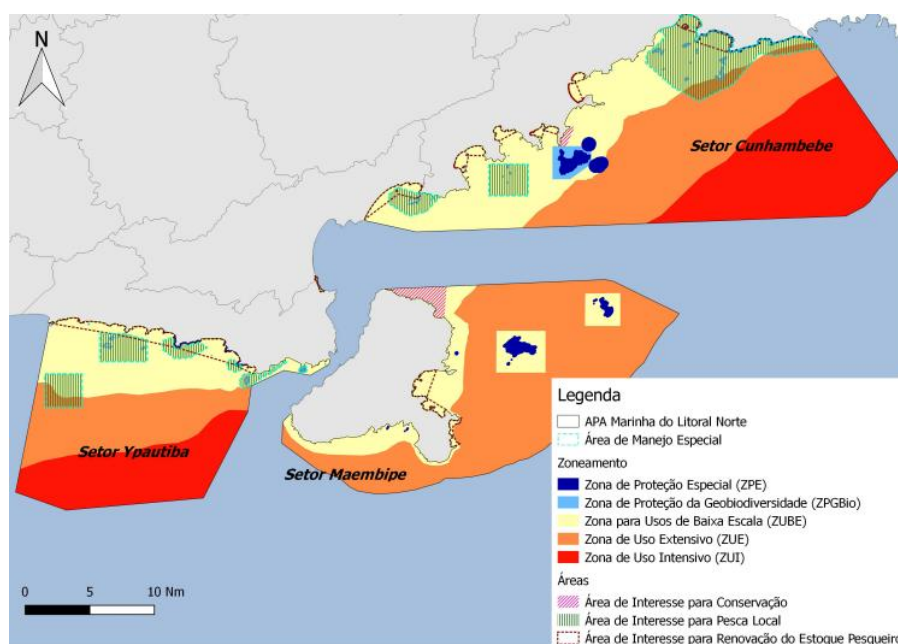


Fonte: Unidades de Conservação do Brasil, 2019⁸⁸

⁸⁸ Para consultar esse mapa das Unidades de Conservação do Brasil, está disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/5018>. Acesso em 28/10/2019.

Na figura 39 é demonstrada a divisão geográfica da APAMLN por setores: I - Setor 1: Cunhambebe, situado no litoral dos Municípios de Ubatuba e Caraguatatuba; II - Setor 2: Maembipe, situado no litoral do Município de Ilhabela; III - Setor 3: Ypautiba, situado no litoral do Município de São Sebastião. O setor 1 (Cunhambebe) é onde está localizado a praia do Perequê Açú.

Figura 39 - Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte, Setor Cunhambebe.



Fonte: Instituto Florestal, 2019⁸⁹

Apesar das APAs Marinhas terem sido criadas desde 2008, o Plano de Manejo da APA do Litoral Norte teve início o seu planejamento no final de 2016, início de 2017, após a criação de um Comitê de Integração de Planos de Manejo para estabelecer diretrizes e procedimentos para elaboração desse Plano e acelerar o processo de implantação, segundo o Instituto Florestal do estado de São Paulo (2019). Entretanto, o Plano de Manejo da APAMLN até o momento está sendo elaborado e pelo imprevisto da Pandemia do Coronavírus ano de 2020, talvez essa possível aprovação da APAMLN ocorra apenas em 2021.

⁸⁹ Para consultar esse mapa da Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte, dividida por setor, está disponível em: https://sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/511/Documentos/APAM_LN/zoneamento_APAMLN_site.pdf. Acesso em: 28 de out. 2019.

Como os caiçaras da praia do Perequê Açú não participaram de nenhuma reunião da APA Litoral Norte, não tem uma maior compreensão do que irá acontecer com a pesca artesanal e nem estão ajudando a formatar as diretrizes dessa APA para o seu próprio benefício. Diante deste desconhecimento, seu maior pavor é a aprovação da APA Litoral Norte, porque eles entendem que quando a APA for aprovada irá restringir a pesca artesanal no local, entre outras restrições mais.

Contudo, destaca-se que as diretrizes da pesca artesanal serão mantidas no zoneamento da APA, ela terá maiores restrições com a pesca industrial embarcada. Diz o Sr. Marcio dos Santos⁹⁰ que trabalha na Fundação Florestal em Ubatuba que a APAMLN setor Cunhambebe quando for aprovada não focará na proibição da arte de pesca e sim na proibição do tamanho das embarcações. Por enquanto a APALN só irá proibir a pesca de “parelhas” de barcos de grande porte e a pesca com compressor de ar, como o “mergulho de cilindro com oxigênio” ou outro equipamento de sustentação artificial, em qualquer modalidade.

A preocupação deles é tão grande que no ano de 2019 houveram duas passeatas e protestos dos pescadores Ubatubanos e alguns caiçaras do Perequê participaram dessas manifestações, conforme mostra a figura 40.

Figura 40 - Protestos dos Pescadores contra APAMLN, no Saco da Ribeira em Ubatuba.



Fonte: Tamoios News⁹¹, 27 de julho de 2019.

⁹⁰ Marcio José dos Santos – Gestor da APA Marinha LN – Fundação Florestal – Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente SP, sede de Ubatuba, entrevista concedida em 16 de outubro de 2019.

⁹¹ Para acessar a notícia na íntegra do Jornal Eletrônico Tamoios News de Ubatuba, “Pescadores do Litoral Norte promovem protesto em Ubatuba”. Disponível em:

O intuito da reivindicação é lutar pelos direitos do setor pesqueiro, os caiçaras-pescadores queriam, segundo Maurici Romeu, Presidente da Colônia dos Pescadores Z10 Ubatuba⁹², a garantia do território pesqueiro junto ao zoneamento e plano de manejo da APA Marinha Litoral Norte, nas várias modalidades de pesca artesanal; o fomento da atividade pesqueira, através da política do Estado de São Paulo, e não apenas fiscalização com punição.

Querem também que a Lei 11.165/2 que regula a pesca no Estado de São Paulo e o estudo do Plano Estadual de Extensão Rural e Pesqueira, elaborada em 2010, seja vigorada, a fim de ajudar toda a atividade pesqueira. Entre outras reivindicações querem articular a revogação de algumas portarias, resoluções, normativas, decretos e leis, as quais não estão condizentes com a pesca artesanal, do Estado de São Paulo. Eles estão revoltados com várias incidências no seu território, principalmente da esfera federal, com suas Leis ambientais que vêm sufocando a atividade pesqueira.

Apesar de todo esse movimento, o pescador-caiçara do Perequê Açú pouco tem participado das reuniões do Conselho Gestor da Unidade de Conservação para o plano de manejo, o que prejudica e muito as futuras ações em benefício deles mesmos.

Se a APAMLN irá proibir ou restringir a pesca artesanal no setor Cunhambebe isso teremos que constatar nos próximos meses ou no próximo ano, mas conforme o provérbio caiçara ***“na briga do mar com a costeira quem perde é o marisco”***, os caiçaras-pescadores serão sempre prejudicados.

Quanto ao turismo a APA do Litoral Norte estará ordenando as atividades de modo a compartilhar a conservação de ecossistemas com o uso público, mas sempre considerando os aspectos econômicos, sociais e culturais. Eles acreditam que há uma necessidade de ordenamento da atividade turística na presença de atributos naturais e/ou paisagísticos relevantes para promover a sustentabilidade.

Para a APA Litoral Norte a presença do turismo se faz importante, entretanto os municípios (Ubatuba, Caraguatatuba, Ilha Bela e São Sebastião) deverão ordenar

<https://www.tamoiosnews.com.br/geral/pescadores-do-litoral-norte-promovem-protesto-em-ubatuba/>. Acesso em: 29 de out. 2019.

⁹² Maurici Romeu da Silva, Presidente da Colônia dos Pescadores Z10 Ubatuba, entrevista concedida em 28 de julho de 2019, este presidente da Colônia de Pesca ficou em exercício de Março de 2019 a 28 de Outubro de 2019, saiu por motivo de falecimento. Atualmente quem assumiu a Presidência da Colônia dos Pescadores Sr. Jerry Eduardo Morais.

as atividades turísticas através do âmbito do Programa de Uso Público estabelecendo um Plano de Ordenamento Turístico (POT), considerando as seguintes diretrizes, segundo a minuta do Zoneamento da APA Litoral Norte (2019)⁹³:

- a) Definir atividades compatíveis e respectivos procedimentos para sua realização;
- b) Prever Sistemas de Gestão de Risco e Contingências e o limite aceitável de uso – aqui trabalhará o uso a capacidade de carga em algumas praias e Ilhas deverão ser implantadas;
- c) Avaliar a pertinência de implantar estruturas náuticas;
- d) Estimular preferencialmente o turismo de base comunitária.

Para o município de Ubatuba e para a praia do Perequê Açú o turismo de base comunitária seria a opção mais interessante para se trabalhar.

6.5 Colônia dos Pescadores Z10, Ubatuba

É uma Associação representativa dos pescadores, para critérios de documentação, benefícios sociais, principalmente na questão previdenciária, representa o pescador em fórum de debates de legislação pesqueira. Sua finalidade é auxílio e representação dos pescadores, ajuda também na orientação ao pescador sobre as legislações ambientais sobre a pesca.

A Colônia de Pescadores Z10 Ubatuba⁹⁴, segundo o Presidente Maurici Romeu⁹⁵, surge em 1939. As colônias no País foram fundadas em 1919 pela

⁹³ Minuta de zoneamento da APA Marinha Litoral Norte. Outubro de 2019. Reunião de devolutivas. O decreto que aprovará o Plano de Manejo e respectivo zoneamento da APA Marinha do Litoral Norte deverá incluir o conteúdo desta minuta. Documento cedido pelo Sr. Marcio José dos Santos – Gestor da APA Marinha LN – Fundação Florestal – Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente SP, sede de Ubatuba, entrevista concedida em 16 de outubro de 2019.

⁹⁴ A Colônia de Pescadores está localizada a Rua dos Pescadores, 130, Centro (na Ilha dos Pescadores), Ubatuba, próximo à praia do Perequê Açú,

⁹⁵ Maurici Romeu da Silva, Presidente da Colônia dos Pescadores Z10 Ubatuba, entrevista concedida em 21 de junho de 2019. O senhor Maurici faleceu em 28 de Outubro de 2019.

Marinha do Brasil, preocupada com a segurança do litoral no período de guerras mundiais, resolveu ordenar a vigilância tanto do litoral, como dos grandes rios brasileiros através dessas Colônias. E esses pescadores que eram associados serviam de apoio para a Marinha no defeso costeiro, ou seja, como os pescadores estavam sempre ao mar, ajudavam a patrulhar a costa e avisavam quando havia aproximação de algum navio estrangeiro.

O surgimento das “Zonas de Pesca” se deu pela combinação entre distância e número de pescadores que havia no local. Onde haviam aproximadamente 200 pescadores era criado uma “Colônia de Pesca”, nome inicial dessa associação. A Colônia de Pesca de Ubatuba tem a numeração 10, que é a numeração que foi dada pelo distanciamento e número de pescadores.

O Estatuto para a Colônia de Pesca foi elaborado em 1923, pela Marinha, segundo a CNPA⁹⁶ (2019), tinha como objetivo criar postos de saneamento rural, para cuidar da saúde dos pescadores, tomar medidas de apoio à pesca, desenvolver a piscicultura e combater a pesca predatória, entre outros.

Atualmente a Colônia de Pescadores Z10 de Ubatuba presta serviços como renovação de carteirinha, renovação de licença, encaminhamento de primeiro registro, entrada com recurso, pleitos de benefícios Previdência Social (aposentadoria), seguro Defeso, seguro das embarcações, entre outros documentos. Possui também assessoria jurídica para questões trabalhistas para atender os Associados.

Para o caixara-pescador do Rancho dos Pescadores da praia do Perequê Açú a Colônia de Pesca é compreendida da seguinte maneira:

no comecinho da Colônia, lá bem longe nos anos 1960, acho, tinha um homem chamado João Coutinho, era um dos Presidentes, Ele te ajudava a comprar a rede, a Colônia ajudava a comprar o motor, ajudava a pagar um monte de coisa, trazia dentista, trazia médico, mas hoje [...] não faz Nada vezes Nada. Esse R\$10,00 que pagamos todo mês para a Associação é para nada. Tudo que vai fazer lá você paga. Que benefício eu tenho nenhum, o que a Colônia faz de bom, nada. O que ela te empresta nada (RELATA O ZÉ TADEU, 2019⁹⁷).

⁹⁶ CNPA – Confederação Nacional dos Pescadores e Agricultores. Disponível em: <http://www.cnpa.org.br/conhecaCnpa.aspx>. Acessada em: 01 de out. 2019.

⁹⁷ José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), caixara-pescador do Box: 01, Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú, entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

Existem três tipos de filiados: o sócio efetivo (pescador na ativa), o sócio remido (pescador aposentado) e o sócio colaborador (qualquer pessoa da sociedade que queira apoiar a colônia e queira colaborar, não tem direito de compor a Diretoria ou qualquer outro benefício de um pescador), como relata o Presidente da Colônia Sr. Maurici Romeu da Silva. O Sócio efetivo paga mensalidade de R\$10,00 mensal, R\$120,00 por ano, o sócio remido não paga anuidade, somente a taxa de serviço, no valor de R\$ 25,00. Para ser filiado a Colônia necessita ser pescador profissional. Mas os pescadores da praia do Perequê Açú tem outra visão quanto a Colônia:

Hoje nem uso a Colônia. Eu tenho uma menina, fora da Colônia que faz a regulamentação de pesca para mim. Quando eu fui fazer a regulamentação do meu barco, na Colônia cobrava mais caro para mim, do que essa menina. Se eu pago R\$10,00 para me afiliar a Colônia, como ela cobra mais caro isso? Então melhor não ser filiado a Colônia, porque tudo ela cobra bem mais caro para o associado, não se tem nada de vantagem, aquilo virou comércio (ZÉ TADEU, 2019)⁹⁸.

Essa é a grande reclamação dos caiçaras-pescadores do Perequê Açú, onde a Colônia de antigamente dava vários benefícios para eles, hoje, pagam a taxa anual e não obtém nenhuma vantagem, pelo contrário tudo que é feito na Colônia a taxa é mais cara que em qualquer despachante da cidade.

Hoje vejo que não é mais necessário ser filiado a Colônia, na época as pessoas falavam que se parasse de pagar a Colônia não ia receber a aposentadoria, mas descobri no INSS que a Colônia não tinha vínculo nenhum com o INSS, então eles estão aqui só para fazer o documento. E para fazer documento se eu for na Capitania, é melhor, eu pago menos. Eu pago mais barato indo pessoalmente. Todo pescador não tenha medo da Marinha, nois não vamo prender ninguém, pode vir aqui, diz o cara da Marinha (NECO⁹⁹, 2019).

Eles gostariam que a Colônia por ser uma Associação para os Pescadores, que eles deveriam ajuda-los em vários procedimentos, como explica o caiçara-pescador Neco (2019):

⁹⁸ José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), caiçara-pescador do Box: 01, Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú, entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

⁹⁹ NECO, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

Se a Colônia de Pescador foi fundada para ajudar o pescador, ela tinha que dá auxílio ao pescador, na hora que o pescador precisasse de uma reforma no barco, na compra de rede, deveria auxiliar o pescador na compra de rede e outras coisas [...] Quando quisermos apoio para colocar a luz no Rancho dos pescadores, aqui no Perequê Açú, eles disseram (Colônia) vai na Prefeitura (NECO, 2019).

A Colônia de Pescadores é uma associação de interesse comum, tem uma gestão participativa para que hajam tomadas de decisões e também ajuda a resolver problemas conjuntamente, através de assembleia geral.

É composta por uma Assembleia que é soberana, que são os pescadores (coletivo dos associados) depois vem a Diretoria, que é constituída pelo Diretor Presidente, que delibera o que o estatuto rege, abaixo dele na hierarquia, vem o Diretor Tesoureiro e o Primeiro Secretário, depois vem o Suplente desses três cargos. Ainda a Colônia de Ubatuba possui o Conselho fiscal, compostos por três conselheiros, com seus respectivos suplentes e mais duas auxiliares administrativas. Toda a Diretoria da Colônia é composta por Pescadores, praticamente todos são moradores e caiçaras de Ubatuba.

Estatutariamente a Colônia faz duas reuniões anuais, que são as assembleias, também há fórum de debate na Associação, onde são convidados os associados a participar, geralmente são para discussão de legislação ambiental. Diz o Presidente da Colônia que os pescadores associados são bem participativos nesses fóruns, que há uma divulgação pelas redes sociais (*WhatsApp, Facebook*), diz o Presidente ainda que a Colônia vai até o Rancho dos Pescadores quando necessário para pregar algum aviso, avisar de alguma reunião, comunicam com todos eles e o pescador da praia do Perequê Açú são bem presentes pela proximidade com a Colônia.

Mas não é o que diz a maioria dos pescadores do Rancho dos Pescadores do Perequê Açú, quando perguntados a eles se participam de reuniões dentro da Colônia, todos responderam que “não”, o motivo, se deve, segundo eles, porque a Colônia não os avisa, não colocam cartazes no Rancho, não integram eles no grupo de WhatsApp, então não ficam sabendo desses Fóruns, “somente quando tem eleição que eles vêm nos comunicar, para ganhar voto”, diz o caiçara-pescador X¹⁰⁰

¹⁰⁰ Iremos manter o anonimato do caiçara-pescador para não ser comprometido posteriormente, após divulgação dessa dissertação.

(2019). Já para o caiçara-pescador Y¹⁰¹ (20019) relata que não participa de reuniões na Colônia:

Não, só quando tem eleição eles aparecem e quando eles querem avisar que o Meio Ambiente (Florestal) vai fechar a área. Para eles é muito importante que nois vamo nas reunião, porque eles trabalham com camarão 7 barbas, se fechar a área, onde tem o camarão 7 barbas, eles não vão trabaiá, então querem que a gente participe, para ter mais gente. Agora se fecharem a área do camarão eu assino 7 vezes, porque eles (pescadores que tem barco a motor e pesca camarão) quando estão trabalhando no mar não respeitam a minha rede, você não respeita a rede do seu amigos, vocês cortam tudo, jogam na água e não querem saber. Tem que ter colaboração um com o outro. Dizem que essa nossa área (Perequê Açú) ia ser área de preservação, então iam fechar tudo. Imagina como o pescador irá trabalhar? (PESCADOR Y¹⁰², 2019).

O que se pode perceber no relato dos caiçaras-pescadores da praia do Perequê é que a Colônia deveria ser um órgão para ajudar os Ranchos de Pesca que se encontram por todo o litoral do município de Ubatuba, mas pelos desabafos esta Associação deixa cumprir suas funções.

A Colônia alerta aos pescadores quando a Policia Ambiental se dedica a um determinado foco de fiscalização, eles orientam os pescadores para cumprimento de leis. A Colônia tem lutado para ter uma legislação mais específica por região, a lei ambiental de Fomento a Pesca é uma lei nacional que atende do Oiapoque ao Chuí, trata tanto das águas interiores, como das águas litorâneas, fica muito solta nas particularidades regionais dos tratos, dos recortes de relevo, apetrecho de pesca, diversos fatores que são empíricos de determinada região, de determinadas comunidades, diz Sr. Maurici Romeu presidente da colônia dos Pescadores (2019). Então a Colônia de Ubatuba tem trabalhado para ter uma Política Territorial, dentro da APAMLN tentando regulamentar as atividades nesse âmbito.

Os Governos Federal e Estadual fazem uma legislação focando na pesca industrial que é uma pesca de grande escala, que agride o meio ambiente e esquecem que no mesmo pacote tem o pescador artesanal que pesca com sua canoa a remo e que está sujeito à mesma legislação. A Colônia, então tem lutado

¹⁰¹ Iremos manter o anonimato do caiçara-pescador para não ser comprometido posteriormente, após divulgação dessa dissertação.

¹⁰² NECO, Sr. Manoel do Santos, Caiçara-pescador, proprietário do box 4, da praia do Perequê Açú, em Ubatuba. Entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

para que se tenha uma diferenciação nas categorias, as tratativas devem ser diferentes, o que a pesca artesanal recolhe de peixe durante o ano, não representa 10% que a pesca industrial pesca, diz Sr. Maurici Romeu da Silva¹⁰³:

Em questão de sustentabilidade a pesca artesanal é muito mais sustentável, é preciso fomentar a atividade artesanal. Mas como as Leis são feitas em Brasília, o caiçara-pescador só lamenta, chora e sente os efeitos (MAURICI ROMEU, 2019).

A Colônia tenta articular junto a Assembleia Legislativa Estadual fomentar uma frente parlamentar da Pesca Artesanal para discutir a política do ano de 2020 do Estado de São Paulo, porque não existe uma política de pesca do Estado, apesar de Ubatuba ter uma Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento, não tem uma Diretoria de Pesca, também há o Instituto de Pesca no município, mas ele é focado em Pesquisa e não em fomento, então não tem para quem pedir socorro no município, tem que ir para Brasília, o que torna uma guerra sem fim.

A Colônia Z10 é importante para alertar os pescadores da importância das leis ambientais, da regulamentação das embarcações embora os enfocados neste trabalho não participem ativamente dessa associação que criticam por não haver espaço para eles.

Entretanto a importância da Colônia Z10 no ponto de vista turístico é maior que as próprias críticas aqui mencionadas, ela ajuda na representação dos caiçaras-pescadores junto a Prefeitura Municipal quando na organizar dos festejos da festa São Pedro Pescador, que ocorre no final do mês de junho, de cada ano (29 de junho). Esta festa reúne cultura, tradição e fé, com uma programação de que vai desde procissão marítima de barco, corrida de canoa, show musicais, apresentação de fandango, congada e quadrilhas. Nesta festa também é servido à tradicional tainha assada dos caiçaras,

O ápice das comemorações é a quermesse onde é servido o prato típico da comunidade caiçara, cujas Tainhas, o preparo, incluindo os acompanhamentos são realizadas pela própria comunidade através de seus associados, o que dá à festa, assim, a autenticidade típica que atrai turista anualmente.

¹⁰³ Maurici Romeu da Silva foi presidente da Colônia de Pesca ficou em exercício de Março de 2019 a 28 de Outubro de 2019, saiu por motivo de falecimento. Atualmente quem assumiu a Presidência da Colônia dos Pescadores Sr. Jerry Eduardo Morais.

Desta forma a festa de São Pedro Pescador promove a aproximação e agregação dos caiçaras-pescadores em prol do próprio turismo, enquanto gera renda para a entidade.

Entretanto os caiçaras-pescadores acham que a Colônia deveria valorizar um pouco mais a mão de obra deles na Festa do Pescador, como relata o Zé Tadeu:

Faz 20 anos que trabalho de assar tainha na Festa dos Pescadores pra Colônia, eles tiram em média R\$300,00 mil por festa em 5 dias, daí a gente pede R\$100,00 por período de festa (manhã e noite) para assar a tainha, eles não pagam, ano passado quase perdi a minha vista, por causa do calor na churrasqueira, não vale a pena, na hora de receber é uma briga, uma choradeira. Eu assava dia e noite, em média uma tonelada de tainha. Pra assar a tainha dá muito trabalho e demora, espalmada (aberta) demora de 15 a 20 minutos, fechada demora 40 minutos. Só que a Colônia nunca deu valor para a gente, quem leva a Festa é o Assador da Tainha, só que a Colônia não vê isso, querem pagar uma miséria R\$70,00 por período, esse ano de 2019 não irá 3 pescadores, eu, outro que tem o mesmo tempo de assar tainha do que eu (20 anos) e o outro é o que salga, que tem o ponto na mão, nós não vamos, porque não pagam pelo nosso serviço (ZÉ TADEU¹⁰⁴, 2019).

Porém o dinheiro arrecadado é para manutenção anual da Colônia. Não repassam nenhum dinheiro para os associados (pescadores). A arrecadação é Estatutária da Festa e cobre os custos internos, como participação de Audiência Pública em Brasília, ida ao INSS de São Paulo, a Colônia tem duas funcionárias, tem custos fixos como água, luz, internet, impostos, só da arrecadação das taxas de serviços e da afiliação dos associados, não teria como pagar os custos. Efetivamente a Colônia tem em torno de um mil associados, porém somente 20% pagam em dia, relata o Presidente da Colônia Sr. Maurici Romeu da Silva.

6.6 O Caiçara, o Turismo e seus Conflitos

Esse povo caiçara de vocabulário único, de cultura integrada, mas diferenciada, é um ser precioso, cujas técnicas e modo de vida estão em vias de extinção, são atores hegemonizados que vêm sofrendo com o processo de ocupação territorial desde o início da década de 1970, sobretudo com a construção

¹⁰⁴ José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu), caiçara-pescador do Box: 01, Rancho do Pescador, praia do Perequê Açú, entrevista concedida em 20 de junho de 2019.

de residências secundárias ao longo do litoral, fato esse que se sucedeu conforme explica Diegues (2001) e Raimundo (2007), motivado pela ampliação e asfaltamento da BR-101, rodovia Rio-Santos que interliga o litoral com o planalto. Esse processo de transformação do uso e ocupação do solo acabou por afetar e modificar a vida do caiçara.

Tanto Panizza (2004) como Moraes (1999) também confirmam em seus estudos que o litoral paulista tem sofrido um processo intenso de urbanização, que estaria ligado essencialmente à exploração turística, justificado por Moraes (1999) esse fenômeno chamado de segunda residência ou casas de veraneio:

Podem ser apontadas como fator numericamente mais expressivo da urbanização litorânea [...] o caráter impactante da atividade é, em termos ambientais, diretamente relacionado à capacidade dos poderes públicos de ordenarem o uso do solo [...] em termos sociais, tal atividade desorganiza em muito a sociedade dos locais onde se instala. (MORAES, 1999, p.39).

O fenômeno turístico vem modificando o espaço e as tradições culturais dos caiçaras que segundo Marcílio (2006, p.25) “são velhos pescadores-lavradores, cujas famílias, através de gerações, viveram e cultivaram suas roças, em terras que legalmente e por direito eram suas”. Para o autor essa população passa por momentos de dificuldades sociais, econômicas e culturais, hoje estão “divididos psicologicamente entre o passado de fartura e um presente de desorientação, miséria e revolta” (MARCÍLIO, 2006, p.25).

O turismo é uma atividade primordial para o caiçara-pescador do Perequê Açú, pois através dele é que tira o seu sustento. O turismo começou a se desenvolver na praia do Perequê Açú, como apontado, com a construção da ponte que atravessa o Rio Grande para a Ilha dos Pescadores, isso ocorreu no ano de 1941, no entanto, na década de 1950 o bairro recebe seu primeiro loteamento e entre os anos de 1974 e 1975 o turismo se intensifica com a construção da ponte de concreto entre o centro da cidade e a praia do Perequê, conforme relato da Sra. Idalina Graça (1967)¹⁰⁵. Desde então, o bairro vem sofrendo grandes transformações impulsionadas pela especulação imobiliária, consequência do turismo de veraneio.

¹⁰⁵ Sra. Idalina – este relato sobre a construção da ponte do Perequê está descrito no Capítulo 4 – BALNEÁRIO DE UBATUBA E A PRAIA DO PEREQUÊ, mas precisamente no subcapítulo “4.2.1 O desenvolvimento do Bairro Perequê Açú”.

O desenvolvimento do turismo na praia do Perequê Açú que está a 1,5 km do centro da cidade, primeiramente atraiu os trabalhadores da fábrica CTI e depois com a construção do Terminal Estadual Turístico em 2007, houve uma explosão de ônibus de excursão em sua praia, logo depois surgem residências secundárias e o turismo de veraneio.

A urbanização turística por segundas residências na praia do Perequê trouxe uma série de benefícios e alguns impactos. Ao analisar mais profundamente o turismo com sua especulação imobiliária, alguns caiçaras do bairro do Perequê mudaram sua profissão transformando-se em prestadores de serviços como pedreiros, jardineiros, caseiros, cozinheiros e essas mudanças se devem por causa da venda de suas posses de frente ao mar, ficando impedidos de praticar a pesca. Outros ainda continuam pescando como é o caso dos caiçaras do Rancho do Perequê, entretanto alguns perderam suas terras de frente ao mar, indo morar em bairros um pouco distante da orla marítima como é o caso do caiçara-pescador Zé Tadeu:

Na época eu perdi minha casa e ganhei uma casa popular no Ipiranguinha. O cara agiu de má fé, nós ganhamos um terreno, na rua de trás da rua da praia e o cara deu um papel em branco para meu pai assinar, quando ele precisou, nós saímos, nós tínhamos tudo pronto, casa pronta, saímos com uma mão na frente e outra atrás, perdemos tudo. Daí nós nos inscrevemos na casa de habitações Parque do Ministério e ganhamos (ZÉ TADEU, 2019).

Mas o fato de perder a casa, sua casa, não trouxe um sentimento ruim, pelo contrário esse caiçara conseguiu ver o lado positivo “eu acho que tem “*Um Maior*” de todos nós, agora eu aprendi que quando a gente perde alguma coisa injustamente, Deus te retribui isso é poder de Deus. Hoje tenho não só uma casa, mas tenho duas” (ZÉ TADEU, 2019).

Quando se entrevista o caiçara-pescador e tenta entender como ele vê a especulação imobiliária no bairro do Perequê Açú, obtive as seguintes respostas: “isso é bom, nós vivemos dos turistas. O que incomoda é o lixo. No mar tem muito

lixo, está cheio” (ZÉ TADEU, 2019)¹⁰⁶, já para Neco (2019)¹⁰⁷ “trouxe mais benefício, trouxe clientes (turistas)”.

E quando se perguntou se o turismo havia afetado na transformação do bairro? Houve a seguinte resposta: “o pescador em si não melhorou, para nós que somos daqui do bairro não tem nenhuma peixaria aqui, não tem ninguém atravessando a gente, isso é bom” (ZÉ TADEU, 2019).

Observa-se que para esse grupo minimiza o conflito entre a especulação imobiliária em suas vidas, pelo contrário eles enxergam um lado positivo nisso, acreditam que a especulação imobiliária não afetou a vida dele, mesmo relatando a perda de suas terras.

Ao perguntar quais as mudanças o caiçara-pescador consegue identificar no bairro com a chegada dos turistas, da segunda residência, a maioria respondeu: “sujeira, muita lata, muito plástico”, ou seja, apenas relatam o excesso de lixo na praia. Eles não se incomodam com o barulho que os turistas fazem, nem com o aumento dos preços que eles encontram nos mercados, padarias, farmácia.

Para os estudiosos em outras áreas onde se encontram grupo ou comunidade caiçara, apesar do espaço territorial do caiçara ter modificado, acreditam que o turismo de segunda residência foi o grande vetor para a desorganização da atividade tradicional. Mas os caiçaras-pescadores da praia do Perequê Açú tem outra percepção. Perguntou-se a eles “quais as mudanças você consegue identificar no bairro com a chegada dos turistas?”, as respostas foram as seguintes:

não vejo mudança nenhuma. Trouxe mais a possibilidade de eu ganhar, de ter mais lucro. Tenho a minha esposa que trabalha com limpeza de casa, a mulher vai ter mais chance de trabalho, mais ainda. Mudança que veja é essa de melhoria, não de prejudica, tanto de freguês e peixe, como de dona de casa, trabalhei domesticamente (NECO, 2019).

E quando se tentou investigar se existia algum conflito com os turistas, a maioria respondeu negativamente, “não, nunca vi conflito aqui com o turista, mas no mercado eu já vi, porque no Mercado de Peixe, na Ilha dos Pescadores aqui em

¹⁰⁶ Caiçara-pescador José Tadeu de Jesus (Zé Tadeu – filho do Sr. Leopoldo de Souza), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 1 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

¹⁰⁷ Caiçara-pescador Manoel do Santos (Neco), entrevista concedida em 20 de junho de 2019, no Rancho do Pescador, Box 4 da praia do Perequê Açú, em Ubatuba.

Ubatuba vende peixe ou camarão estragado. Aqui no Rancho não vende” (NECO, 2019), já para Zé Tadeu (2019), “todo o comércio tem negociação, tem pechincha, não gosto que pechinchem preço”.

A faixa litorânea sempre foi uso exclusivo de trabalho, que servia para fins comerciais e de sobrevivência, além de lugar de embarque e desembarque de pescadores. No Brasil não foi diferente, os pescadores e suas famílias tinham o mar como um caminho de subsistência, segundo Azevedo (1988):

Para o pescador, a praia é um lugar de trabalho árduo, de preparação para a pesca, de reparo das embarcações e das redes, um lugar de convívio com iguais, o caminho para o mar em que penetra para alcançar a canoa e a jangada e para lançar a rede, a tarrafa, o munzuá, a armadilha de peixes, e para armar a cambo. Molha-se nesta água, mergulha às vezes, por necessidade, mas pouco por divertimento (AZEVEDO, 1988, p. 9).

Os caiçaras-pescadores de Ubatuba sempre tiveram Rancho de Pesca, mas antigamente, entre a década de 1960 a 1990, esses ranchos eram individuais, como mostra um exemplo na figura 41 abaixo:

Figura 41 – Antigo Rancho de Pesca, s/d



Fonte: Blog “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, acesso em 05 de abr. 2020.

Atualmente sua Canoa é o seu meio de sobrevivência e o seu Rancho tem a simbologia de proteção e segurança, não são todos pescadores-caiçaras que

possuem esse privilégio de ter um Rancho de Pesca, mas antes não era assim, como relata Sr. Rubens Negrini Pastorelli:

As pessoas que viviam em Ubatuba na época eram quase todas caiçaras nascidos e criados em Ubatuba. Moravam quase sempre em frente às praias, pois viviam da pesca, com suas canoas sempre guardadas de baixo de ranchos para proteção contra sol e chuva. Eram muito comunicativos, honestos e prestativos. Toda manhã lançavam suas redes ao mar, duas ou três vezes, depois recolhiam tudo e iam para casa cuidar de limpar e salgar os peixes que não eram vendidos ao lado das redes. Também colocavam as redes para secar ao sol, e as remendavam caso houvesse alguma ruptura, preparando-as para a pescaria do dia seguinte (PASTORELLI, 2019)¹⁰⁸.

O grupo que trabalha no Rancho dos Pescadores tem uma relação direta com o turismo, já que depende deles para a venda dos seus pescados, para eles quanto mais turistas na praia, mais lucro em seu bolso, eles não enxergam o turismo como fator negativo, para eles o turismo não atrapalha, pelo contrário traz benefícios (lucratividade) e sustenta a sua família.

Quando se perguntou a veranistas “qual a relação deles com os caiçaras-pescadores no Perequê Açú?”, a grande maioria respondeu “somos clientes, sempre compramos pescados deles”. Também foi perguntado se existia algum conflito entre os caiçaras e os turistas, mas nenhum turista relatou qualquer conflito, indicando que vivem harmoniosamente com esse grupo.

O maior conflito que foi identificado com o caiçara-pescador da praia do Perequê Açú foi à preocupação com a aprovação da APA-Litoral Norte, setor Cunhambebe, porque impactará na sua atividade econômica e no seu sustento, eles acreditam que a APA irá proibir ou restringir a pesca nessa área. E o outro conflito é com a Colônia de Pesca Z10 Ubatuba, porque acreditam que esta associação deveria ajuda-los mais, principalmente com a cobrança de taxas mais acessíveis nos serviços internos que associação disponibiliza para o pescador profissional.

¹⁰⁸ Sr. Rubens Negrini Pastorelli, caiçara, relatando a sua vivência em Ubatuba para o grupo fechado do Facebook “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”, em 14 de dezembro de 2019.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa conduziu a uma análise da atividade turística, tanto pela discussão dos agentes ativos, mas dos atores passivos que constroem a relação na transformação das paisagens pela relação de oferta e fruição do turismo, tendo como centro deste estudo os caiçaras-pescadores no bairro do Perequê Açú, Ubatuba.

A construção e aprimoramento das rodovias (BR-101, SP-55 e Rodovia Oswaldo Cruz) geraram maior acessibilidade para o município promovendo o desenvolvimento do turismo na região, sendo uma atividade econômica importante para a cidade de Ubatuba desde a década de 1950. Tendo-se no bairro do Perequê-Açú uma célula de desenvolvimento econômico representada pelo Hotel Jangadeiro, arrendado pela Sra. Renata Bergamine na década de 1960, equipamento turístico que denota a vocação do local, que começa a ser consumido pelos diversos viajantes que buscam uma nova perspectiva à época, o lazer de veraneio com o mote de Sol e praia, culminando em levas cada vez maiores de turistas para a região.

A praia do Perequê Açú representa uma importante referência para a atividade turística da região em vista dos equipamentos, passados e presentes, que se estabeleceram no local desde o já citado Hotel Jangadeiro, passando pelos Campings, quiosques e Terminal Rodoviário Turístico; e, culminando na joia bruta representada pelo Rancho dos Pescadores. Estes equipamentos formam a cadeia de desenvolvimento histórico e turístico deste espaço, destacando um bairro único que apesar de próximo ao centro comercial de Ubatuba, conserva uma atmosfera rústica e natural, com suas ruas ainda sem calçamentos, com casas mais simples e singulares.

As transformações do espaço no bairro do Perequê Açú aconteceram de forma mais lenta que em outras regiões do município, pois apesar do fenômeno de especulação imobiliária ter ocorrido no bairro por meio de empreiteiras, não houve um processo abrupto e voraz como em outras regiões litorâneas do Brasil com a ultra verticalização das construções.

Sendo assim, as transformações geradas pelo turismo, principalmente relacionado às residências secundárias, trouxeram poucos impactos, tanto territorial como social, para o grupo de caiçara-pescadores que ali se encontram atualmente.

Há um relacionamento mais justo e honesto, com poucos conflitos, ou seja, o veranista (turismo) e a comunidade caiçara convivem de forma pacífica.

Apesar de alguns destes caiçaras terem perdido seus imóveis de frente mar no passado, ocorre o seu assentamento no entorno da praia, que se adaptaram ao processo. Deveria ter ocorrido uma proteção desta população local por parte do poder público, porém, não ocorrendo, foram persistentes e organizados ao ponto de se manterem próximos ao seu local de origem, bem como se adaptaram a este processo conseguindo preservar a sua cultura e meio de vida.

O caiçara de Perequê-Açú, apesar de todas as transformações e deslocamentos pelos quais passou, manteve a sua identidade e orgulho de sua história. A introdução da automação/tecnologia em suas vidas como a máquina de cobrança de cartão para receber pagamento, possibilita conservar as suas origens e tradições, continuando com o seu modo de pesca artesanal e sustentável.

O Rancho de Pesca é a representação viva desta luta, mesmo com as condições precárias e ausência do poder público, pois é o espaço territorial de pertencimento na paisagem da praia, significando o local de seu trabalho, segurança e sustento, onde guarda seu instrumento de ofício, mas principalmente, de ligação com a natureza: o seu barco.

A Colônia Z10, que nem sempre é administrada por caiçaras, pois tem influência em todos os setores da vida urbana, é uma associação que representa a comunidade, sendo um elo de representação dos caiçaras e suas atividades pesqueiras com os movimentos turísticos da cidade regulamentada pelo Poder Executivo Municipal.

O desenvolvimento municipal também trouxe criações como o Gerco (Gerenciamento Costeiro) e a APA Marinha do Litoral Norte e com elas houve e haverá transformações no território, principalmente com relação à pesca. Entretanto na área do turismo, somente a APAMLN fará algum regulamento, mas na praia do Perequê Açú terá pouca influencia dessas diretrizes que estarão na regulamentação da APA.

Apesar desta ameaça ao estilo de vida desta comunidade caiçara, pode ocorrer a mobilização de outros setores, principalmente do segmento turístico para a proteção deste grupo vulnerável, que apresenta pessoas sábias, carismáticas, amáveis e gentis. Pessoas fortes de alma e físico, que acordam de madrugada para entrar no mar, seja com sol escaldante, chuva intensa, frio ou vento; pescando com

suas redes pesadas; limpando e vendendo seu pescado dia após dia, mantendo o seu barco que deve ser arrastado a cada ida ao mar e cuidado na volta para que se mantenha, e depois de todo esse sacrifício, ainda mantém um sorriso genuíno e encantador ao final de cada dia de trabalho.

Apesar dos impactos negativos ocorridos, o grupo mantém uma relação harmoniosa com a comunidade e com a atividade turística, primando pelo conceito puro da “hospitalidade”, onde entende que o turista é uma peça importante em suas vidas e no bairro, pois sem o veranista “não existiria Ubatuba”, não haveria o Bairro de Perequê Açú, bem como o seu sustento estaria comprometido, além da possibilidade de um nível melhor de vida.

Por tudo isso, deixa-se um alerta para o poder público local com relação à praia do Perequê Açú para que repense o espaço *totalizado* com novas possibilidades de arranjos territoriais para a construção de um lugar seguro, tranquilo e com infraestrutura básica e de saneamento adequados, ou seja, um local ideal tanto para o turista quanto para o caiçara-pescador e a comunidade em geral.

Concluindo, houve uma busca intensa por informações históricas e dados estatísticos sobre o bairro do Perequê Açú, além do contato realizado com alguns caiçara-pescadores, bem como o levantamento de informações relevantes no desenvolvimento do bairro e no campo do turismo de residência secundária (veranismo) junto à comunidade local, a qual, esperasse, ajudará outros pesquisadores que visem realizar estudos sobre esta praia. Sugere-se um aprofundamento no turismo de base comunitária (TBC) para ajudar o grupo caiçara-pescador a se empoderar e entender melhor como trabalhar suas potencialidades culturais e a pesca artesanal junto ao turismo buscando cada vez mais a sua qualidade de vida e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Cinthia Sena; TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo de Segundas residências no litoral sul do Brasil: uma discussão sobre seu dimensionamento e relevância para a atividade turística contemporânea**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 12(1), pp. 80-101, jan./abr. 2018.

ADAMS, Cristina. **Caiçaras da mata atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000a.

ADAMS, Cristina. As populações e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, vol. 43, n. 1, 2000b, p. 145-182.

ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. **O ESPAÇO PÚBLICO DA PRAIA: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador**. Dissertação de Mestrado Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal Da Bahia. Salvador, 2015.

ARAUJO, Lindemberg M.; CARVALHO, Roberta C. **O turismo de massa em debate: a importância de sua análise para o planejamento turístico do estado de Alagoas, Brasil**. X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), 9 a 11 de outubro de 2013 – universidade de Caxias do Sul.

AZEVEDO, Thales. **A praia: espaço de socialidade**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1988.

BARRETO, Margarita e BANDUCCI, Álvaro Jr. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001 (Coleção Turismo).

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1999.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2001.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.

BRANCO, Alice e CASEIRO, Fernando. **Cultura caiçara: resgate de um povo**. São Paulo: Ministério Da Cultura, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAUDEL, Fernand. **Memórias do mediterrâneo: pré-história e antiguidade**. Lisboa: Terramar, s.d.

BRUHNS, Heloisa T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. IN:

MARINHO, A.; BRUHNS, H; **Turismo, lazer e natureza**. Barueri (SP): Manole, 2003.

BRUNO, Priscilla Lopes. **Sabores de Ubatuba: valorização dos ingredientes da culinária local**. Edição do Autor, 2018. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B07FWHLYLZ>.

CERQUEIRA, Beatriz Westin **Um estudo sobre a escravidão em escravidão em Ubatuba**. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, n.5. Dezembro, 1966.

CHASTAN, Lita. **São Paulo litoral norte em dados: turismo na costa do ouro**. Volume II. São Paulo: Editora do Escritor, 1975.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário ilustrado Tupi-guarani**. São Paulo: Ed. Limiar, 2008.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

COHEN, E. *Rethinking the sociology of tourism*. **Annals of tourism Research**, v.6, n.1, p.18-35, 1979.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2a. Edição. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

DENADAI, Marcia Regina, GONÇALVES, Maria Angélica, OLIVATO, Debora, TURRA, Alexander. **Com quantas memórias se faz uma canoa: a cultura do uso e feito das canoas de “um só pau” no município de Ubatuba, SP**. São Paulo: edição do autor, 2008.

DEPREST, Florence. **Inquérito sobre o Turismo de Massa: uma ecologia face ao território**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DER, Departamento de Estrada e Rodagem. **História da Rodovia Oswaldo Cruz**. Disponível em: <http://www.rodoviasoswaldocruz.com.br/>. Acesso em: 04 de abr. 2020.

DIAS, Reinado. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DIEGUES, A. C. S. **A pesca em Ubatuba: estudo socioeconômico**. São Paulo: Sudelpa, 1974.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HICITEC, 2000.

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. (orgs). **Saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, A. C. **Marine protected areas and artisanal fisheries in Brazil**. India: Samudra Monograph, International Collective in Support of Fishworkers, 2008.

DROGUETT, Juan e FONSECA, Jorge Otávio. **Ubatuba – espaço, memória e cultura**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

ELDER, Flavio Coelho. **Boticas e farmácias: uma historia ilustrada da farmácia no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

ENKE, Rebeca Guimaraes. **O cenário do vazio: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu**. Revista História e suas Interfaces, v. 8, N. 2017.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

GASALLA, M. A. **Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste do Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento**. 2004. 276 f. Tese (Doutorado) - Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: ATLAS, 2008.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research**. New York: Aldine Publishing Company, 1967.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.3, p. 20-29, Mai/Jun. 1995.

GRAÇA, Idalina. **Terra tamoia**. São Paulo: Editora Martins, 1967.

HAESBART, Rogério Costa. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBART, Rogério Costa. **Território e multiterritorialidade: um debate**. **Geographia**, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.

HAMMERSLEY, M., & ATKINSON, Paul. Qué es la etnografía? In *Etnography. Principles in practice* (B. Ruiz, Trad.). New York: Tavistock, 1983.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito a cidade a revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOBBSAWM, Eric J. Os Anos Dourados. In: **Era dos Extremos: o breve século XX - 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGNARRA, Renato Luiz. **Fundamentos do turismo**. 2ª edição. São Paulo: Thomson, 2003.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. (3a ed.). São Paulo: Aleph, 2009.

KELLY, J.R. Leisure and quality: beyond the qualitative barrier in research. In: GOODALE, T.L.; WITT, P.A. (Orgs.) **Recreation and leisure: issues in an area of change**. State College, PA: Venture, 1980.

MACHADO, Helena Cristina F. **A construção social da praia**. Sociedade e Cultura 1. Cadernos do Noroeste. Série Sociologia. vol. 13 (1), 2000, 201-218.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, n.49. São Paulo, junho de 2002. Disponível em: <http://www.nau.fflch.usp.br>. Acesso em 07 de novembro de 2019.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MALDONADO, Wanda. **A construção material e simbólica da canoa caiçara em Ilhabela**. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (Org.) Enciclopédia caiçara. São Paulo: HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004. v. 1. p. 297-320.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caiçara: terra e população: estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

MATTOS, CLG; CASTRO, P. (Org). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica**. 20ª edição. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, A. C. R. **Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1999.

MOURÃO, F. A. A. **Os pescadores do litoral sul de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial**. São Paulo: Tese, Universidade de São Paulo, 1971.

MULLER, D. K.; HALL, M. e KEEN, D. **Second Home tourism impact, planning and management. Tourism, mobility and second homes – between elite landscape and common ground.** Edited by Michael Hall and Dieter K. Muller, Frankfurt Lodge, 2004.

MUSSOLINI, G. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara.** Coord. Edgar Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NÉMETH, Peter Santos. O efeito da Canoa Caiçara de um tronco só: a cultura imaterial de uma nação. **Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN.** Colaboração: Luiz Bergamann Netto. São Paulo, p.1-69, 25 de novembro de 2011.

OLIVEIRA, G.B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista da FAE.** Curitiba, v.5, n.2, 2002.

OLIVEIRA, Washington. **Ubatuba: Lendas e outras histórias.** Ubatuba: Washington de Oliveira, 1983.

PANIZZA, Andrea de Castro. **Imagens orbitais, cartas e Coremas. Uma proposta metodológica para o estudo da organização e dinâmica espacial. Aplicação ao município de Ubatuba, litoral norte, Estado de São Paulo, Brasil.** Tese de doutorado. Pós-graduação em Geografia da FFLCH, Universidade de São Paulo, USP, 2004.

PANOSSO, Alexandre Netto e LOHMANN, Guilherme. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas.** 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2012.

PEARCE, D. G. **Geografia do turismo: fluxo e regiões no mercado de viagens.** São Paulo: Aleph, 2003.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Darumá, 1995.

PETTERSON, R. **Foreign second home purchases – the case of Northern Sweden – 1990-1996.** Working Paper, 14, Centre for Regional Science, 1999.

PLOG, S.C. **A carpenter's tools: an answer to Stephen L. J. Smith's review of psychocentrism/allocentrism.** *Journal of Travel Research*, v.28, n.4, p.43-45, 1990.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** V. 29. São Paulo: Ática, 1980. (série temas, geografia e política).

RAIMUNDO, Sidnei. **AS ONDAS DO LITORAL NORTE (SP): Difusão espacial das práticas caiçaras e do veraneio no Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar (1966-2001).** Tese de Doutorado. Instituto de Geociência, PósGraduação em Geografia, área análise ambiental e dinâmica territorial. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

RAIMUNDO, Sidnei. **Em busca da sustentabilidade perdida: lazer e turismo diante das desigualdades socioambientais.** Curitiba: Appris, 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RISÉRIO, Antônio. A invenção da Praia. In: RISÉRIO, Antônio. **Uma história da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

RODRIGUES, Adyr. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1999.

RISÉRIO, Antônio. A invenção da Praia. In: RISÉRIO, Antônio. **Uma história da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.

SANTIAGO, Joao Phelipe. **Espaço geográfico e geografia do estado em Friedrich Ratzel**. Bahia: UESB, 2014.

SANTOS, Ezequiel dos. Canoas de Voga - Guerreira do litoral, símbolo de sustentabilidade plena, ícone da cultura milenar, patrimônio mundial e ferramenta cultural caiçara. **Jornal MARANDUBA News**, Ubatuba, pg. 8-9, Ano 10 - Edição 122, Julho 2019. Disponível em: <http://jornalmaranduba.com.br/wp-content/uploads/2019/07/jornalmarandubanews122web.pdf>. Acesso em 20 de out. 2019.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SCHIMIDT, Carlos Borges. **Alguns aspectos da pesca no litoral paulista**. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Secretaria da Agricultura, n. 1, pag. 24, 1947-1948 (Separata).

SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical**. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, J. G. S. da. **Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil**. São Paulo: Cemar/USP, 1993.

SILVANO, R. A. M.; VALBO-JOERGENSEN, J. *Beyond fishermen's tales: contributions of fishers' local ecological knowledge to fish ecology and fisheries management*. **Environment, development and sustainability**, v. 10, n. 5, p. 657-675, 2008.

SMITH, V. L. **Hosts and guests: the anthropology of tourism**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1977.

TIAGO, G. G.; TUTUI, S. L. S.; SECKENDORFF, R. W.; GRASSI, R. T. B.; INÁCIO, H. L. S. Análise da frota pesqueira sediada em Ubatuba, estado de São Paulo, Brasil. **Boletim Instituto de Pesca**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 71-83, 1995.

TRINDADE Jr, Saint-Clair. Estrutura, processo e forma: aplicabilidade à análise do espaço intra-urbano. *In*: CARLOS, Ana Fani. (Org). **Ensaio de Geografia Contemporânea Milton Santos: obra revisitada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Hucitec: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada**. São Paulo: Roca, 2001.

URRY, Jhon. **Globalizando o olhar do turista**. Tradução de Natália Otto. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.2, 2016, p.142-155.

URRY, Jhon. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Senac, 1996.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. Tradução GLEICE GUERRA, Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph, 2011. Série Turismo.

VERSCHLEISSER, Roberto. **Com quantos paus se faz uma canoa um estudo de casos**. 1990. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Escola de Belas Artes - UFRJ. Rio de Janeiro. 203 p.

VIANNA, M.; VALENTINI, H. Observações sobre a frota pesqueira em Ubatuba, Litoral Norte do Estado de São Paulo, entre 1995 e 1996. **Boletim Instituto de Pesca**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 171-176, 2004.

WICKENES, E. *The sacred and the profane - A tourist typology*. **Annals of Tourism Research**, v.29, n.3, p.834-851, 2002.

Sites

APALN - **Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte: dividida por setor.** Disponível em:

https://sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/511/Documentos/APAM_LN/zoneamento_APAMLN_site.pdf. Acesso em: 28 de out. 2019.

BLOQUETE. **Definição de Bloquete.** Disponível em: <http://www.lajesitaim.com.br/bloquete-cimento-calcada>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

CALENDÁRIO DE DEFESO. **Calendário de Defesos do Estado de São Paulo.** Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/portalanovomedia/2018/03/canlendario-de-defesos-3.pdf>. Acesso em: 26 de out. 2019.

CARNEIRO, ODAURYR. **Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos.** Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/135386520332002/>. Acesso em: 20 de out. 2019.

CNPA – Confederação Nacional dos Pescadores e Agricultores. Disponível em: <http://www.cnpa.org.br/conhecaCnpa.aspx>. Acessada em: 01 de out. 2019.

CONHEÇA UBATUBA. **Regularização de rancho em Ubatuba serve de exemplo para outras cidades.** 3 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.conhecaubatuba.com.br/ubatuba/Noticias.asp?Not=4370&VP=Not4370&Titulo=Rregulariza%C3%A7%C3%A3o%20de%20rancho%20em%20Ubatuba%20serve%20de%20exemplo%20para%20outras%20cidades>. Acesso em: 03 de jul. 2020.

DER - Departamento de Estrada e Rodagem. **História da Rodovia Oswaldo Cruz.** Disponível em: <http://www.rodoviaoswaldocruz.com.br/>. Acesso em: 04 de abr. 2020.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Pegar jacaré.** Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/pegar%20jacar%C3%A9/15884/>. Acesso em: 24 de mai. 2020.

EMÍLIO CAMPI. “Memórias de Ubatuba – Retalhos Históricos”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/135386520332002/>. Acesso em: 20 de out. 2019.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBio. **Cerco Flutuante.** Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/artesanal/armadilha/cerco_flutuante.pdf. Acesso em: 27 de out. 2019.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBio. **Emalhe de superfície, de meia-água e fundo.** Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/industrial/emalhe/emalhe_sup_fundo_meiaagua.pdf. Acesso em: 28 de out. 2019.

INSTITUTO DE PESCA. Disponível em: <https://www.pesca.sp.gov.br/>. Acesso em 20

de out. 2019.

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE UBATUBA, 4 de abril de 1990. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-ubatuba-sp>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

LEI Nº 11.959, de 29 de junho de 2009. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.959%2C%20DE%209%20DE%20JUNHO%20DE%202009.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,1967%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 10 de out. 2019.

LEI 9.985/00, pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm. Acesso em: 20 de out. 2019.

MAPA. **MAPA DOS LIMITES DE UBATUBA** está disponível em: <https://www.weather-forecast.com/locations/Ubatuba/forecasts/latest>, acesso em: 04 de abr. 2020.

PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO UBATUBA, **LEI NÚMERO 2892 DE 15 DE DEZEMBRO DE 2006 (Autógrafo n.º 106/06, Projeto de Lei Complementar – Mensagem Nº 53/06)**. Disponível em: https://www.ubatuba.sp.gov.br/download/LEI%202892_Plano%20Diretor_Cons%20ci
[dades.pdf](https://www.ubatuba.sp.gov.br/download/LEI%202892_Plano%20Diretor_Cons%20ci). Acesso em: 10 de nov. 2019.

MINISTÉRIO DA PESCA E AGRICULTURA (MPA). **Benefício do Defeso**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e-pesca/pesca/periodo-defeso>. Acesso em: 20 de out. 2019.

PRONAF - **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf>. Acesso em: 20 de out. 2019.

PROFROTA - **Programa Nacional de Financiamento da Ampliação e Modernização da Frota Pesqueira Nacional**, criado pela Lei 10.849, de 23 de março de 2004. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/fne-profrota>. Acesso em: 20 de out. 2019.

REPORTAGEM. **Tailândia brasileira: Ubatuba encanta com 102 praias e ilhas paradisíacas**. Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/tailandia-brasileira-ubatuba-encanta-com-102-praias-e-ilhas-paradisiacas-100019572.html>. Acesso em: 12 de set. 2020.

RODOVIA OSWALDO CRUZ. **Tudo sobre o Rodovia Oswaldo Cruz [SP-125]**. Disponível em: <http://www.rodoviaoswaldocruz.com.br/>, acesso em: 04 de abr. 2020.

TAMOIOS NEWS DE UBATUBA. **Pescadores do Litoral Norte promovem**

protesto em Ubatuba. Disponível em: <https://www.tamoiosnews.com.br/geral/pescadores-do-litoral-norte-promovem-protesto-em-ubatuba/>. Acesso em: 29 de out. 2019.

UBATUBENSE, Eventos e História da Ubatuba Antiga. **Felix Guisard, uma taubateano apaixonado por Ubatuba**, VIGNERON, Zizinho 23 de março de 2020. Disponível em: <https://ubatubense.blogspot.com/2020/03/felix-guisard-uma-taubateano-apaixonado.html>. Acesso em: 10 de abr. 2020.

UBATUBENSE. **Eventos e História da Ubatuba Antiga**. Viva Ubatuba Antiga. Disponível em: <http://ubatubense.blogspot.com/2017/03/personagem-da-nossa-historiabasilio-de.html>. Acessado em: 07 de abr. 2020.

ZONEAMENO. **Zoneamento ecológico-econômico - litoral norte São Paulo/ Secretaria de Estado do Meio Ambiente**. Coordenadoria de Planejamento Ambiental Estratégico e Educação Ambiental. - São Paulo: SMA/CPLA, 2005. Disponível em: http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/cpla/2011/05/Zoneamento-Ecologico-Economico_Litoral-Norte.pdf. Acesso em: 28 de abr. de 2020.

Filmes

CURIOSIDADES DE UBATUBA, **filmagem aérea da praia do Perequê Açú**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bDKlyNeLm78>, acesso em: 20 de nov. 2019.

APÊNDICE A – Modelo de Entrevista: Pescador/Caiçara da praia do Perequê Açú:

Modelo de Entrevista: Pescador/Caiçara da Praia do Perequê Açú (Rancho)

Nome: _____ BOX _____

Data da Entrevista: ____/____/____ Horário da Entrevista: _____

Lugar da entrevista: _____

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Local de nascimento: _____

Nível de Escolaridade: _____

Ocupação: _____

Perfil e Bairro:

- 1) Como você se considera caiçara, pescador ou possui outra terminologia?
- 2) Há quantos anos vive da pesca?
- 3) Tem outra atividade profissional além da pesca?
- 4) Como você vem para o Rancho (transporte)? Possui carro?
- 5) Você reside no Perequê Açú ou em outro bairro? Onde? Já morou aqui no Perequê? Porque não mora mais?
- 6) Há quantos anos vive no bairro?
- 7) Você já mudou de casa ao longo desses anos? Qual motivo?
- 8) O que influenciou essa troca? Você acha que foi positiva ou negativa? Afetou a questão do trabalho?
- 9) Você sabe quando surgiu o Bairro?
- 10) Tem algum fato do bairro que você lembra que foi importante?
- 11) O que mais gosta do bairro?
- 12) O que menos gosta do bairro?
- 13) O que o Perequê representa para você?
- 14) O que é morar ou ter vivido no Perequê?

Rancho:

- 1) Como surgiu o Rancho?
- 2) Por que o Rancho foi construído nesse local?
- 3) Qual o critério para ter o Rancho? Você tem alguma autorização/ contrato? Quem forneceu esse contrato?
- 4) Como conseguiu o Rancho e o Box? Você pagou por ele?
- 5) O que veio no Rancho quando você adquiriu?
- 6) Você pode fazer mudança interna e/ou na fachada do Rancho?
- 7) Tem fila de espera para ter o Rancho?

- 8) Você pode vender o Rancho? Caso queira passar o Rancho para outra pessoa, em qual órgão teria que ir para fazer esse processo?
- 9) Há quanto tempo você está no Rancho?
- 10) Você divide o box com algum outro pescador? Quantos e Quem são?
- 11) O Rancho tem luz elétrica? Tem água encanada? Há quanto tempo tem luz e água? Você paga por esses serviços?
- 12) Quantos metros possui o Rancho?
- 13) Quem cuida do Rancho? Se precisar de uma reforma quem tem que arcar com as despesas?
- 14) O Rancho é seguro?
- 15) **O que o Rancho representa para você?**

Colônia:

- 16) Você é filiado a alguma Associação, Entidade de Classe?
- 17) O que é a Colônia dos Pescadores? Para que serve?
- 18) Quando foi fundada a Colônia e qual o objetivo dela?
- 19) O que a Colônia faz por vocês?
- 20) Quem faz parte da Colônia dos Pescadores? Eles são Caiçaras?
- 21) Para quê você precisa da Colônia?
- 22) Você é obrigado a se filiar a Colônia?
- 23) Você paga alguma taxa para a Colônia? E essa taxa é revertida em que para vocês?
- 24) Você renova documento do barco na colônia? Você pode fazer em outro lugar?
- 25) Você paga INSS?
- 26) Você paga seguro para a pesca? E do Camarão?
- 27) A colônia vem visitar o Rancho?
- 28) Vocês participam de reuniões dentro da Colônia?
- 29) A colônia tem alguma influência sobre o Rancho?

Pesca:

- 30) Como você pesca: canoa ou barco a motor?
- 31) Você pesca sozinho?
- 32) Onde você pesca? Apenas na baía do Perequê ou vai para o Mar Aberto?
- 33) Que horas pesca?
- 34) Qual sua rotina diária no Rancho?
- 35) Que tipo de peixe geralmente se pesca?
- 36) Quanto peixe consegue pegar por saída/dia?
- 37) Quanto à pesca produz de ganho para você? Dá um salário mínimo no mês?
- 38) Quando quebra o barco, ou tem alguma avaria como você pesca?
- 39) Quando você não sai para Pescar? O que faz nesse dia?
- 40) Você vende peixe o dia todo, como?
- 41) Onde vende o pescado, somente no Rancho?

- 42) Você vende para os quiosques do Perequê e na Ilha do Pescador?
- 43) Como é a forma de pagamento na compra do pescado?
- 44) Quem são os seus clientes?
- 45) Você armazena os pescados aonde? Tem geladeira aqui no Rancho?
- 46) Você leva o pescado para casa?
- 47) Como você sobrevive na baixa temporada?
- 48) Você ganha do governo algum auxílio para o período de “seca”, auxílio da defesa? De qual peixe/ camarão?
- 49) Há Reclamação com algum órgão? Por quê?
- 50) **O que é ser Pescador para você?**

Turista:

- 1) Qual a sua relação com os turistas?
- 2) Existe com algum conflito com os turistas?
- 3) Como você vê a especulação imobiliária aqui no bairro? Afetou a sua vida?
- 4) Quais as mudanças você consegue identificar no bairro com a chegada dos turistas de veraneio (segunda residência)?
- 5) Qual sua maior reclamação dos turistas?
- 6) O que você mais gosta dos Turistas?
- 7) **O que é ser Caiçara para você?**

Lazer (universo simbólico):

- 1) Qual é o seu dia(s) de folga?
- 2) O que faz nesse dia? Qual é o seu lazer?
- 3) O que você faz aos sábados e domingos, dia e noite?
- 4) Qual era o seu lazer antigamente?
- 5) Usa o Rancho para alguma atividade de Lazer ou religiosa, festa? Você pode fazer algo desse tipo aqui em frente ao Rancho?
- 6) Você faz Fandango? O teu pai ou avó faziam Fandango?
- 7) Pratica alguma atividade de festividade?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “Dentro da canoa de voga: a relação socioambiental entre os caiçaras e os veranistas”.

O motivo que nos leva a estudar a relação socioambiental entre os veranistas e os caiçaras é que, da mesma forma que a face urbana de Ubatuba presenciou, a partir da década de 50, gradativamente, o crescimento do turismo, com a especulação imobiliária, os grupos caiçaras remanescentes vivenciam as transformações do território em que vivem. Na Praia do Perequê Açú, especificamente no Rancho dos Pescadores, há um grupo de caiçaras que tentam sobreviver da pesca e estabelece uma relação com os turistas de veraneio, a pesquisa se justifica para entender como se dão essas relações e de que maneira a o caiçara participa do processo de desenvolvimento local. O objetivo desse projeto é discutir as transformações socioespacial do território e os impactos socioeconômicos causados nos grupos tradicionais existentes.

O(os) procedimento(s) de coleta de material de dados será da seguinte forma: A investigação do objeto desse estudo será realizada por meio do estudo de caso na Praia do Perequê Açú, especificamente no Rancho dos Pescadores. Para o alcance dos objetivos serão utilizadas técnicas de pesquisa qualitativa como a análise de documentos, observação não participante apoiada em entrevistas. As entrevistas serão realizadas com as lideranças locais e atores de destaque no cenário do turismo do local.

Os benefícios da pesquisa então relacionados à análise do desenvolvimento do turismo para ampliar a discussão com relação aos impactos positivos do turismo no grupo tradicional e os impactos negativos tendo como parâmetro as transformações ocorridas no território/espço e com a intensificação da atividade turística nas últimas décadas.

Com relação aos riscos, podem-se considerar os mesmos mínimos uma vez que caiçaras trabalham por conta própria. Para minimizar quaisquer riscos das dimensões moral, intelectual, social e cultural foram tomadas providências como a determinação de apresentar os questionários de pesquisa dias antes da entrevista para análise, desta forma a decisão será conjunta para a realização da entrevista.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será fornecida a você e a participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima

de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
------	----------------------------	------

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
------	---------------------------	------

Nome	Assinatura da Testemunha	Data
------	--------------------------	------

Priscilla Lopes Bruno
E-mail: priscilla.bruno@usp.br
Telefone: 11.98558.6861
Rua Gastão Madeira, 697
Centro – Ubatuba/SP
CEP 11680-000

Contato - Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CEP
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Universidade de São Paulo
Av. Arlindo Béttio, 1000 Ermelino Matarazzo
São Paulo - SP CEP: 03828-000
Sala T14 - I1
E-mail: cep-each@usp.br
Telefone: 11. 3091-1046

APÊNDICE C – Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz:**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ**

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso da minha imagem e voz para fins de divulgação e publicidade do trabalho acadêmico do programa de pós-graduação em Turismo, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP), com o título da dissertação de Mestrado: Dentro da Canoa de Voga: a relação socioambiental entre caiçaras e os veranistas, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens e gravação de voz. As imagens e voz poderão ser exibidas: parcial e total, em apresentações audiovisuais, publicações (impressas ou eletrônicas), em artigos científicos, livros, congressos, seminários e qualquer outro eventos técnicos científicos, além de festivais artísticos e culturais, com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao fotógrafo/pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos às minhas imagens e voz ou qualquer outro.

_____, _____ de _____ de 20__

Assinatura

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone1: () _____ Telefone2: () _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

APÊNDICE D – Entrevista: Colônia dos Pescadores Z10:**Entrevista – Colônia dos Pescadores**

Nome: _____ No. _____

Data da Entrevista: ____/____/____ Horário da Entrevista: _____

Lugar da entrevista: _____

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Local de nascimento: _____

Nível de Escolaridade: _____

Ocupação: _____

- 1) O que é a Colônia dos Pescadores?
- 2) Qual a finalidade da Colônia?
- 3) Há quanto tempo existe a Colônia?
- 4) Como é composta a Colônia (organograma)?
- 5) Qual é a rotina da Colônia (fluxograma)?
- 6) Existem quantos membros afiliado a colônia?
- 7) Para ser filiado o quê precisa?
- 8) Tem que pagar alguma taxa? Essa taxa é revertida em quê para o Associado?
- 9) Quais os assuntos a Colônia debate?
- 10) Há reuniões semanais/mensais com os associados? Como são divulgadas essas reuniões com eles?
- 11) Qual a Relação da Colônia com o Rancho dos Pescadores do Perequê?
- 12) O que a Colônia faz pelos pescadores do Rancho?
- 13) Por que o Rancho precisa da Colônia?
- 14) A colônia vai até o Rancho, quantas vezes mês/ano?
- 15) Qual a influência da Colônia com o Rancho?

APÊNDICE E – Entrevista com os Turistas (Veranistas) da Praia do Perequê Açú:

Entrevista com os Turistas(Veranistas) da Praia do Perequê Açú

Nome: _____ No. _____
 Data da Entrevista: ____/____/____ Horário da Entrevista: _____
 Lugar da entrevista: _____
 Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino
 Local de nascimento: _____
 Nível de Escolaridade: _____
 Ocupação: _____
 Origem: _____
 Onde fica no Perequê Açú: _____
 Quantos dias ficará: _____
 Com que frequência vem a Ubatuba: _____
 Tem casa de Veraneio há quanto tempo aqui _____

- 1) Por que você escolheu o Perequê Açú para ter casa de veraneio?
- 2) O que mais gosta do Bairro do Perequê Açú?
- 3) O que menos gosta do Bairro do Perequê Açú?
- 4) Na sua visão, quais problemas o bairro enfrenta?
- 5) Quais as mudanças você consegue identificar no bairro, com o advento do turismo?
- 6) Como você vê a especulação imobiliária aqui no bairro? Afetou a sua vida?
- 7) O que o Perequê representa para você?
- 8) Qual a sua relação com os caiçaras-pescadores?
- 9) Existe algum conflito com os caiçaras-pescadores?
- 10) Qual sua maior reclamação dos caiçara-pescadores?
- 11) Você conhece o Rancho dos Pescadores?
- 12) Você sabe para que serve o Rancho dos Pescadores?
- 13) Você sabia que os pescadores do Rancho são todos caiçaras?
- 14) Você compra peixe ou camarão no Rancho dos Pescadores?
- 15) Com qual frequência compra peixe/camarão com eles?
- 16) Há quanto tempo compra peixe/camarão no Rancho?
- 17) Porque você compra peixes/camarão com eles?
- 18) Você tem preferência por algum pescador/caiçara? Por quê?

APÊNDICE F – Entrevista com os Quiosques da Praia do Perequê Açú:

<u>Entrevista com os Quiosques da Praia do Perequê Açú</u>	
Nome Fantasia: _____	No. _____
Proprietário: _____	
Data da Entrevista: ____/____/____	Horário da Entrevista: _____
Idade: _____	Sexo: () Feminino () Masculino
Local de nascimento: _____	
Domicílio: _____	
Horário de Funcionamento: _____	
<ol style="list-style-type: none"> 1) Há quanto tempo possui o Quiosque? 2) Como conseguiu o Quiosque? 3) Quais são as regras para conseguir um quiosque? 4) Quais são os principais problemas que o quiosque enfrenta? 5) O projeto original do quiosque mudou? 6) Quantos funcionários possuem? São familiares? Contratam pessoas do bairro? 7) O que mais gosta do Bairro do Perequê Açú? O que menos gosta do Bairro do Perequê Açú? 8) Na sua visão, quais problemas o bairro enfrenta? 9) Quais as mudanças você consegue identificar no bairro, com o advento do turismo? 10) Como você vê a especulação imobiliária aqui no bairro? Afetou a sua vida? 11) O que o Perequê representa para você? 12) Quantos turistas atendem na alta e baixa temporada, por dia? 13) Da onde vem à água, energia elétrica? 14) Existe tratamento de esgoto? Como é? 15) Como o lixo é descartado? Coleta municipal ou privada? 16) Quais são os conflitos/problemas com os turistas? 17) Tem alguma reclamação com os turistas? 18) Qual a sua relação com os caiçaras-pescadores do Perequê Açú? 19) Existe algum conflito com os caiçaras/pescadores do Perequê Açú? 20) Qual sua maior reclamação dos caiçara/pescadores do Perequê Açú? 21) Você compra pescados dos caiçara/pescadores do Rancho dos Pescadores? 22) Com qual frequência compra peixe/camarão com eles? E há quanto tempo? 	

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP (Plataforma Brasil):

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EACH/USP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Dentro da canoa de voga: uma relação socioambiental entre os caiçaras e os veranistas

Pesquisador: Priscilla Lopes Bruno

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 21257719.4.0000.5390

Instituição Proponente: Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.641.086

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, da EACH-USP, que visa estudar as transformações sociais e ambientais provocadas pelo turismo de veraneio nas comunidades caiçaras de Ubatuba-São Paulo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral: Discutir as transformações socioespaciais do território e os impactos socioeconômicos causados nos grupos tradicionais existentes em Ubatuba-São Paulo;

Objetivos Específicos: 1) Identificar qual o papel do Rancho dos Pescadores, na praia do Perequê Açú, dentro da cultura caiçara, 2) Entender como o processo de transformação territorial e turístico impactou na questão sociocultural do caiçara; 3) Caracterizar as atividades socioeconômicas caiçaras ligadas a suas representações materiais e simbólicas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Com relação aos riscos, podem-se considerar os mesmos mínimos uma vez que caiçaras trabalham por conta própria. Para minimizar quaisquer riscos das dimensões moral, intelectual, social e cultural foram tomadas providências como a determinação de apresentar os questionários de pesquisa dias antes da entrevista para análise, desta forma a decisão será conjunta para a realização da entrevista.

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EACH/USP



Continuação do Parecer: 3.641.086

Os benefícios da pesquisa então relacionados à análise do desenvolvimento do turismo para ampliar a discussão com relação aos impactos positivos do turismo no grupo tradicional e os impactos negativos tendo como parâmetro as transformações ocorridas no território/espaço e com a intensificação da atividade turística nas últimas décadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica e geográfica, na qual utilizar-se-á da observação participante e de entrevistas semi-estruturadas. A análise dos dados será feita por uma descrição detalhada das informações coletadas, vislumbrando a interpretação holística das situações postas no território de turismo e no território caiçara.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresenta o tema e o objetivo da pesquisa e deixa explícita a participação voluntária, garantido aos participantes da pesquisa o direito de desistirem a qualquer momento de participarem da pesquisa. Apresenta também a garantia do anonimato, no caso de publicação dos resultados em revistas científicas, e traz também os telefones do pesquisador bem como do CEP/EACH-USP. O TCLE informa sobre os riscos e benefícios e também que o documento é feito em duas vias, sendo que uma delas será entregue ao participante da pesquisa.

Recomendações:

Recomenda-se a aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1360049.pdf	17/09/2019 18:13:28		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetcanoadevoga_atualizado.pdf	17/09/2019 17:13:04	Priscilla Lopes Bruno	Aceito
Outros	Roteiro_Pesquisa_Caicara_Canoa.pdf	17/09/2019	Priscilla Lopes	Aceito

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EACH/USP



Continuação do Parecer: 3.641.086

Outros	Roteiro_Pesquisa_Caicara_Canoa.pdf	17:07:39	Bruno	Aceito
Outros	Carta_apresentacao_canoa.pdf	17/09/2019 17:03:55	Priscilla Lopes Bruno	Aceito
Folha de Rosto	caparostocanoa.pdf	15/09/2019 22:45:16	Priscilla Lopes Bruno	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_livre_concentimento_canoa.pdf	15/06/2019 20:46:42	Priscilla Lopes Bruno	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 14 de Outubro de 2019

Assinado por:
Rosa Yuka Sato Chubaci
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br